

*Laços de Amizade -
As primaveras de uma vida.*

Cássia G. Montouto



“Agradeço a Deus e às pessoas que fazem parte de minha vida, proporcionando-me sempre momentos de felicidade, reflexão e sabedoria. Agradeço, igualmente, uma banda que faz meu coração pulsar acelerado, se aquecer em noites frias, e pensar a cada dia em um mundo feito de paz, amor, felicidade, caridade e alegria. Agradeço a banda Rosa de Saron, por trazer através da música uma sintonia única ao meu coração!”

“Dedico esta obra, primeiramente, aos meus pais, fonte de minha existência, personalidade e caráter. Aos amigos e irmãos por traçarem laços de irmandade e carinho em minha vida.”

I

Clara, a música, seu amor e a Holanda.

Era o primeiro dia da primavera de 2001, na cidade de Amsterdam. O sol já iluminava o campo cheio de flores a colorir o horizonte. O vento frio batia em sua face e naquela manhã ela sentiu seu coração pulsar mais forte. Eram ventos de boas notícias no ar.

A campainha tocou, e Clara não esperava ninguém àquela hora da manhã.

- Quem será tão cedo? – pensou Clara.

O perfume de Guilherme já era conhecido e inevitavelmente ela já sentira sua presença.

- Oi, amor. Não avisou que viria, aconteceu algo?

- Vim para fazer três coisas. – respondeu Guilherme.

- Coisas boas?

- Muito boas! Pense em algo muito bom! – disse Guilherme.

- Você pra mim e agora! - disse Clara, se atirando sobre o namorado, e lhe dando um grande beijo.

Clara era uma menina meiga, terna e doce. Transparecia em seu ser toda a sua ternura e sua vontade em se doar para o mundo. Vislumbrava no amor sua fonte primária de felicidade, acima de quaisquer outras ambições.

- Há no mundo coisa melhor que sentir este amor, Gui? – perguntou Clara.

- Não há nada melhor, minha menina. – disse Guilherme.

- Mas, vim para fazer outras coisas. Além do beijo, vim lhe trazer estas flores, para lhe mostrar quão belo é o meu amor por você. E para que tenha um lindo dia, vim lhe falar que te amo muito! – disse Guilherme ofegante, como se fosse a primeira declaração de amor feita a sua namorada.

Guilherme havia levado à Clara, rosas vermelhas e brancas. Eram as flores prediletas de sua namorada. Clara aspirou o perfume das rosas e sentiu o aroma de sua última Primavera na Holanda.

- Eu também te amo muito, meu amor! Estou ansiosa para concluir meu curso. Assim, poderemos pensar em nosso futuro e em nosso casamento. – disse Clara.

- O importante é ter você, com ou sem casamento! – disse Guilherme.

- O importante é ter você pra sempre, meu amor! – concluiu Clara.

- Então se arrume. Agora tenho uma surpresa para você! – disse Guilherme.

- Adoro surpresas! Em um minuto fico pronta, me espere um instante.

Era uma fresca manhã primaveril de sábado. Clara e Guilherme teriam o dia inteiro para aproveitarem as paisagens daquela cidade afrodisíaca. Guilherme esperou ansiosamente Clara se arrumar, e juntos foram de bicicleta até um campo próximo com várias espécies de flores, cada qual com seu aroma, cor e vida.

Clara era fascinada por flores e cultivava um pequeno jardim em sua sacada.

Clara e Guilherme trocaram juras de amor, rolaram na grama daquele imenso campo e sorriam se divertindo como duas crianças.

- Amor, ainda não lhe mostrei a surpresa! – disse Guilherme.

- Ainda tem mais surpresas, Gui? – perguntou Clara.

- É claro! Irei te deixar em casa e te pego às oito. Temos de nos apressar! – disse Guilherme.

- Então vamos, só que aposto com você que chego lá primeiro! – Correndo, Clara pegou sua bicicleta, e junto a Guilherme, voltou feliz para sua casa.

O relógio antigo da casa de Clara já badalava oito horas e o sol estava se pondo no horizonte. Clara sentia um suave aroma de dama da noite no ar e o vento o espalhava por toda a sua casa. Estava ansiosa para o encontro com seu amado. Havia caprichado em seu visual. Usava um vestido vermelho, que contrastava com sua pele branca. Havia um brilho especial em seus olhos naquela noite. Seus olhos pareciam duas esmeraldas e seus cabelos brilhavam mais do que

ouro. Seu perfume se confundia com o perfume das flores e naquela noite ela estava sentindo que algo especial aconteceria. Seu coração jamais lhe enganava! A campainha tocou. Já eram oito e quinze, e como sempre, Guilherme atrasou alguns minutos, deixando Clara ainda mais ansiosa.

Por um momento, Clara não acreditara no que via a sua frente. Guilherme era um rapaz despojado, que usava constantemente roupas esportivas. Neste dia, Guilherme surpreendeu sua namorada. Com um buquê de rosas colombianas em suas mãos, vestido num atraente traje social, com um sorriso no rosto e um brilho no olhar, Guilherme estava pronto para concretizar o grande sonho de sua vida.

- Esta noite, vou pedir para as estrelas brilharem em sua direção e para sempre você será a luz que iluminará a minha vida. Eu te amo, minha menina! Casa comigo, amor? – disse Guilherme, retirando um anel de seu bolso.

Clara ficou estupefata diante daquela cena e suas lágrimas passaram a rolar em seu rosto. Seu amor por Guilherme era nítido e o que mais queria naquele momento era amá-lo para todo o sempre.

- Não preciso lhe responder meu amor. O que mais quero é viver para sempre ao seu lado. – disse Clara emocionada com aquele momento.

Naquele instante, Clara sentiu um grande aperto em seu coração. Ao mesmo tempo em que alegria da ocasião contagiava a sua alma e espírito, um arrepio interno lhe afligia, pressentindo que seus laços com Guilherme não perdurariam pela eternidade. Lembrou-se do aroma das rosas e que esta seria a sua última Primavera no país de seu amado. Pegou a mão de Guilherme e levou em direção ao seu coração, que pulsava fortemente, com batidas aceleradas e descompassadas.

- Sinta meu amor por você e se lembre dele para toda a eternidade! – disse Clara.

No momento em que Guilherme tocou sua namorada, aproximou seu corpo ao de sua amada e com muita paixão a beijou. A noite estava estrelada e a lua encantava aquele momento especial.

- Vamos? - perguntou Guilherme.

- Claro! Mas, aonde iremos? -perguntou Clara.

Guilherme havia preparado mais uma surpresa para sua amada. Estacionou seu carro à beira de um porto em Amsterdam, e naquela hora já não havia mais pessoas transitando por aquela parte. Antes mesmo de chegarem ao local, Guilherme pedira para que Clara fechasse seus olhos, até que ele a conduzisse à surpresa. E assim Clara procedeu.

- Amor, estou ficando agoniada por esta surpresa! – disse Clara.

- Calma, minha menina. Estamos quase chegando. – disse Guilherme.

Guilherme então, após estacionar seu carro, desceu e foi até perto do cais. Guilherme havia alugado uma pequena lancha para aquela noite. Estendeu um tapete em sua parte frontal. Retirou algumas almofadas que estavam em seu interior, juntamente com um vinho, chocolates e duas taças. Guilherme pegou seu violão, delicadamente, para que não fizesse nenhum barulho, e foi buscar sua namorada. Com suas mãos, fechou os olhos de Clara e a guiou até chegarem à surpresa. Neste momento, Guilherme vendou os olhos de sua amada com um lenço e pediu para que ela o acompanhasse até onde ela poderia retirá-lo. Ao chegarem próximo à surpresa, Guilherme pegou sua namorada em seu colo e a levou para dentro da lancha. Ela se sentou e sentiu que estava em um lugar confortável, parecia ser um tapete, mas Clara não conseguia identificar onde realmente estava. E então Guilherme, à luz das velas e do luar, pediu para que ela desvendasse seus olhos, e assim Clara fez.

Ao abrir os olhos, viu seu noivo com os olhos brilhando, ao toque de seu violão naquele belo cenário, cantar uma canção para ela. Guilherme havia feito aquela música para seu grande amor.

Aquele dia com certeza estava sendo mágico para Clara, e nesta noite experimentaram o gosto do verdadeiro amor.

Após algumas taças de vinho e chocolates finos, Guilherme pegou Clara em seu colo e a levou até o interior do pequeno barco, onde fez promessas de amor eterno ao seu ouvido e após despi-la vagarosa e delicadamente, a amou intensamente.

Clara foi a primeira e única mulher da vida de Guilherme, e Guilherme igualmente de Clara. Eram jovens e juntos descobriram o verdadeiro sentido da palavra amor.

Clara era brasileira e estava no último ano de seu curso de música no exterior. Guilherme era natural de uma pequena cidade da Holanda, *Haarlem*. Ele era filho de um holandês e sua mãe era brasileira. Sua mãe havia se mudado quando jovem para a Holanda, e conheceu seu pai no colegial.

O grande sonho de Guilherme era ser um cantor nacionalmente reconhecido. Mudou-se sozinho para Amsterdam, após concluir seus estudos do colégio. Semestralmente, visitava seus pais em *Haarlem*, e voltava para Amsterdam na tentativa de realizar seu sonho, de ser um grande músico. Clara conheceu Guilherme no início de seu curso, no *Concertgebouw*, uma das três melhores salas de concerto do mundo, juntamente ao Symphony Hall em Boston e o Musikverein em Viena, quando ambos iriam apresentar um número, no Festival de Música Clássica, do ano de 1998.

Naquele dia, Clara estava muito nervosa. Era sua primeira apresentação solo para um público tão grande. Naquele lugar já haviam passado grandes orquestras que interpretavam obras de renomados músicos como Ludwig van Beethoven, Georg Friedrich Händel e o seu favorito, Johann Sebastian Bach. Era um lugar magnífico e uma construção perfeita para produzir a melhor acústica que Clara já pudera ouvir. Para aumentar sua ansiedade, *Concertgebouw* era a sede da Orquestra Real *Concertgebouw*.

Clara estudava violino, e gostava de cantar e compor músicas que retratassem seus sentimentos. A boa apresentação da orquestra, desenvolvida pelo Conservatório de Amsterdam, dependia de seu desempenho solo, e ela não poderia falhar. Clara pegou seu violino e partituras e, num canto afastado, foi dedilhar as notas da série de concertos para violino e orquestra *Le quattro stagioni* – As quatro estações, de Antonio Lucio Vivaldi, e sua parte solo. Suavemente, Clara começou a tocar.

Guilherme conversava com seus amigos a alguns metros de distância, e de longe pôde escutar o som produzido por Clara. Interessou-se por aquela música, e pela serenidade que Clara transmitia em seus gestos. Despediu-se de seus amigos e foi aproximando-se aos poucos de quem seria o grande amor de sua vida. Aproximou-se mais, até chegar muito perto de Clara. Ouvia aquele som, como se fossem as vozes dos Anjos o chamando naquela direção. Sem perceber, estava lá, admirando a suavidade do toque e dos movimentos de Clara. De repente, a música terminou, e Guilherme nem se deu conta que estava na mureta acima de Clara, olhando fixamente para a garota.

Clara abriu os olhos, e se deparou com o olhar de Guilherme, admirando-a. Neste momento, ambos se olharam fixamente, e sentiram a sensação de que já se conheciam de outras vidas.

Clara, com sua delicadeza, cumprimentou Guilherme com um singelo oi, e ele chegando cada vez mais perto dela, sentou-se ao seu lado e perguntou seu nome.

Logo, Guilherme percebeu que Clara era brasileira, e contou de sua afinidade com o país, já que sua mãe também tinha a nacionalidade brasileira. Guilherme e Clara conversaram, sorriram, trocaram telefones, e assistiram suas respectivas apresentações, ela tocando violino e ele acompanhando uma grande orquestra com sua guitarra.

A apresentação de ambos foi magnífica. Clara era a delicadeza e a suavidade da música feita em pessoa, e Guilherme apresentara algo diferente, fora dos padrões da música clássica, mas que agradou de forma arrebatadora o público. No final do dia, antes de se despedirem, Guilherme acompanhou Clara até sua casa de estadia e então, antes de deixá-la, pegou em suas mãos e chegando perto de seu rosto a beijou docemente, envolvendo-a em seus braços.

Era noite de lua cheia, e as estrelas ocupavam um grande espaço no céu. As flores decoravam o ambiente, atribuindo encanto e magia para aquele episódio que se tornaria o marco de um grande e belo romance. Clara sentiu que a música, naquele dia, havia lhe trazido mais do que seu prestígio tocando em

uma das melhores salas de concerto do mundo. A música havia lhe trazido de presente, o grande amor de sua vida.

A semana começou, e Clara já usava em sua mão seu anel de noivado. Era de ouro, com formato arredondado, e contava com uma linda e pequenina pedra de diamante. Sua face abrigava a imagem estampada de sua felicidade. O final de semana havia sido perfeito, e Clara queria compartilhar com sua família, e sua grande amiga Júlia, toda a sua alegria.

Antes de sair de casa, Clara resolveu telefonar para Júlia, e lhe contar todo o acontecido no final de semana.

Júlia era sua amiga mais íntima. Clara e Júlia se conheceram por acaso no ano de 1997, na 28ª edição do Festival Internacional de Inverno de Campos do Jordão, onde passaram uma semana na mesma pousada. Nesta semana, descobriram que tinham laços de amizade, que as uniriam profundamente.

Júlia era gaúcha, mas criada no Estado de Minas Gerais, na capital do Estado. Ela tinha uma mistura de sotaque, que chamava a atenção de todos que com ela conversavam. Era bonita e dotada de muitas qualidades. Recebeu de sua mãe a educação de uma verdadeira princesa. Era formada em Medicina Pediátrica e Oncologia Médica, e exercia sua profissão com presteza, amor e dedicação. Gostava de crianças, de música clássica – assim como Clara, e esperava encontrar alguém que a compreendesse, a ouvisse e a amasse sinceramente. Era dez anos mais velha que Clara, e contava com a experiência de vida que poucas pessoas alcançam. Júlia havia passado por uma grande decepção com seu último namorado e estava um tanto quanto desiludida em encontrar um amor verdadeiro.

Júlia e Clara conversavam sobre a vida, sobre seus relacionamentos, sobre felicidade, sobre suas afinidades, e mantiveram o contato freqüente, mesmo depois da partida de Clara, no ano seguinte, para a Holanda.

Clara comentara a respeito de Júlia para Guilherme várias vezes. Seu namorado já conhecia a afinidade e carisma que ambas detinham, e a importância que Júlia representava na vida de Clara.

Depois de tantas ligações feitas para a amiga, Clara nem necessitava mais usar sua velha caderneta de telefones.

- Alô? - atendeu Júlia.

- Eu queria falar com a Ana! - brincou Clara, pois sabia que era o primeiro nome de Júlia.

- A Ana não está, mas serve a Júlia? - Júlia entrou na brincadeira ao reconhecer a voz de sua amiga.

- É claro que serve amiga! - completou Clara.

- Oi Clarinha, como você está? Como está o clima aí na Holanda? E o Gui? Já sabe quando volta para o Brasil? - perguntava Júlia, ansiosa para saber notícias de sua amiga.

Júlia era extremamente maternal com Clara. Preocupava-se com seus estudos, com seus relacionamentos, com sua saúde, com seus sentimentos. Este foi um dos grandes motivos de afeição de Clara por sua amiga.

- Estou muito bem Ju, muito bem! Entramos na Primavera e o clima está aconchegante. O Gui está ótimo, Graças a Deus! Voltarei para o Brasil somente no término de meu curso, daqui a aproximadamente seis meses. - disse Clara.

Clara temia a chegada deste dia, mas procurava não pensar e ao menos falar a respeito.

- Que ótimo amiga! Desta maneira poderemos nos ver - disse Júlia.

- Ju, eu tenho uma grande novidade para lhe contar! Ainda não falei nem mesmo para a minha família, pois queria que soubesse primeiramente! - disse Clara.

- Nossa, que honra! Então diga, vamos, estou curiosa! - respondeu Júlia.

- Eu e o Gui estamos noivos! - disse Clara, contando esmiuçadamente todo o ocorrido no final de semana. Clara contou detalhadamente como foi o pedido de casamento de seu namorado, e também sobre o luau que seu amado preparou no cais do Porto de Amsterdam.

- Que lindo, Clarinha! Parece até aqueles filmes românticos. Estou muito feliz por você, e saiba que sua felicidade é a minha, e jamais vou admitir vê-la sofrendo por ninguém. - disse Júlia.

Júlia apoiava Clara em suas decisões, em seus anseios, em sua vida. Clara confiava plenamente em sua amiga, na verdade, a enxergava como uma irmã mais velha. Eram constantes uma para com a outra, dividindo sonhos, experiências e vicissitudes. Apesar da distância, e dos dez anos de idade que as separavam, Clara e Júlia pareciam ter a mesma idade, e viverem no mesmo lugar.

- Clarinha, você é minha irmã mais nova, aquela que Deus não me deu. Sabe que sou filha única, e se pudesse ter escolhido uma irmã, essa irmã seria você! - disse Júlia.

Clara sempre foi uma garota muito emotiva, e aquelas palavras dóceis de sua amiga lhe causavam sempre muita alegria.

- E você é uma irmã para mim, Ju! Tenho você em meu coração, e prometo para ti que será eternamente minha amiga, aconteça o que acontecer. - respondeu Clara.

Após conversarem, Clara percebeu que já estava muito atrasada, e se despediu rapidamente de Júlia. Apressada, Clara pegou seu instrumento, arrumou suas partituras e colocou-as no pequeno espaço reservado para elas, no *case* de seu violino. Junto às partituras, Clara guardava fotos e escritos dos grandes momentos de sua vida. Seu violino representava parte de sua vida. Acompanhara Clara desde sua infância. Clara não poderia se atrasar, pois tinha prova no primeiro horário. Pegou sua bicicleta e foi, em pedaladas aceleradas, para o Conservatório.

Clara chegou a tempo de realizar sua prova. O professor ainda não havia chegado, para a sua sorte, pois já havia batido o sinal para o começo da primeira aula.

O programa de bacharelado do Conservatório de Música de Amsterdam era muito rígido, principalmente no que dizia respeito aos horários. Quanto à matéria, os quatro anos de faculdade eram divididos em semestres e

periodicamente os alunos eram avaliados quanto a sua capacidade criativa, condutora, vocais e instrumentais do estudo. Clara desenvolvia muito bem seu aprendizado, com um certo toque de dom e vocação para aquela arte.

Voltando para casa, após realizar sua prova de Regência, Clara se deparou com Gui, mais uma vez em sua porta.

Guilherme estava sorridente esperando por sua namorada, e havia ido à casa de Clara, convidá-la, para juntos irem à Espanha.

A popularidade de sua banda estava se espalhando pela região. Seus colegas, músicos da banda, haviam inscrito a mesma num Festival de Música que selecionaria as melhores bandas de Pop-Rock da Europa. Seria a concretização de parte de um sonho de Guilherme. No entanto, o festival seria realizado na Espanha.

Clara estava concluindo sua monografia, e não poderia acompanhar seu namorado. Não naquele fim de semana. Clara sabia que Guilherme ficaria extremamente chateado com isso, mas não poderia deixar de finalizar seu trabalho que levou mais de um ano para finalizar.

- Amor, porque não poderá me acompanhar? - perguntou Guilherme.

- Você sabe Gui, não posso comprometer meu trabalho, estou na reta final. Tenho de entregá-lo no começo da semana. - respondeu Clara.

- Está bem, não posso fazer nada. Se meu amor não é maior que seu trabalho, eu vou sozinho! - disse Guilherme.

- Amor, não vamos discutir isso! Você irá, e eu estarei aqui, torcendo por vocês. Tenho certeza que já são campeões! - disse Clara, tentando animar o namorado.

- Está bem! Amanhã estarei partindo do aeroporto, você vem comigo? - perguntou Guilherme.

- Claro, te acompanharei até lá! - respondeu Clara.

Clara ficava extremamente chateada quando isso acontecia. Ela sabia que situações semelhantes chegariam. A banda de seu namorado crescia e ganhava fama a cada dia. O fim de seu curso significava sua volta ao Brasil, e isso a

perturbava muito. Prometera a sua família que voltaria assim que o curso terminasse. Sabia que o seu namorado um dia teria de escolher entre ficar na Holanda com sua banda, ou seguir para o Brasil junto a ela. Seria uma difícil escolha para ambos, e Clara não julgaria seu namorado pela decisão que tomasse. Toda a vida de Guilherme estava na Holanda, e parte dela voltaria para o Brasil. Clara era parte da vida de Guilherme.

Clara acreditava que confiar em Deus e em seu destino, o qual acreditava estar traçado desde o seu nascimento, era o melhor a se fazer. Procurava não pensar muito em sua volta para o Brasil, e vivia os dias que tinha ao lado de Guilherme da maneira mais intensa e especial possível.

No dia seguinte, Clara acompanhou seu noivo até o aeroporto e, ao se despedirem, uma lágrima simbolizou o medo de Clara, em prever aquele momento se repetir um dia, separando-os para sempre.

Clara tinha de cumprir o que se propôs a fazer, que era sua faculdade de música. Apesar de amar Guilherme, não poderia perder tudo o que havia conquistado até então.

Clara era extremamente responsável com assuntos que envolviam a dedicação que seus pais proporcionaram a ela. Sabia que para fazer seu curso de música teve que ir contra a vontade de seu pai, pois este queria que sua filha seguisse uma profissão mais séria. Seu pai já havia falecido, e foi um grande empresário na pequena cidade de Holambra. Sua mãe lhe ensinou as primeiras notas musicais, no piano velho deixado pela sua avó. Seu irmão seguiu os passos de seu pai, e era ele quem tocava os negócios da família. Tinham uma fazenda, na pequena cidade do interior de São Paulo, e levavam uma vida tranqüila e normal, como todos moradores interioranos. Porém, detinham o privilégio de morarem na cidade das flores e contarem com a beleza exuberante daquela fazenda, construída com o suor, o esforço e a dedicação de Joaquim.

Fernando, irmão caçula de Clara, a apoiava em todas as suas decisões. Era um verdadeiro porto seguro, onde Clara sabia que poderia contar sempre que precisasse. “Nando” foi adotado quando ainda era um bebê, mas Maria e Joaquim nunca lhe esconderam que não eram os seus pais biológicos. Foi

exatamente ele que, anos antes de Clara ir para Holanda, convenceu seu pai de que a irmã deveria estudar e se formar naquilo que gostava, e que tinha grande talento e aptidão. A música. A música era a alma de Clara.

Foi quando que, pouco antes de seu pai falecer, Clara recebeu o convite de seu Maestro, para concorrer a uma bolsa de estudos na Holanda, pois era destaque na pequena banda da cidade de Holambra.

Holambra era a terra natal de Clara. Era uma cidadezinha muito parecida com a Holanda, e sua criação teve como inspiração as flores e a cultura Holandesa. Clara se identificava muito com a sua cidade. Era apaixonada por flores e pelo clima Europeu de Holambra. Foi nesta pequenina cidade, que Clara viveu toda a sua infância e adolescência. Guardava lindas lembranças da cidade, principalmente de seu pai e de sua família.

Na fazenda onde Clara fora criada, havia uma imensidão de flores e o molde próprio da tradição holandesa. Cresceu junto ao irmão Fernando, percorrendo os campos e nadando pelos riachos. Convidava, freqüentemente, seus amigos da escola para passearem e fazerem piquenique sobre o grande gramado verde, que encobria a área lateral de sua casa. Aprendeu a lidar com as flores desde menina, e sustentava um amor imenso por elas. Clara sentia a vida desabrochar como o movimento das flores. Nasciam, cresciam, descobriam sua beleza, sua essência, e depois de encantarem o mundo, morriam, deixando sementes em solo fértil, renascendo sempre mais belas para a vida.

Clara não poderia perder aquela oportunidade de estudos em terra que se assemelhava a de sua criação e história, e sem hesitar resolveu concorrer àquela bolsa de estudos. Seria um grande e marcante traço em sua vida.

Clara realizou a prova que selecionaria os cinco alunos brasileiros, para estudarem na Holanda. Estava muito apreensiva no dia, mas realizou sua prova

e teste prático, com a mesma serenidade e paixão que alimentava por aquela arte.

Juntamente com quem seria seu grande amigo durante o período acadêmico, no Conservatório de Música de Amsterdam, Edu, Clara foi aprovada e seguiu viagem para a Europa. Seriam quatro anos de muita alegria vividos na cidade das flores, na Veneza do Norte.

II

Júlia, John, Edu – Laços de Amizade.

Vendo o avião partir e desaparecer aos poucos ao longo do horizonte, Clara ouviu seu telefone tocar, e uma mensagem apareceu em sua tela. Era Júlia dizendo que em poucos dias iria para a Holanda. Júlia realizaria um curso em Amsterdam, e aproveitaria a oportunidade para ver sua amiga Clara.

No mesmo instante, Clara enxugou suas lágrimas. Aquela notícia era muito boa, pois fazia quatro anos que não via sua amiga. Clara teve contato próximo com Júlia em uma única oportunidade, na pousada em Campos do Jordão, no festival de música clássica, em que várias orquestras do mundo se apresentaram. Clara não perderia aquele festival de maneira alguma, e foi neste ano que o encontro entre Júlia e Clara fez nascer uma linda amizade.

Após se conhecerem, as amigas trocaram endereços e telefones, e mantiveram o contato durante todos os anos subsequentes. Mesmo por telefone, as amigas compartilhavam aniversários, Natais, réveillons, carnavais e tudo o que viviam diariamente.

Clara resolveu lanchar perto do Aeroporto e logo depois retornou para sua casa. Após colocar em ordem suas coisas, resolveu tocar uma canção. Estava só, e precisava da presença das pessoas que amava, para se sentir segura. A música lhe trazia esta paz que almejava. Clara abriu seu violino, e colocando sua mão por entre o vão onde guardava as partituras de suas músicas preferidas, sem querer, pegou uma foto. Era a única foto que Clara tinha com Júlia, e nela estavam alegres e sorridentes, curtindo o frio e a música de Campos do Jordão. Estavam felizes por terem tido a oportunidade de se conhecerem.

Clara separou a foto para mostrar para sua amiga quando ela chegasse. Neste mesmo dia, Clara ligou para sua mãe e avisou sobre a notícia da ida de Júlia à Holanda. Sua mãe e seu irmão conheciam Júlia pelas histórias contadas por Clara, e pela alegria com que Clara falava e se referia a sua amiga. Clara era muito agradecida à Júlia, pela preocupação, zelo, carinho e tempo que depreendia a ela.

Clara confirmou ao telefone quando que Júlia chegaria à Holanda. Seria dali a dois dias e ficaria o final de semana inteiro. Clara contava os minutos para reencontrar sua amiga. Há quatro anos havia conhecido alguém que vivenciou com ela os melhores momentos de sua trajetória na Holanda, no entanto, havia visto Júlia uma única vez. Sentia saudades da amiga e uma enorme vontade de estar ao seu lado.

Clara, então, se deparou em oposição com seus próprios pensamentos. Desejava que o tempo passasse rapidamente para poder rever seu amado, e, por outro lado, queria que aquele final de semana, o qual reencontraria a sua amiga, durasse o tempo suficiente para juntas passearem, se divertirem pelo país, e matarem as saudades dos longos quatro anos em que estiveram distantes.

Em suas horas vagas, Clara costumava compor canções. Sentava-se com seus instrumentos na pequena varanda de sua casa, apagava as luzes e assistindo o céu estrelado, se inspirava para cantar as melodias que recordavam seus momentos felizes com sua família e com as pessoas que amava.

Algumas vezes Clara chorava sozinha, outras vezes sorria sozinha. Quando não estava na presença de Guilherme, ou conversando ao telefone com sua família e Júlia, estava no conservatório ou viajando em seus pensamentos mais profundos.

Desta vez, Clara pensava em como seria bom rever sua amiga, e ao mesmo tempo, pensava como seria seu retorno para o Brasil e o que poderia acontecer com o seu namoro. Guilherme poderia retornar para o Brasil com Clara e traçar um futuro ao seu lado, como também, poderia escolher continuar na busca

pelos seus sonhos, junto a sua banda. Clara apoiaria qualquer decisão de seu namorado, desde que o sentisse feliz. No entanto, Clara sabia que seria difícil suportar a distância de seu amado, e isso a afligia.

Cantando, pôde aliviar a aflição, como que pedindo suas respostas em oração. Dedilhando seu violão, ouvia o som de seu coração, pedindo a Deus que trilhasse o seu caminho.

O dia amanheceu e, com muito sono, Clara se levantou para ir para a primeira aula do dia. Tomou um banho, lavou os cabelos, e se perfumou. Apesar da chegada da Primavera, o vento frio ainda percorria pelas ruas e canais de Amsterdam. Clara vestiu uma calça de lã, uma blusa delicada, típica da Holanda, e calçou uma bota. Recobriu-se com uma blusa em lã, verde, em formato de xadrez, e complementou seu traje com luvas, cachecol e boina. Clara passava, despercebidamente, por uma típica mulher Holandesa. Pegou seu violino e o colocou em suas costas, firmando o *case* com suas alças entrelaçando pelos seus braços e de bicicleta foi pedalando até o conservatório de música.

Clara adorava sua rotina, sua vida, o país que lembrava tanto sua terra natal. Era uma aluna dedicada e se destacava pela sua capacidade de se completar com a música. Seus professores ficavam fascinados com sua garra, coragem e determinação. Era uma menina ainda jovem, mas que atravessara o oceano sozinha, para concretizar seu sonho de ser uma grande musicista.

Logo depois da aula, Clara foi para seu estágio onde lecionava para uma pequena turma de alunos. Era uma escola de música, e sua classe era formada por crianças de 6 a 8 anos. Era realmente uma “pequena” turma de alunos. Sua função era lecionar iniciação musical para as crianças, as quais tinham grandes dificuldades em lidarem com um instrumento tão complexo: o violino.

Clara era dotada de uma afetividade imensa com seus pequenos alunos. Tinha calma, paciência, e transmitia tudo com grande serenidade. Edu era seu colega

de estágio. Foram aprovados juntos para aquela bolsa de estudos, e desde então se tornaram grandes amigos. Edu namorava Gisele, que era estudante de Artes Cênicas na Universidade de Amsterdam.

Clara e Edu compartilhavam suas experiências de vida e de estudos. Além de fazerem todos os trabalhos juntos, estagiavam para a mesma turma. Em suas horas livres os amigos com seus respectivos namorados aproveitavam os dias em parques, campos, viagens e as belas noites Holandesas.

Ao sinalizar o recreio dos alunos, Clara foi arrumar seus materiais para retornar para sua casa. Neste momento, ao pegar seus objetos em seu armário de canto, foi surpreendida por John, seu aluno mais novo e muito apegado a ela.

- Oi, John! – disse Clara ao ver o menininho sozinho e triste, ainda sentado em sua carteira.

John não respondeu ao chamado de sua professora. Clara então deixou suas coisas, e foi até o menino. Clara pegou as mãozinhas de John e viu um olhar triste em seu rosto.

- O que houve, querido? Por que não foi para o recreio junto com seus amigos? – perguntou Clara.

- Estou com medo, Clarinha!

- Medo, John? Medo do que?

- Sim, professora! Estou com muito medo de te perder! – disse John, com lágrimas em seus olhos.

- Mas, quem disse que você irá me perder? Eu estou aqui! – disse Clara tentando acalmá-lo.

- Me disseram hoje que você vai embora para o seu país, e vai nos deixar! Nunca mais irei te ver e estou com muito medo disso acontecer! – disse o pequeno garoto.

Clara engoliu a seco, pois sabia era uma verdade, e não poderia mentir para seu aluno.

- John, eu tenho minha família lá no Brasil e eles sentem minha falta. Prometi um dia a eles que voltaria e assim será. Mas, lhe avisarei antes de ir e voltarei sempre que possível para visitá-lo. Eu prometo. – disse Clara.

O menino sorriu diante de sua professora. Ele sabia que era um aluno especial para ela. Clara detinha uma grande afetividade com as crianças, em especial com John. Alimentava um grande sonho de ser mãe e via, nos olhos daquele pequeno anjinho, parte da concretização de seu sonho.

Clara ficava agoniada ao pensar que poderia se separar de Guilherme, e não realizar seu grande sonho, de ter com ele um filho, fruto daquele amor.

- Sabe como se chama meu músico preferido, John? – perguntou Clara.

- Não professora, como ele se chama? – respondeu John.

- Johann! Johann Sebastian Bach! Muito parecido com o seu nome! Por isso sei que você será um grande músico, assim como ele! – disse Clara iluminando novamente o olhar de seu pequeno príncipezinho.

- Agora fique feliz, John! Vamos, pegue seu violino e trate de tocar uma música para mim! – disse Clara.

O garotinho pegou seu instrumento e de forma desajeitada tocou uma parte de *Happy Birthday* para Clara.

Clara piscou e, pegando seu violino, acompanhou John naquela canção. Ao finalizar, John sorriu para Clara e timidamente pendia o arco do violino para sua direção, desejando que o instrumento o escondesse.

- Parabéns, meu pequeno garotinho! – disse Clara ao finalizar a música.

- Não vale, professora! Foi você quem tocou, e só ficou bonita por isso! – disse John.

- Não, não! Tocamos juntos! E se não fosse você, eu não teria com quem fazer a segunda voz da música! – disse Clara.

Sorrindo o pequeno John abraçou sua professora.

- Te amo, professora! – disse John.

- Idem, John! Eu também te amo muito, meu garotinho! – disse Clara ao abraçar seu pequeno aluno.

Era manhã de quinta-feira, e Clara já estava no aeroporto à espera de Júlia. A aterrissagem do vôo de sua amiga estava prevista para as nove horas da manhã.

Quando completou nove horas e dez minutos já se via o avião se aproximar. Ouvia-se o som das turbinas e o pouso se deu de forma calma e tranqüila. A porta do avião se abriu e de longe Clara tentava visualizar Júlia, observando ansiosamente os passageiros descerem.

Em fim, na plataforma de desembarque, sem quaisquer dúvidas, Clara avistou sua amiga e ao se aproximarem, sem mais esperar, lhe deu um abraço acalorado.

- Como estou feliz por te ver, Ju! – disse Clara.

- Eu também, Clarinha! Estou muito feliz por te ver. – respondeu Júlia.

Júlia já havia feito sua reserva no hotel onde aconteceria o curso o qual iria realizar. Clara acompanhou sua amiga até o hotel que se localizava no centro de Amsterdam e antes de se despedirem combinaram de se encontrarem pela noite, para saírem pela cidade.

Júlia subiu até o seu quarto, acompanhada por um mordomo holandês que falava sua língua. Acomodada no luxuoso dormitório pôde ver o horizonte da cidade de Amsterdam. Era lindo e Júlia contemplava cada detalhe. Depois de desfazer suas malas, Júlia adormeceu até o fim da tarde.

A noite já caía e Júlia acordou subitamente, como se estivesse atrasada para algum compromisso. Era a diferença de fuso horário. Aproveitou para levantar-se e tomar um banho, já que se encontraria com sua amiga dali a poucas horas. Descansada, após um longo banho de banheira, se vestiu e enviou uma mensagem para Clara dizendo que estava se arrumando para saírem. Júlia queria ficar muito bonita naquele dia para ver sua amiga. Ao finalizar a mensagem, em um gesto de carinho, disse para Clara, em siglas, que ela era uma amiga especial.

Ao receber a mensagem, Clara não entendeu muito bem o que a amiga escreveu ao final, e deixou para lhe perguntar pessoalmente. Entrou no banho, e logo após se arrumou. Ligou para Guilherme, conversou sobre o festival, comentou da vinda de sua amiga e que iriam sair naquela noite.

Guilherme estava apreensivo para sua apresentação que aconteceria na sexta-feira, durante a noite. Já havia passado o som naquele dia e estava hospedado em um hotel junto com sua banda.

Guilherme ficou muito feliz em saber que Júlia estava em Amsterdam. Desta maneira, Clara não ficaria tão sozinha naquele final de semana.

Quando já estava pronta, Clara apagou as luzes, pegou sua bolsa, a chave de seu carro e documentos, trancou sua pequena casa e foi pegar sua amiga para se divertirem.

Chegando a frente do hotel, Clara estacionou seu carro, e pediu para que a recepcionista chamasse Júlia até o *lounge*, onde Clara estava a sua espera.

A recepcionista assim procedeu e em alguns minutos Júlia desceu ao encontro de sua amiga.

Clara estava sentada e se levantou assim que viu sua amiga. Júlia estava linda e reluzente, deu um abraço em Clara e perguntou para onde iriam.

- O que você prefere, Ju? – perguntou Clara.

- Você que conhece a cidade, Clarinha! Confio em você! – respondeu Júlia.

- Sei de um lugar muito gostoso que tem aqui perto de um canal. É um barzinho com música ao vivo, mas os clientes são os que realizam o show. Topas? – perguntou Clara.

- Fechado! Adoro música, e você não precisa nem comentar, não é mesmo? – concordou Júlia alegre por rever Clara.

Chegando ao barzinho, Clara observou que não havia muitas pessoas. Era um ambiente muito gostoso e agradável para quem gostava de conversar e se divertir cantando.

Em sua adolescência, Júlia recebeu aulas de piano e tocava divinamente bem. No entanto, preferiu fazer a faculdade de medicina que também detinha grande vocação. Era uma médica extremamente competente e conceituada no ramo de seu ofício. Clara era inteiramente coração. Adorava música, e tudo que era belo mexia com seus sentimentos. Vivia em função de propagar o amor, e dava grande importância aos seus amigos, a sua família, alunos, profissão e claro, ao seu grande amor.

Naquela noite, as duas amigas se divertiram como duas crianças. Em cada mesa havia um cardápio com músicas que poderiam ser tocadas pela banda. Cada pessoa escolhia uma música, e assim que chegava sua vez, podia subir ao palco para cantar.

Como Júlia era mais tímida, Clara resolveu cantar primeiro. Clara já havia por diversas vezes passado por aquela situação com Guilherme, e tinha que transmitir tranquilidade para Júlia, para que ela subisse ao palco e cantasse também.

Clara escolheu uma música brasileira. Era Garota de Ipanema, uma música muito conhecida no exterior. Terminou de cantar e foi aplaudida por todos que estavam ali, principalmente por sua amiga que nunca havia visto Clara cantar.

Chegou o momento em que Júlia tinha de escolher sua música. Clara ajudou a amiga a selecionar a música que cantaria, e mais uma vez optaram por uma música brasileira. Esta era interpretada por Elis Regina, e, também, muito conhecida fora do Brasil. Um pouco envergonhada com o público, Júlia tremia ao interpretar a música, mas cantou Águas de Março do início ao fim, e foi, igualmente, aplaudida ao final.

- Menina! Não acredito que consegui fazer isso! – disse Júlia.

- Conseguiu, e foi espetacular! – disse Clara.

- Obrigada Clarinha, está sendo uma bela viagem! – disse Júlia.

- Não tem de agradecer nada, Ju! Sua presença me alegra!

Júlia e Clara ficaram por algum tempo naquele bar, cantaram tantas outras músicas, e conversaram sobre a vida. Clara sentia a necessidade de falar com alguém sobre os seus medos em relação ao seu destino com Guilherme, e neste dia contou todas as suas aflições para Júlia.

- Mas, não estão noivos, Clarinha? – perguntou Júlia.

- Estamos, mas meu coração não sente que vamos ficar juntos! – respondeu Clara.

- Espere então, que o tempo lhe dirá! Não sofra antecipadamente! Viva um dia de cada vez, sempre bem, feliz e radiante assim como você é! Jamais perca seu sorriso, pois ele vem de dentro de você para o mundo. Apesar de contarmos

com o mundo para completar nossa felicidade, jamais devemos entregar a ele a nossa capacidade de amar. Essa é somente nossa! – disse Júlia para sua amiga.

Clara contava com a maturidade e experiência de vida de Júlia para tomar suas decisões.

Na volta para o hotel as amigas conversavam e sorriam alegres por estarem juntas. Clara estacionou o carro em frente ao hotel, e continuaram conversando durante algum tempo.

Júlia tinha de ir ao curso durante o final de semana e retornaria para o Brasil no domingo pela noite.

Conversaram até o sol nascer, e não tinham pressa para irem embora. Afinal, não sabiam quando poderiam se encontrar novamente. Despediram-se e Clara voltou para a sua casa. Clara estava exausta, mas muito feliz.

Era manhã de sexta-feira, e já era dia quando Clara havia se deitado. O telefone tocou por várias vezes, mas Clara não percebeu. Dormia serenamente, e naquele dia sentiu uma paz enorme tomar conta de seu ser. Ao levantar, Clara percebeu que Guilherme já havia ligado várias vezes em seu telefone, e se lembrou que aquele dia seria o dia da apresentação de seu namorado. Tomou um banho, e resolveu que naquela manhã não iria para seu curso. Teria somente uma aula e aproveitaria o tempo livre para finalizar alguns pontos de seu trabalho.

Rapidamente pegou seu telefone e ligou para Guilherme.

- Alô! – atendeu Guilherme.

- Bom dia, meu amor! - disse Clara.

- Bom dia, amor! Como foi a noite com a Júlia? – perguntou Guilherme.

Clara contou de como havia se divertido com sua amiga. Já estava morrendo de saudades de seu amado e queria muito apresentá-lo para Júlia.

- Boa sorte hoje no festival, amor! – disse Clara.

- Obrigado! – respondeu Guilherme.

Clara indagou a possibilidade de Guilherme retornar antes que Júlia fosse embora, mas Guilherme a informou que o vôo já estava previsto para domingo pela noite.

Guilherme se despediu carinhosamente de sua namorada dizendo que a amava muito, e que estava sentindo a sua falta.

- Idem, meu amor! Eu também te amo muito! – disse Clara antes de desligar o telefone.

Clara foi almoçar um pouco longe de sua casa, no caminho contrário do conservatório, em um restaurante de comida típica da Holanda. Ainda que longe, Clara reconheceu seu amigo Edu. Assoviou para que o amigo percebesse sua presença. A mesa de Clara estava posta sobre a calçada da rua e do outro lado se avistava um canal que ligaria os navegantes até perto do conservatório que estudavam. Edu olhou rapidamente para trás e avistou Clara. A menina o convidou para almoçar junta a ela, e ele aceitou.

Sentaram-se e logo pediram o cardápio. Clara adorava batata frita, e Edu não gostava nenhum pouco de chocolate. Clara então escolheu a comida e Edu ficou por conta de escolher a sobremesa. Apesar de não terem tantas afinidades e gostos em comum, Clara e Edu se davam muito bem. Viviam um relacionamento de irmandade e se respeitavam como amigos.

Clara e Edu já haviam se adaptado à culinária holandesa, apesar de não contar com tantas variedades no cardápio, como no Brasil. Sempre havia batatas em seus pratos, molhos diversos, e saladas das mais variadas possíveis.

Edu falou de seu namoro, e de sua família. Seus pais também moravam no Brasil e estavam atravessando uma crise no casamento. Edu sentia muito o fato de estar longe e não poder apaziguar a situação. Conversava muito com sua mãe e lhe afligia vê-la sofrendo por causa do pai, pois ela o amava. Os pais de Edu não programaram seu nascimento e as brigas entre o casal eram constantes, desde o início do relacionamento. Clara pediu para que o amigo não se preocupasse e colocasse toda a situação nas Mãos de Deus, e que ao final tudo

se resolveria. Clara considerava o amigo uma benção em sua vida, e não poderia vê-lo sofrer. Com seu jeito terno de ser, Clara sempre conversava com as pessoas com palavras dóceis, e transmitia paz para quem estivesse ao seu lado.

Clara era extremamente religiosa. Mas, não se apegava a sua igreja, e sim aos preceitos maiores que considerava que vinham do coração. Era católica, mas aberta para posicionamentos diferentes, desde que propugnassem a paz, a fé, a esperança, a caridade, a alegria e o amor. Admirava o budismo e detinha uma filosofia de vida centrada em princípios desta religião, juntamente com o que aprendera desde nova como Cristã.

- Edu! – disse Clara chamando o amigo.

- Fala Clarinha – respondeu Edu.

- Posso lhe fazer uma pergunta?

- Claro, faça!

- Você acha que o Gui voltaria comigo para o Brasil, após a minha formatura? – perguntou Clara.

- Pergunta difícil, Clarinha! – respondeu o garoto.

- Diga a verdade, você acha que o Gui iria comigo?

- Não sei, Clara! Você sabe que a banda e a música são muito importantes na vida dele, é seu grande sonho ser um músico aqui na Holanda! – disse Edu.

- Será que é mais importante do que o nosso amor? – perguntou Clara.

- Somente o tempo para lhe disser isso minha amiga! – respondeu Edu.

O tempo era uma peça importante na vida de Clara. Os últimos seis meses na Holanda definiriam sua vida, sua história e seu destino.

- E se eu ficasse? – perguntou Clara.

- Suportaria abrir mão de seus sonhos em São Paulo, e de sua família que te ama? – perguntou Edu.

- Ainda não sei. O amor que sinto pelo Gui é muito forte, mas as situações me colocam em cheque. Queria me dividir em duas! – disse Clara sorrindo.

Clara e Edu almoçaram, e Clara aproveitou para concluir alguns tópicos de sua monografia. Edu era seu companheiro de defesa, e conversaram bastante a

respeito da finalização do trabalho. Colocaram os itens importantes em pauta, e pediram um refrigerante para finalizarem o almoço.

Neste instante o celular de Clara vibrou. Era Júlia. Iria passear pela cidade e convidou Clara para acompanhá-la. Clara que não contava com aquela programação se animou e chamou Edu para conhecer sua amiga que tanto lhe falava.

- Vamos Edu, será divertido! – disse Clara.

- Não sei, eu não a conheço! – respondeu Edu.

- Não seja tímido, eu te apresento ela e o problema está resolvido! – disse Clara em tom de brincadeira.

- Está bem, mas não posso demorar, pois marquei com a Gisele de pegá-la na faculdade. – disse Edu.

- Está bem, então vamos! – disse Clara pegando suas mãos e o levando até seu carro.

Chegando a frente do hotel, Clara ligou diretamente para Júlia. Rapidamente Júlia desceu e entrou no carro.

- Ju, este é meu amigo Edu! – disse Clara.

- Prazer Edu, sou a Júlia, irmã mais velha dessa “serelepe”! – disse Júlia contente em estar ali.

- Prazer Júlia, sou Edu, o irmão mais novo dessa “serelepe”! – brincou Edu olhando para Clara.

- Então estamos todos em família! – complementou Clara sorrindo para seus amigos.

Juntos, Clara, Júlia e Edu passearam pela cidade. Encontraram vários turistas passeando como eles também. O clima estava gostoso, mas ainda assim tinham de se protegerem do pouco frio que ainda fazia. Depois de muito andarem, Clara propôs um passeio diferente. Foram até uma rua um pouco declinada, estacionou o carro, tirou seus patins e os de Guilherme de carro, e entregou um par para que Júlia andasse com ela.

- Mas Clarinha, eu não sei andar! – disse Júlia.

- Vou te ensinar, calce-o! – pediu Clara.

Clara rapidamente se levantou e como uma ave abriu seus braços e desceu a rua sentindo o vento bater em sua face. Neste momento pensou em Guilherme, em Edu, em sua amiga Júlia, em sua família, nas lembranças de seu pai e agradeceu a Deus pela vida que tinha.

- Vamos, Ju! Levante-se! – disse Clara retornando ao ponto onde estavam.

- Não consigo! – respondeu Júlia.

- Consegue sim, Ju! Calce-os que ajudarei a te segurar, junto com a Clarinha! – disse Edu.

- Ju, tem que sentir como é bom respirar este ar puro. É milagre de Deus. Minha vida, nossa amizade, meu amor, minha família, meus amigos. São bênçãos de Deus. – disse Clara feliz por aquela semana.

Com a ajuda de Edu, Clara levantou sua amiga e juntas deram alguns passos com os patins. Júlia estava amedrontada, pois não conseguia se equilibrar. A cada vez que Júlia ameaçava cair, Clara e Edu a segurava, e juntos riam muito daquelas cenas que ficariam guardadas na memória deles por muito tempo.

Edu se lembrou de Gisele e se despediu de Clara e Júlia. Estavam perto da faculdade e demoraria pouco tempo para que ele chegasse até lá.

Clara e Júlia voltaram para casa de Clara, e dessa vez Júlia a acompanhou.

- Entre, Ju! Fique a vontade. – disse Clara.

Júlia entrou e passou a observar cada cantinho da casa de Clara. Era tudo muito bem organizado e decorado por Clara. Cada quadro, sua Bíblia, seus anjinhos que decoravam a sala, cada porta retrato, os instrumentos de Clara.

- Que lindas as suas fotos, Clarinha! Este deve ser o tão famoso Gui! – disse Júlia pegando um porta retrato onde Clara e Guilherme estavam num canal em Amsterdam.

- É sim, este é meu amado namorado! Eu amo ele mais que tudo nesta vida, mais do que minha faculdade, mais do que meu futuro. Mas, não voltar para o Brasil seria uma decepção muito grande para a minha família, após tanta luta

para estar aqui fazendo este curso e meu sonho em tocar na OSESP. – explicou Clara.

- E o que irá fazer, Clarinha? – perguntou Júlia.

- Ainda não sei, Ju! Mas, tenho medo de pensar em perder o meu amor! – respondeu Clara.

Clara preparou um suco com alguns aperitivos para tomarem no café da tarde. Clara se lembrou do que havia guardado para Júlia e foi até o seu quarto. Em seu violino repleto de fotos com Guilherme, pegou a foto antiga que havia separado para Júlia. Havia revelado uma cópia para guardar de lembrança e levou a original até a sala onde Júlia estava a sua espera. Atrás da foto Clara escreveu algumas palavras que impressionaram Júlia pelo seu teor.

“Para minha amiga que considero uma irmã, com muito amor e carinho! Você é Especial! - Clara.”

Naquele momento Júlia ficou perplexa. Era exatamente a frase que havia escrito em siglas para Clara no dia anterior: “Você é especial”, e sem lhe falar nada, recebeu a foto com o mesmo conteúdo.

- Somos irmãs de outras vidas, Ju – disse Clarinha.

- Ou talvez dessa! – disse Júlia brincando com Clara. – És minha irmã caçula, minha irmã de coração!

Clara e Júlia se despediram e combinaram que iriam caminhar perto do porto durante a noite. Clara levou Júlia até o hotel e voltaria dali algumas horas para pegá-la.

Foi o tempo exato de chegar a sua casa e se arrumar. Três horas se passaram na fração de um segundo e Clara telefonou para Júlia. Desta vez, como saíam para caminhar, Clara deixou seu carro em casa.

Pegou um taxi e foi até o hotel de Júlia. De lá, foram andando até perto do porto cercado de barcos, lanchas e grandes navios atracados no cais.

Andando conversavam como se estivessem se conhecendo ali. Sempre tinham novos assuntos, novas experiências para contarem e diversas afinidades que

descobriam dia-a-dia. Por fim, Clara descobriu que Júlia era nascida na mesma cidade que sua mãe havia crescido. Ambas eram de Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina.

Maria, mãe de Clara, havia vindo para São Paulo quando ainda era moça. Conheceu seu esposo Joaquim quando morava no Sul, e ambos vieram para São Paulo depois que se casaram.

Viveram juntos até a morte de Joaquim. Formavam um belo casal, e juntos tiveram uma vida tranqüila. Criaram seus dois filhos com muito esforço, e construíram um grande império na pequena cidade de Holambra. Era denominado pela cidade como o Império das Flores.

Júlia contou que fora criada somente por sua mãe, e não chegou a sequer conhecer seu pai. Sua mãe nunca lhe contou quem era seu pai. Júlia falou também que havia perdido sua mãe, pouco antes de conhecer Clara. Clara ainda não conhecia o passado de Júlia e estava surpresa em saber um pouco de sua vida e sua infância.

Apesar do contato que as duas amigas mantiveram durante mais de quatro anos que Clara estava no exterior, nunca haviam conversado a fundo sobre suas raízes.

Contavam e compartilhavam as vicissitudes do dia-a-dia. Júlia sempre se preocupava com Clara, criando um laço de amizade com a amiga que, aos poucos, conquistava seu coração.

Clara amava sua amiga, e já não imaginava sua vida sem a sua presença, que já era constante. Júlia havia se tornado para Clara seu apoio, sua confidente, sua irmã, sua conselheira. Era mais do que simplesmente sua amiga.

Depois de muito andarem pela cidade, chegaram frente à esquina que findaria na casa de Clara.

Júlia foi com Clara até sua casa e de lá chamou um táxi para que a levasse até o hotel o qual estava hospedada.

Já eram altas horas da noite quando Clara se lembrou da apresentação de Guilherme. Imaginou que o festival acabaria mais tarde e resolveu tomar um banho antes de telefonar para ele.

Após se deitar, Clara ligou para Guilherme e ficou feliz pela notícia que recebera.

- Amor! – disse Guilherme eufórico.

- Diga, Gui!

- Clarinha, minha amada namorada, nossa banda está na final! – disse Guilherme contente por ter conquistado o que sempre almejava.

- Que ótimo amor, fico muito contente por você! - respondeu Clara.

- Voltarei domingo e estou louco de saudade, com muita vontade de te ver, para te encher de beijos! – disse Guilherme.

- Eu também estou morrendo de saudades, meu amor! – disse Clara.

Guilherme se despediu de Clara, pois a banda iria se reunir para comemorarem. Clara havia ficado muito feliz em sentir a felicidade de seu noivo, no entanto, quanto mais ele se aproximava de seu grande sonho, mais distante Clara se sentia dele.

Era manhã de sábado, e Júlia rapidamente se levantou e se dirigiu à sala de reuniões do Hotel. Lá seria realizado o curso o qual Júlia havia se inscrito. Era um curso lecionado por um dos melhores especialistas em Oncologia Pediátrica do Mundo. O curso durou todo o dia, e terminou somente às dezoito horas. Exausta, Júlia retornou ao seu quarto e adormeceu.

Assustada, Júlia acordou e percebeu que já era madrugada. Levantou-se para tomar seu banho e comer alguma coisa. Lembrou-se de Clara e dos dois dias ao lado de sua grande amiga. Sabia que teria de conquistá-la aos poucos, e que logo teria de lhe contar algo muito importante.

Júlia temia perder a amizade de Clara. Já amava sua amiga profundamente, e isso era o que mais importava naquele momento para Júlia.

O dia amanheceu e Júlia retornou para o segundo dia do curso. Era domingo e o curso terminaria no horário no almoço. O dia estava lindo. Como Júlia sabia que iria embora naquele dia, ligou para Clara e combinou de se verem no hotel, após o almoço, enquanto Júlia arrumaria sua bagagem para retornar ao Brasil.

Clara estava em casa digitando a conclusão de seu trabalho quando Júlia ligou para ela. Resolveram se ver e de lá Clara a acompanharia até o aeroporto onde Júlia embarcaria.

Chegando ao hotel, Clara se dirigiu até a recepção onde já constava a autorização para que ela subisse até o quarto de Júlia.

Júlia já esperava pela amiga, e ao ouvir a batida na porta de seu quarto foi correndo para atendê-la.

- Oi, Clarinha! Que saudade! – disse Júlia abraçando sua amiga.

- Oi, Ju! Também estou com saudades! – disse Clara.

- Entre, vamos! Tenho que te mostrar algumas coisas! – disse Júlia.

Clara entrou e sentou-se na cama do quarto de hotel. Júlia já havia almoçado e arrumava suas bagagens enquanto conversava com Clara. Sempre que Júlia e Clara conversavam, o tempo voava. Conversavam sobre muitas coisas e se sentiam bem quando estavam perto uma da outra ou mesmo ao telefone. A distância diminuía e se faziam sempre presentes. Detinham um magnetismo que era difícil para Clara entender. Júlia, no entanto, conhecia o fundamento desta sintonia que a unia a sua amiga.

Faltando uma hora apenas para chegar ao aeroporto, Júlia pegou um embrulho com um cartão e entregou à Clara.

- Pegue, isso é para você!

- Para mim? Adoro presentes, ainda mais quando são dados por pessoas que amamos. Deixe-me ver! – disse Clara.

Clara abriu o embrulho e ficou feliz com a surpresa. Era uma caixinha de música muito delicada, em formato de um piano em miniatura, e uma bonequinha de porcelana. Clara então deu corda na caixinha de música e ela começou a tocar sua música preferida: “Minueto em G de Johann Sebastian Bach.”

- É sua cara, Clarinha! Delicada e musical como você! – disse Júlia.

- É minha música favorita, Júlia. Obrigada, minha amiga!

Ao pegar a pequena bonequinha de porcelana, Clara observou que não se tratava de uma boneca nova.

- Foi sua, Júlia?

- Foi sim, Clarinha! Não necessariamente minha. Seria de uma pessoa especial. Esta bonequinha eu comprei quando tinha a sua idade. Seria o 1º. presente de minha filha. Namorei oito anos com Sérgio, e pensávamos que iríamos nos casar. No último ano de namoro descobri que eu era estéril, e não poderia ter filhos. Isso abalou profundamente nosso relacionamento, e foi então que terminamos. – disse Júlia.

- Não posso aceitar, é muito valioso para você, Ju! – disse Clara.

- Não poderei ter uma filha linda como você para presenteá-la com esta bonequinha. Mas tenho você, que hoje, em meu coração, tenho o carinho e afeto como uma filha verdadeira. Aceite-a! Assim estará aceitando também meu carinho por você! – disse Júlia.

Depois de escutar sua amiga, Clara pegou a bonequinha em suas mãos.

- Ela iria amar ter uma mãe como você. Vamos ver o que há no cartão! – disse Clara sorrindo com seus olhos lacrimejando.

O cartão estava em branco e não havia nada escrito. Foi então que Júlia pegou sua caneta, e começou a escrever no cartão para que Clara visse.

*“Para minha irmã de coração! Espero revê-la em breve!
Beijos em seu coração, VEE - Da amiga, Júlia”*

- Guarde-o com carinho e lembre-se que quando você voltar ao Brasil iremos nos ver constantemente. – disse Júlia.

- Com certeza! – afirmou Clara.

- Você é especial, minha pequena grande amiga! – disse Júlia.

- Idem, Ju! – disse Clara abraçando a amiga.

Chegada a hora de partir, Clara acompanhou sua amiga até o aeroporto. No chamado para o embarque, Júlia sentiu um aperto em seu coração. Queria que aquela semana se prolongasse. Júlia vivia sozinha em sua cidade. Após a perda de sua mãe e o rompimento do namoro com Sérgio, Júlia se dedicava exclusivamente a sua profissão. Para Júlia, encontrar Clara foi um presente de Deus. Um motivo a mais para sorrir. Clara acompanhou a amiga, e antes que partisse lhe deu um grande abraço. Chorando, Júlia escutou Clara lhe dizendo a última frase antes que partisse.

-Gosto muito de você, Ju! – disse Clara.

- Idem, Clarinha! – disse Júlia se despedindo de Clara.

Amanheceu o dia e Clara acordou com o telefone tocando. Era Guilherme avisando que havia chegado bem durante a madrugada do domingo e que iria buscá-la para jantarem naquele dia.

Era o dia da apresentação do trabalho de conclusão do curso de Clara e ela estava ansiosa para chegar ao conservatório. Clara se arrumou, tomou seu café da manhã e ligou para Edu para se encontrarem antes da apresentação.

Clara e Edu se encontraram na biblioteca do conservatório e fizeram os últimos ajustes para a entrega e apresentação do trabalho.

Em seu trabalho escolheram como tema a Música Popular Brasileira, e com perfeição lograram êxito total na apresentação.

Alegres pela conquista resolveram que aquele dia seria um dia de comemorações. Iriam todos jantarem juntos, Clara e Guilherme, Edu e Gisele.

A noite caiu, e a lua estava brilhando como nunca. Guilherme havia dito à Clara que a pegaria por volta das nove horas. Edu combinou de se encontrarem em um restaurante perto do conservatório. Todos estavam vibrantes. Era um dia especial.

Guilherme não via a hora de ver sua namorada para poder abraçá-la forte, e trocar carinhos e palavras de amor.

Após estacionar seu carro e descer em direção a casa de Clara, Guilherme se aproximou da porta e viu que todas as luzes estavam apagadas. Tocou a campainha e ninguém atendeu. Foi quando, repentinamente, ouviu uma voz por detrás e, subitamente, sentiu alguém vendar seus olhos com as mãos.

- Já lhe disse que te amo hoje? – perguntou Clara.

Rapidamente Guilherme girou seu corpo e parou de frente para sua namorada pegando em sua cintura.

- Ainda não! – disse o rapaz sorridente.

- Eu te amo! *I Love you, te quiero, te dua, Ik hou van je, Ich liebe dich, Je vous aime!* - disse Clara em várias línguas para Guilherme.

Como que sorrindo com os olhos, Clara piscou delicadamente para seu amado e lhe entregou um botão de rosa vermelha.

- Retirei do meu jardim para você amor! – disse Clara.

- Que lindo, é por isso que você é o grande amor da minha vida! – respondeu Guilherme.

Após matarem as saudades, Clara e Guilherme foram se encontrar com seus amigos.

Edu e Gisele já estavam sentados esperando por eles. Ao chegar, Clara teve uma bela surpresa. John, seu aluno do estágio, estava com seus pais jantando e avistou sua professora.

Pediu para seus pais para que fosse até a mesa de Clara, e andando depressa, mas tímido, John foi cumprimentar Clara.

- Oi Clarinha! – disse John.

- Olá, John, que surpresa te ver!

- Este é Gui, meu namorado! – disse Clara apresentando o namorado para John.

- Olá, John! – disse Guilherme.

- Oi, Gui! – respondeu o garotinho.

John, naquele instante, sentiu muito ciúme de sua professora. Era transparente a sua feição de descontentamento em saber que Clara tinha um namorado.

- Clarinha, canta uma música hoje? – pediu John.

- Para você, John? É claro que canto! – respondeu Clara.

Cadu era amigo de faculdade de Clara e Edu. Estava cantando naquele dia no restaurante e Clara pediu para que pudesse cantar uma música. Cadu resolveu acompanhá-la e Gui e Edu ajudaram na composição dos instrumentos.

- Alô, som! – Clara testava o som antes de começar a cantar.

- Bom, esta música, eu dedico especialmente para uma pessoinha linda. John, esta música é para você, meu querido aluno! – disse Clara.

John estava contente. Clara começou a cantar suavemente *Runaway – The Corrs*, e embalou todos a cantarem junto com ela.

Ao finalizar a música, Clara foi até John e num gesto de carinho sorriu para o menino, lhe dando um beijo em sua bochecha.

Todos aproveitaram muito aquela noite. Guilherme contou de sua viagem e do festival e Clara lhe contou do final de semana com Júlia e tudo o que havia ocorrido.

Ao voltarem, Guilherme levou Edu e Gisele até suas casas e resolveu que passaria aquela noite ao lado de Clara.

Era noite de lua cheia e dava para assistir o show que as estrelas davam no céu. Da janela do quarto de Clara dava pra ver a lua quase que enchendo todo o espaço da janela. Clara já havia se deitado e Guilherme estava tomando seu banho para deitar-se também.

Após se perfumar, chegou perto de Clara e lhe deu um beijo de boa noite. Deitou na cama e apoiou Clara em seu colo de modo que juntos vissem as estrelas daquela noite. Foi quando, juntos, viram uma estrela cadente. Guilherme logo pediu para que Clara fizesse um pedido.

- Você comigo para toda a eternidade! – disse Clara em voz alta.

- Não amor, não podia falar, somente pensar, senão não realiza! – disse Guilherme.

Clara por um instante se lembrou de todas as suas dúvidas quanto ao seu destino.

- Não há nada que irá nos separar, eu amo você! – disse Clara.

- O que será da gente? – perguntou Guilherme pela primeira vez se referindo ao futuro do casal.

- Tenho que voltar para o Brasil, Gui. Minha mãe e irmão moram sozinhos e sentem minha falta. Sei que é complicado para você tomar a decisão de me acompanhar quando seus sonhos estão aqui. Vamos encontrar uma saída. Confie em mim. – disse Clara ainda insegura quanto ao destino.

Guilherme respirou fundo e sentiu um arrepio interno tomar conta de si. O coração de Clara batia acelerado. Guilherme sabia que Clara gostava de se sentir protegida e abraçou fortemente a garota, até pegarem no sono. Adormeceram abraçados até o amanhecer.

Seis meses se passaram e Clara estava perto de sua colação de grau. Na oportunidade, seriam apresentadas pela orquestra organizada pelos alunos formandos, algumas obras famosas de músicos renomados como Mozart, Tchaikovsky, Chopin etc. Após a realização da colação seguiriam para o Baile de Formatura da Turma do Curso de Graduação em Música do ano de 2001.

Faltava somente uma semana para o grande dia. Sua mãe e seu irmão já haviam se programado para irem à Holanda.

Clara aproveitava os dias ensaiando as músicas que iria apresentar. Todos os alunos teriam partes solos nas músicas e Clara não queria deixar a desejar.

Imaginava sua mãe e seu irmão vindo do Brasil e queria que sentissem orgulho ao vê-la tocando em sua formatura.

A banda de Guilherme havia sido campeã do concurso o qual participaram na Espanha. Estavam com novos projetos, inclusive o lançamento do primeiro cd com músicas próprias.

Clara já havia organizado tudo. Os cômodos de sua casa para receber sua família estavam perfeitos. Havia feito compras no dia anterior da chegada de

sua mãe e irmão. Provou pela última vez o vestido que usaria no baile. Comprou um perfume novo, pois seu frasco havia acabado e um jogo de jóias para estar linda e radiante. Há quatro anos Clara usava aquele mesmo perfume. Era um perfume holandês que Guilherme a presenteou em seu primeiro aniversário que passaram juntos.

Clara mantinha Júlia por dentro de sua rotina, e assim Júlia fazia também. Havia convidado a amiga para participar de sua formatura, mas Júlia dessa vez não poderia atravessar o Oceano para comemorar junto à Clara esta conquista. Mandou por correspondência um presente para a amiga, e desejou a ela muitas bênçãos para seguir na carreira. Era um pingente de ouro em forma de violino, onde estavam gravadas as siglas VEE.

Clara abriu um sorriso ao terminar de ler o cartão que acompanhou o presente enviado por Júlia.

“Espero que goste e use-o em sua formatura para que assim possa se lembrar de uma pessoa que mesmo longe, torce muito e sempre por você... Você É Especial – Júlia!”

Neste instante, Clara percebeu que as siglas VEE eram respectivamente as iniciais da frase escrita por Júlia no pingente e na mensagem enviada por celular quando estavam juntas na Holanda.

-Idem, Júlia! – pensou Clara em voz alta.

Era manhã de sexta-feira, e Maria e Fernando chegariam à Holanda em poucas horas. Clara havia feito um grande café da manhã para recepcioná-los. A filha mais velha de Maria já não a via desde que partiu para estudar no exterior. Estava eufórica e com muitas saudades. Apesar de manterem contato por telefone e internet, Clara sabia que teriam muitas coisas para conversarem quando chegassem.

Clara deixou tudo em ordem, fechou sua casa e chamou Guilherme para que fosse com ela buscar sua mãe e seu irmão e, oportunamente, conhecer pessoalmente sua sogra e cunhado.

Naquela semana Guilherme estava apreensivo e não conseguia conversar com Clara, o que teria de lhe falar antes de sua formatura.

Clara passou na casa de Guilherme, exatamente no horário combinado. Estacionou em frente à casa do noivo e buzinou para que Guilherme percebesse sua chegada.

Guilherme entrou no carro e com um beijo triste cumprimentou sua namorada.

- O que houve amor? – perguntou Clara.

- Não quero estragar seu dia e sua formatura, amor! – disse Guilherme.

- Mas porque você estragaria?

- Não tenho uma notícia boa para lhe dar! – respondeu Guilherme.

- Fale! – disse Clara.

- A banda. Há uma semana tenho que lhe falar algo que não sei muito bem como começar. – Guilherme começou a falar um tanto quanto que receoso, pois não sabia qual seria a reação de sua namorada.

- Diga Guilherme!

A banda de Guilherme havia sido convidada para se apresentar na maior transmissora de TV do país. No entanto, seria no dia da formatura de Clara.

- E você vai? – perguntou Clara.

- Não posso faltar! Sou o cantor da banda, ela depende de mim! – respondeu Guilherme.

Clara sabia que a situação era delicada. Guilherme estava dividido entre seu grande sonho e seu amor. Se escolhesse Clara, estaria abrindo mão de seu sonho e de sua banda, pois dificilmente os integrantes perdoariam a sua falta. Por outro lado, se escolhesse a banda, estaria afirmando para Clara o que ela tanto se perguntava. Guilherme não voltaria para o Brasil com ela.

Várias lágrimas começaram a cair dos olhos de Clara, e, encostando seus lábios no rosto de Guilherme lhe deu um beijo que se confundiu às lágrimas no rosto de ambos.

- Siga o seu caminho. Você não irá a minha formatura amanhã, e não voltará comigo para o Brasil, é isso? – perguntou Clara.

- Não sei, estou confuso! – disse Guilherme.

- Não se sinta culpado, o destino quer assim! Não poderei ficar, apesar de te amar muito. Você sabe, pois sente. Tenho minha família. Vá em frente! Onde estiver estarei torcendo e vibrando por você! Seus sonhos serão realizados e nosso amor ficará eternamente guardado em meu coração! Como lhe prometi! - disse Clara como que não acreditando no que estava acontecendo. Clara e Guilherme estavam terminando um relacionamento de quatro anos.

Clara olhou para sua mão, e retirando seu anel de noivado o entregou a Guilherme. Pediu para que ele guardasse o anel, assim como seu amor.

Guilherme se pôs a chorar. Deu um último beijo em Clara e saiu do carro retornando para sua casa.

Clara seguiu em direção ao aeroporto onde receberia Maria e Fernando.

Sabia que tinha de estar feliz ao recebê-los, no entanto, não conseguia conter suas lágrimas. Seus pensamentos a remetia às lembranças de Guilherme. A todos os passeios que fizeram, a todos os sorrisos que compartilharam, ao momento em que se conheceram, aos dias em que se tornavam crianças e juntos brincavam no vídeo-game, ou iam a alguma praia curtirem o verão. Clara lembrou-se das vezes que se amaram e de todas as palavras de amor que Guilherme falava ao seu ouvido.

- Te amo, te amo, te amo – falava Clara chorando sozinha.

Ao chegar no aeroporto, Clara enxugou suas lágrimas e foi receber sua família. Logo que chegou já pode avistá-los com suas bagagens. Clara não se conteve e correndo foi abraçá-los, e mais uma vez, seu rosto ficara rosado pelo choro da saudade.

Seus sentimentos se confundiam, e chorava por ver sua mãe e irmão e pelo recente término com Guilherme.

- Mãe, você está linda! Nando, você cresceu, está um gato! Vê-los aqui é diferente de vê-los nas fotos! Estou felicíssima por estarem aqui! – disse Clara alegre por rever sua família.

Maria chorava muito, e Nando era só alegria. Brincava com a irmã, contava de suas novidades e de sua nova namorada. E foi neste momento que Nando teve a infelicidade de perguntar a respeito de Guilherme.

- E meu cunhado? Onde está? – perguntou Fernando.

Engolindo a seco Clara respondeu ao irmão que haviam terminado e contou como tudo aconteceu.

- Não acredito que ele fez isso! – disse Fernando.

- Não o julgue, Nando! Não sei o que eu faria no lugar dele! – disse Clara.

Maria ainda não havia falado. Era uma mulher experiente e sabia que teria de conversar com a filha de forma calma, de maneira a animá-la. Era sua formatura e também seu grande sonho se realizando naquele final de semana.

Todos entraram no carro e seguiram para casa de Clara. Chegando, Clara mostrou sua casa para sua mãe. Ainda havia pela casa vários porta-retratos com fotos de Clara e Guilherme. Maria olhava para a filha e via que Clara estava se controlando para não magoá-los. Tinha de estar feliz com a presença da família e sua formatura.

- Toque uma música para mim, filha? – pediu Maria.

- Claro, mãe! Qual a senhora quer? – perguntou Clara.

- Jesus Alegria dos Homens! – disse Maria.

- Lembro-me você ainda pequenina, com seu violino todo desafinado me chamando para ouvi-la tocar. Dizia: - Mamãe, mamãe, já sei tocar, vem me ouvir! Sentava na sala para te ouvir. Ainda não conseguia tocar direitinho, pois era uma pequena garotinha encantada com o som que o violino produzia. Fazia algumas notas desafinadas, e pulando tantas outras, você perguntava: - Gostou, mamãe? Fiz pra você! – disse Maria.

- Nossa, mãe! Você se lembra disso ainda? – disse Clara sorridente.

- É claro, minha filha. As mães nunca se esquecem dos momentos de seus filhos. Ainda vejo seu rostinho de menina me pedindo doce, pedindo-me para não deixá-la no primeiro dia de aula na escola, ou entrando entre eu e seu pai à noite em nossa cama e pedido para dormir conosco, pois estava com medo. - disse Maria.

Clara pegou seu violino, o retirou do *case*, passou uma flanela em suas cordas e verificou sua afinação. Pegou o arco, passou o breu na crina, antes de começar. Estava tudo pronto. Direcionou o olhar para sua mãe e irmão que estavam sentados no sofá e piscou para eles sorrindo. Fechou os olhos e começou a tocar a música pedida pela mãe. Clara navegou em seus sentimentos, lembrou-se de seu pai, de Guilherme, de John e toda a sua turma, dos amigos da Faculdade, em especial Edu, e de Júlia. Ao terminar a canção abriu os olhos e viu a alegria de sua mãe e irmão ao vê-la tocando. Naquele momento sabia que os dois eram as pessoas mais importantes de sua vida. Era as pessoas as quais tinham de estar para sempre ao seu lado.

- Parabéns, minha filha! Está tocando divinamente bem, como uma verdadeira musicista que é. - disse Maria.

Fernando aplaudia a irmã no instante em que a campainha tocou.

- Deixe-me atender a porta, só um instante! - disse Clara deixando seu violino em cima de um sofá recoberto de mantas coloridas.

- Srta. Clara? - perguntou o entregador de flores.

- Sim, sou eu! - respondeu Clara.

- Tenho “algumas” entregas para lhe fazer! O dia deve ser especial! - disse educadamente o entregador.

- Estas violetas vieram com este cartão, e estas rosas brancas e vermelhas com este outro cartão!

- Muito obrigada! - disse Clara recebendo-as, já prevendo de quem seriam as flores, pela característica própria de cada uma.

- De nada! Tenha um belo dia! - retribuiu o rapaz.

Clara pegou as flores, delicadamente, e colocou-as para adornarem a sua sala de jantar.

- Duas flores? São rivais! – disse Nando brincando com a irmã.

Clara pegou o cartão das violetas primeiramente. Abriu e reconheceu aquela letrinha de criança. Era de John.

“Parabéns pela sua formatura, Clarinha! Eu amo muito você, professora! – John”

Clara mostrou o cartãozinho enviado pelo aluno a sua mãe e lhe disse como aquele aluninho era especial para ela. Sua mãe já o conhecia por comentários de Clara nas ligações que trocavam.

- De quem serão as rosas? – perguntou Fernando.

- Vamos ver! – disse Clara.

Clara pegou o cartão que viera junto às rosas e abriu lentamente. Teve a sensação de que Guilherme havia voltado, querendo ficar com ela para sempre. Abriu-o e leu a mensagem que constava no cartão.

“Clarinha – minha eterna namorada! Não sou o dono do destino e vejo que não posso realizar tudo o que almejo na vida. Eu me alegro em saber que você fez parte de minha vida! Aonde quer que você esteja, eu também estarei torcendo e vibrando por ti! Parabéns pela sua formatura, - Seu eterno amor – Gui.”

Clara queria chorar, mas segurou sua vontade e suas lágrimas. Fechou o cartão, e somente comentou com sua mãe e Fernando, que eram flores enviadas por Guilherme. Guardou os cartões em uma caixa de cartas e fotos que tinha, e voltou para que todos juntos tomassem o café da manhã que ela havia preparado.

Durante a noite de sexta-feira, Clara levou sua mãe e seu irmão para conhecerem Edu. Juntos foram passear pela cidade. Andaram pela *Van Baerlestraat*, uma rua bem conhecida por Clara, pois por anos freqüentou aquelas redondezas, e pararam meia hora depois, em um agradável barzinho onde havia uma bela paisagem. Era uma Igreja Antiga chamada de *Oude Kerk*.

Clara começou a detalhar a história da Igreja, que era muito conhecida por suas belezas artísticas, pelo fato de ter sido construída em cima de um antigo cemitério, e a colocação em seu telhado de tábuas Estónias que garantiu à abóbada uma acústica extraordinária.

Lá sentaram, e Maria apreciava como sua filha falava de cada canto de Amsterdam como se fosse sua própria terra. Conversaram sobre o curso, e sobre todas as aventuras que os amigos já haviam passado em Amsterdam.

Edu era o único amigo próximo, o qual Clara compartilhava sua vida. Desde que juntos foram à Holanda, se tornaram amigos inseparáveis. Edu estava para Clara, assim como Clara estava para Edu. Para o que precisassem. Ajudavam-se mutuamente e a amizade era recíproca.

- Lembra de quando resolvemos matar uma aula para viajarmos junto com a Gisele e o Gui para uma cidadezinha pacata, que não tinha nada para fazer, mas nos divertimos como nunca? – perguntou Edu.

- É claro que lembro, fomos pra *Grave*. Passamos o dia nos divertindo, fomos até no cinema em plena luz do dia. – respondeu Clara.

- Isso eu não sabia! – disse Maria olhando para a filha.

- Tem coisas que não precisamos contar, Dona Maria! - disse Clara sorrindo para sua mãe, como uma criança que acabara de ser pega fazendo estripulia.

- Mas, pode ficar tranqüila, Dona Maria! Como sempre, Clara passou pela Igreja da cidade, que era muito bela! Se Clara não namorasse com o Gui, poderia dizer que tem uma grande vocação eclesiástica! – disse Edu sorrindo e se lembrando daquele passeio.

- Não estamos mais juntos, Edu! – disse Clara recordando os momentos bons que viveu ao lado de seu grande amor.

- Como assim? – perguntou Edu ainda perdido no assunto.

Clara voltou a repetir tudo o que havia acontecido para Edu.

- Realmente ele não voltará comigo, Edu! Eu já esperava por isso, só não queria acreditar que este dia chegaria! – disse Clara.

A mãe de Clara ficou encantada com a educação e gentileza de Edu. Seria sua formatura também, mas seus pais não poderiam ir até o país por questões financeiras.

Edu estava alegre em poder compartilhar daquele momento com os familiares de Clara. Depois de muito conversarem e rirem, Clara decidiu pedir a conta para irem embora.

Clara sentiu seu telefone vibrar. Era Júlia. Clara atendeu o telefone e começou a conversar com sua amiga. Contou-lhe de todo o ocorrido com Guilherme, da vinda de Maria e Fernando, e dos preparativos para a sua formatura. Júlia lhe desejou uma ótima noite, pediu para que ela ficasse bem e esquecesse por aquele fim de semana de Guilherme, para poder aproveitar sua festa e colação de grau.

- Beijos em seu coração, minha irmã! – disse Júlia ao se despedir de Clara.

- Beijo, Ju! Falo com você amanhã. – disse Clara antes de desligar o telefone.

- Vamos? – chamou Clara.

- Vamos, estamos exaustos – respondeu Fernando.

Clara deixou seu amigo em casa antes de voltarem. Ao chegar a sua casa, Clara arrumou as camas para se deitarem. Clara, Fernando e Maria ainda ficaram conversando por longas horas antes de irem dormir. Ao se deitar, Clara colocou seu braço onde Guilherme costumava dormir, e sentiu pela primeira vez a falta de seu namorado, depois de terem terminado.

- Não tire meu amor de mim, Meu Deus! – pediu Clara baixinho em oração.

Amanheceu o dia e Clara foi a primeira a se levantar. Pôs a mesa para o café, chamou todos, e juntos fizeram a primeira refeição do dia.

- E aí grande musicista, preparada para o grande dia? – perguntou Fernando.

- Preparadíssima! – respondeu Clara com convicção.

Clara já havia marcado um horário no salão de beleza, onde ela e sua mãe passariam o dia se arrumando. Enquanto isso, Fernando aproveitou para dar uma volta pela cidade e conhecer outros lugares que não havia visto no dia anterior. Realmente, a Holanda lhe trazia também várias lembranças de sua cidade natal.

Ao badalar das sete horas, já estavam todos prontos. Clara havia colocado seu vestido longo. Era todo preto com pedras douradas que se confundiam com a cor de seus cabelos. Havia colocado um colar com o pingente que havia ganhado de Júlia, bem como brincos e um bracelete combinando com o colar.

Sua mãe entrou em seu quarto e antes que saíssem conversaram sobre o momento que Clara vivia. Maria retirou uma caixinha de sua mão e a entregou para a sua filha.

- Use-o hoje! – disse Maria.

Clara abriu a caixinha e viu que se tratava de um anel de formatura.

- Que lindo, mãe! Obrigada pelo presente, não precisava se preocupar! – disse Clara.

- É nosso presente para você. Meu, de seu irmão e de seu pai! – disse Maria.

- Queria que o papai estivesse aqui! – disse Clarinha.

- Ele está! – afirmou sua mãe.

Juntas foram até a sala onde Fernando já esperava por elas.

- Uau! – disse Fernando. - Se não fosse minha irmã! Se bem que... – Fernando iria complementar a frase se referindo ao fato de ser adotado.

- Se bem uma vírgula Sr. Fernando, jamais admitiria! – disse Maria.

- É claro que estou brincando, mãe! Minha irmã será pra sempre minha irmã. – complementou Fernando.

- E o senhor está um gato neste blazer! E a mamãe uma diva! – disse Clara.

- Somos uma linda família. Obrigada Senhor! – disse Fernando brincando com sua irmã para que ela sorrisse.

- Sim, somos uma linda família! – disse Clara.

- Vamos? – chamou Maria.

- Vamos sim! – respondeu Clara. – Esperem só um minuto para que eu possa pegar meu violino.

Clara pegou seu violino e, inevitavelmente, viu a foto de Guilherme e o cartão que Júlia escreveu para ela. Ambos ficavam na parte interna de seu *case* grudados em sua tampa.

- Queria muito que vocês estivessem aqui! – pensou Clara em voz alta.

Clara fechou seu *case* e então chamou um táxi para que os levassem até onde aconteceria o cerimonial de colação de grau e o baile de formatura.

Chegando, avistaram Edu e Gisele. Clara também havia convidado John para ir a sua colação de grau e o avistou com sua mãe ao chegar no local. Agruparam-se e juntos entraram para o auditório. Os formandos se reuniram em um espaço reservado para eles, e os convidados procuraram seus assentos para então assistirem à apresentação da orquestra.

Antes da entrega dos diplomas aos formandos houve a apresentação de várias músicas pela pequena orquestra formada pelos alunos. Na música em que Clara fez sua parte solo, sua mãe pôde ver aquela menininha que tocava desajeitadamente um violino desafinado, com poucos anos de idade, se transformar numa grande musicista. Clara estava se formando no *Conservatorium van Amsterdam*.

Sem dúvidas Maria estava muito orgulhosa de sua filha como musicista e de sua determinação em persistir em seu potencial.

Após a entrega dos diplomas e o encerramento das solenidades, Clara e Edu foram até seus convidados para cumprimentá-los e receberem seus cumprimentos.

- Professora, você estava linda! – disse John.

- Obrigada, John! Um dia terei a honra de vê-lo tocar assim! – disse Clara sorrindo para o garoto.

- Cadê seu namorado, professora? – perguntou inocentemente o garoto.

- Ele não pôde vir, John!

Após Clara se despedir de John, todos seguiram para o Baile de Formatura que perduraria a noite inteira.

Edu e Gisele era um casal sem grandes problemas, mas também sem grandes amores. Sabiam que estavam vivendo um amor passageiro. Gisele tinha ciência que Edu voltaria para o Brasil após terminar seu curso e Edu também sabia que Gisele jamais iria para o Brasil com ele. Gisele estudava artes cênicas e amava seu país.

Diferentemente, Clara havia vivido um grande amor ao lado de Guilherme. As juras eram eternas e os momentos eram intensos. Sabia que sofreria muito ao chegar ao país, e não contar mais com a presença de seu namorado. Isso lhe causava uma grande dor, que somente Guilherme poderia amenizar.

Por outro lado, Clara sentia alegria quando pensava que poderia conviver mais próxima de sua família e de Júlia.

O baile começou e todos já se encontravam acomodados em seus lugares. Foram servidos salgadinhos, frios diversificados, o jantar e alguns petiscos. Todos beberam os mais variados coquetéis e dançaram até o dia clarear.

- Edu! – gritou Clara para o amigo que estava um pouco distante dela.

- Fala, Clarinha! – respondeu Edu.

- Eu amo você meu amigo! – disse Clara.

- Eu também te amo, Clarinha! – respondeu Edu.

Clara já havia bebido alguns copos de uísque. Sentou-se de pernas cruzadas na cadeira, longe de todos e apoiando sua cabeça por entre os braços, começou a chorar.

- Porque você não está aqui, Gui! – chorava Clara distante de todos e sozinha.

Ao perceber Fernando vindo em sua direção, Clara secou as lágrimas e levantou-se rapidamente.

- O que foi, Clarinha? – perguntou seu irmão.

Clarinha era muito sincera com o que dizia respeito aos seus sentimentos. Fernando era seu irmão e ela sabia que poderia contar com ele sempre que precisasse.

- Sinto falta do Gui, Nando! – disse Clarinha.

- Então não pense nisso agora e vamos dançar! – disse Fernando.

Clara retornou para a pista de dança e curtiu seu baile até o café ser servido. Exaustos, voltaram todos para casa e adormeceram até meado do dia. Clara chamou Guilherme diversas vezes enquanto dormia e Maria pode observar que sua filha sofreria muito com o término de seu namoro e sua volta para o Brasil.

Após todos se levantarem, Maria preparou uma leve refeição. Maria e Fernando voltariam para o Brasil no dia seguinte e Clara teria de ficar na Holanda por mais três semanas para resolver as questões burocráticas que diziam respeito à formatura e à entrega de seu diploma. Clara teria de validar seu diploma no Brasil e estava adiantando algumas questões para não ter maiores problemas após voltar para seu país.

Clara, logo após o almoço, chamou Maria e Fernando para um passeio de barco. Era comum em Amsterdam, dado os vários canais existentes na cidade. A cidade era linda e não poderia deixar de apresentá-la a sua família.

Maria achou a idéia muito boa e logo se aprontou.

Maria e Clara esperaram por Fernando. Ele estava terminando de se vestir e assim que se aprontou foram aproveitar o último dia que juntos teriam em Amsterdam.

Maria nunca havia entrado em um barco tão pequeno. Já havia andado de balsas, navios, mas nunca havia experimentado aquela situação.

Clara já havia andado diversas vezes com Guilherme. Adorava passear de barco com o namorado e era ele quem lhe mostrava os principais pontos da cidade. Agora era Clara que apresentava Amsterdam para sua família. E cada cena daquela cidade fazia Clara lembrar de seus momentos com Guilherme. Tinham histórias diversas para contar em quaisquer lugares de Amsterdam. Foram quatro anos vividos intensamente por Clara e Guilherme.

- Eu vou cair! – disse Maria.

- Não vai, entra mãe! Eu te ajudo! – disse Clara.

Maria conseguiu entrar, ainda que com um pouco de medo. Todos sentados foram guiados por um rapaz holandês que trabalhava nos canais remando os barcos e mostrando alguns pontos turísticos. Como Clara já conhecia muito bem a cidade, ela mesma foi explicando tudo que encontravam no trajeto.

De repente, fez-se um silêncio e todos observavam as lindas paisagens de Amsterdam.

- Pronta para voltar maninha? – perguntou Fernando.

- Ainda não sei! Estou acostumada a viver sozinha, a cuidar de mim, da vida. Sentirei muita falta do Guilherme, dos meus alunos, da faculdade, do clima Holandês! Mas estou muito feliz pelo retorno para nossa casa – disse Clara.

- Sempre rezei por este dia, minha filha. Desde que saiu de casa me senti muito sozinha! Eu e o Fernando sentimos muito a sua falta! – complementou a mãe de Clara.

Neste momento, Clara sentiu que não poderia deixar de voltar para sua casa e para a sua família.

- Aposto que quando chegar conhecerá novas pessoas, retomará laços esquecidos com outras, e logo estará namorando novamente! – disse Fernando.

- Ainda não consigo acreditar que tudo acabou! E não me imagino tão cedo com alguém. Ainda não consigo acreditar que eu partirei e deixarei para trás o grande amor da minha vida! – disse Clara.

- Tudo vai ficar bem! Isso é fase, minha filha! Tudo isso vai passar! – disse Maria para animar sua filha.

No dia da formatura de Clara, Guilherme havia gravado o programa que iria ao ar em duas semanas. A banda fez uma ótima apresentação e já comemorava mais uma vitória na carreira.

Guilherme estava esperançoso e feliz com a possibilidade de sua banda ser nacionalmente conhecida em seu país. No entanto, suas noites eram vazias, e seu coração pedia constantemente por Clara. Ele a amava e não queria vê-la partir.

Maria e Fernando já haviam retornado ao Brasil. Clara e Edu voltariam dali três semanas para suas cidades natais. Ambos moravam no Estado de São Paulo, sendo Clara de Holambra e Edu da Capital.

Juntos procederam a todos os trâmites para receberem seus diplomas. Clara vendeu seu carro e deixou para sua locadora todos os seus móveis que havia adquirido ao longo dos quatro anos. Arrumou suas malas com suas roupas, alguns objetos pessoais, todas suas fotos com Guilherme, a caixinha de música e a bonequinha de porcelana dada por Júlia. Entregou sua casa à proprietária, e se despediu daquele lugar o qual havia lhe proporcionado os melhores momentos de sua juventude. A Holanda iria ficar gravada para sempre em sua memória.

Antes de partir, Clara passou na escola de música onde lecionara suas aulas de estágio. Olhando pelo pequeno vidro da porta da sala de aula, viu seus alunos, e em seu lugar uma nova estagiária. Direcionou o olhar para o assento de John e viu seu pequeno aluno desconsolado. Bateu na porta e a nova professora veio em sua direção para abrir.

- Pois não? – disse a nova professora.

- Olá, sou Clara.

- Olá, Clara! – disse a estagiária.

- Lecionava nesta turma em meu estágio acadêmico e estou voltando hoje para o meu país. Queria despedir-me de minha turma antes de ir. Eu poderia?

- Claro! Entre – disse a professora.

Clara se despediu carinhosamente de todos os seus alunos e ao chegar a vez de John sentiu a tristeza que abrigava sua face.

- Eu amo muito você, John! – disse Clara lhe dando um beijo em seu rosto.

John soluçando, segurou firme em suas pernas.

- Não vai não, Clarinha, fique! Por favor! – disse John.

Clara pegou suas mãozinhas, se agachou e o abraçou.

- Tenho que ir John, tenho uma vida e uma família lá! – disse Clara.

Seu tempo estava se esgotando e Clara sabia que tinha de se apressar. Abraçou fortemente o garoto, deu um beijo em seu rosto e lhe disse que havia lhe deixado uma lembrança em sua casa. Era seu violino. O instrumento que

acompanhara Clara desde sua infância. Entregou seu violino para a mãe de John e a pediu que entregasse ao garoto. No violino antigo, Clara deixou um pequeno bilhete pedindo para que John cuidasse do instrumento e se dedicasse a ele até ela voltar a revê-lo. Era a promessa de que ela iria voltar. Uma promessa que acalmaria o coração do garoto, mas que não se concretizaria.

- Obrigada, professora! Irei aprender e ser como você quando eu crescer. – disse John.

- Com certeza será! Tenho que ir agora, John! – disse Clara.

Clara abraçou seu pequeno aluno e se despediu. Conteve as lágrimas na frente de sua turma. Ao sair da escola não conteve sua emoção, eram seus últimos momentos na Holanda. Clara se pôs a chorar, pois teve a impressão que jamais voltaria para aquele país, jamais voltaria a ver seus pequenos alunos, e não sabia o que o futuro lhe reservava em relação a Guilherme.

Clara avistou Edu, logo que chegou ao aeroporto. Ele já estava a sua espera, ansioso para voltar para sua casa.

Clara ligou para Júlia e avisou que embarcaria naquele momento. Júlia conversou durante um tempo com sua amiga, e era impressionante como Clara se esquecia das tristezas quando conversava com Júlia. Clara sorria ao telefone e transparecia a ansiedade em rever todos, inclusive sua amiga.

Guilherme sabia que Clara estava partindo aquele dia e resolveu ir até o aeroporto despedir-se dela. Ficou aguardando sua chegada em um local afastado, mas próximo de onde Clara embarcaria.

Assim que Clara chegou, o coração de Guilherme pulsou mais rapidamente. Não a via desde que terminaram o noivado. Clara estava linda, sorria ao lado de Edu e parecia estar feliz.

Guilherme queria que Clara continuasse com aquele sorriso em seu rosto, e decidiu naquele instante que desistiria de vê-la. Guilherme não chegaria perto de sua amada e a deixaria partir sem sentir pela última vez o seu perfume. Ele queria que o tempo voltasse e pudesse reviver aqueles quatro anos ao lado de

sua amada. E voltar ao início, quantas vezes fossem possíveis, para não ver aquele momento acontecer. Estava perdendo seu grande amor.

Guilherme sabia que não poderia reatar com Clara e não criaria falsas esperanças para eles. Achou melhor que o tempo curasse as feridas que a distância haveria de lhes causar.

- Adeus, meu amor! – pensou Guilherme com seu choro preso na garganta.

Guilherme se levantou, e em seu assento esqueceu uma rosa vermelha que entregaria a sua amada. Sem Clara e Edu perceber, Guilherme foi embora e pela última vez antes de partir viu o sorriso de Clara em seu olhar. Era o sorriso de sua amada. Era nele que encontrava sua paz de espírito e sua alegria de viver.

Ao ser anunciado seu vôo, Clara chamou Edu para que pegassem suas bagagens. Prontos para partirem, pegaram suas malas e seguiram em direção a sala de embarque.

Neste momento, Clara viu uma rosa vermelha em cima de um assento. Aproximou-se dela e a pegou. Levemente sentiu o perfume de seu amado e teve a certeza de que ele havia estado ali.

- O Guilherme esteve aqui! Tenho certeza! Eu sinto! Meu coração não me engana! – disse Clara pegando a rosa em suas mãos.

- Ai Clarinha, tanta gente passa por aqui, deixam rosas, recebem parentes! – Você tem que ao menos tentar esquecê-lo! – disse Edu.

- Eu tento, meu amigo! Mas, é muito mais forte que minha vontade! – disse Clara.

Clara pegou aquela rosa e guardou em seus pertences.

Dentro do avião, Clara avistou Amsterdam pequenina lá de cima, via os inúmeros canais que interligavam as ruas da cidade, o Porto e os grandes navios atracados no cais, e pensou que deixara para trás uma vida, e parte da sua vida. Era seu grande amor em meio àquela imensidão. Mas ele era único. Guilherme era especial e já havia conquistado um grande espaço em seu coração.

Edu e Clara conversaram muito durante a viagem. Dormiram encostados um no outro durante algumas horas e quando acordaram já estavam quase chegando no Brasil.

- Como será minha vida agora, Edu?- perguntou Clara.

- Não sei! Mas, tem de começar a colocar um sorriso neste rosto, pois estará retornando para sua família – disse Edu.

- Você tem razão, Edu! Vamos descobrir como será este nosso destino! – disse Clara com um tímido sorriso em seus lábios.

Ao desembarcarem, Clara e Edu encontraram Maria e Fernando que já os esperavam no saguão do aeroporto, assim como os pais de Edu.

Clara foi abraçar sua mãe e Fernando, e Edu correu em direção aos seus pais para dar-lhes um abraço.

Edu apresentou sua família à de Clara e todos se reuniram em um restaurante perto do aeroporto de Guarulhos para almoçarem.

Terminaram de almoçar e Edu e Clara foram se despedir. Edu ficaria na Capital, muito próximo de Guarulhos e Clara seguiria para Holambra.

- Edu, nestes quatro anos você foi e continua sendo uma pessoa especial em minha vida! Espero que nossos laços de amizade perdurem, mesmo não morando mais na mesma cidade que você. Você representa mais que um amigo. É um verdadeiro irmão para o meu coração! – disse Clara se despedindo de seu amigo.

- Idem – disse Edu.

Clara ensinara aos seus amigos o significado daquela palavrinha. E todos que a rodeavam e a conheciam sabiam que lhe falar idem era retribuir todo o amor que ela sentia por cada um. Clara se sentia feliz ao dar e receber o amor que entregava de coração às pessoas.

Clara estava cada vez mais sentindo que um ciclo muito lindo em sua vida estava chegando ao fim. Não tinha mais seu grande amor e não poderia contar com a presença constante de Edu. Por outro lado, um novo ciclo começava.

Clara teria de renovar suas forças para continuar. Agora, junto a sua família e mais perto de Júlia buscaria concretizar seus sonhos profissionais e deixar seus sentimentos nas Mãos de Deus. Ela acreditava e tinha a certeza que esta era a melhor opção.

- Não se esqueça de me ligar. Vamos combinar de nos encontrar sempre que possível! – disse Clara.

- Com certeza minha amiga-irmã! –disse Edu.

Clara e Edu se despediram e juntos saíram do restaurante. Cada um retornava para sua família e para a sua casa.

III

Holambra: Uma nova Primavera.

Ao chegar em Holambra, Clara observava as mudanças que ocorreram em sua cidade natal. As lojas que não existiam, as novas pavimentações, as pessoas que já não eram as mesmas. Os amigos que haviam crescido, alguns já estariam casados, com filhos. Outros estariam estudando. Outros teriam se mudado da cidade.

Ainda com todas aquelas novas sensações, Holambra remetia os pensamentos de Clara à Holanda, e aos quatro anos ao lado de Guilherme.

A casa de Clara ficava perto da saída da cidade, em uma fazenda. Era uma casa de arquitetura Holandesa e havia um lindo campo de flores que eram cuidadas delicadamente por sua mãe e pelos funcionários da fazenda. Fernando ficava parte do dia administrando os negócios deixados por seu pai, e a enorme plantação de flores que distribuía por todo o Estado de São Paulo.

Assim que entrou em sua casa, Clara correu para o seu quarto que estava exatamente conforme havia deixado. Em seu quadro de fotos, ainda estavam fixadas com pequenos imãs, as fotos de sua formatura do colegial, fotos com seu pai, com sua família. Clara sentiu neste momento, pela primeira vez, que poderia ser feliz sem Guilherme, como antes de conhecê-lo. Clara decidiu recomeçar.

Clara tomou um banho demorado com direito a variadas ervas em sua banheira. Tinha um ótimo padrão de vida, no entanto, não fazia questão de transparecer isso para o mundo.

Levantou-se e foi tomar uma ducha para se enxugar em seguida. Sentia a água caindo sobre sua cabeça e enxergava Guilherme a cada vez que abria os olhos. Queria esquecê-lo, mas as lembranças eram inevitáveis.

Saiu do banho e deitou-se em sua cama. Cansada da viagem, adormeceu por horas seguidas, até que sua mãe a acordasse.

- Clara! – chamou Maria baixinho acordando sua filha.

- Mãe? – disse Clara ainda sonolenta.

- Tem uma pessoa que veio lhe visitar! Acabei de conhecê-la pessoalmente! – disse Maria.

- Quem está aí, mãe? – disse Clara.

- Oi, Clarinha! – disse uma voz vinda da porta de seu quarto.

Clara conhecia aquela voz que durante quatro anos ouviu ao telefone. Aquela pessoa que passara um lindo final de semana com ela na Holanda. Era Júlia sua amiga.

Clara se levantou, subitamente, e correu para dar um abraço na amiga.

- Que saudade, Ju! – disse Clara abraçando forte sua amiga.

- Então vamos matá-la agora! - disse Júlia.

- Venha, sente-se aqui enquanto eu me arrumo, vamos sair! – disse Clara.

- Tudo bem, se arrume que fico conversando com sua mãe! – disse Júlia.

Clara então foi tomar um banho e se arrumar. Enquanto isso, Maria fez um café para servir à Júlia. Tomaram o café e conversaram sobre a família, a fazenda, a pequena cidade de Holambra, e sobre a amizade intensa que Júlia tinha com Clara.

- Eu amo essa menininha, Dona Maria! – disse Júlia.

- Que bom, Júlia! Fico feliz em saber que Clara tem uma amiga a qual a ama tanto! Obrigada por tudo e por ajudar minha filha durante todo o curso, e agora com o término de seu namoro com Guilherme! – disse Maria.

- Não tem o que agradecer, Dona Maria! Faço de coração! – disse Júlia.

- E seus pais, Júlia? – perguntou Maria.

- Infelizmente não os tenho mais, Dona Maria! – respondeu Júlia, triste, olhando para uma foto da família de Clara reunida.

- Este é o pai de Clara? – perguntou Júlia pegando o porta-retratos em suas mãos.

- Sim. Estávamos reunidos numa viagem que fizemos ao Sul, para as crianças conhecerem nossa terra natal. Somos naturais de Santa Catarina e mudamos para São Paulo assim que nos casamos. – disse Maria, se referindo com carinho aos seus filhos ao chamá-los de crianças.

Neste momento, Clara apareceu e interrompeu a conversa.

- Sobre o que falavam? – perguntou Clara.

- Sobre seu pai e sobre a viagem que fizemos à Santa Catarina. Você se lembra, Clarinha? – perguntou Maria.

- É claro que sim. Foi uma linda viagem. Passeamos muito e ficamos vários dias na casa da vovó! – respondeu Clara.

- Sinto saudades do papai! Espero que onde quer que ele esteja, esteja olhando por nós! Eu o amo muito! – disse Clara.

- Queria ter conhecido meu pai! Mas, o amo, ainda sem nunca tê-lo visto! – disse Júlia.

Júlia retornou o porta-retratos de onde havia retirado e olhou para aquela foto, imaginando como seria sua vida se pudesse ter tido um pai.

- Estou pronta, vamos Ju? – disse Clara.

- Vamos sim, Clarinha! – respondeu Júlia.

- Você está linda minha amiga! – disse Júlia.

- Está linda mesmo, filha! – disse Maria.

Fernando estava acordando naquela hora também, e pôde ver Júlia de relance.

- Que linda é essa moça, quem será? – pensou Fernando.

Fernando viu as meninas saírem, e perguntaria por Júlia depois à irmã. Iria encontrar com sua namorada e se arrumaria para ir vê-la.

Júlia havia vindo de Minas Gerais de carro, e ela quem dirigiria pela cidade. Clara pensava como Júlia soube chegar até sua casa, e perguntou à amiga.

- Não foi muito difícil descobrir, Clarinha! – disse Júlia.

- Como você está? Como está se sentindo? E o Gui, lhe procurou? – perguntou Júlia.

Clara e Júlia teriam assunto para conversarem durante muito tempo e Clara começou a respondê-la. Falou da sensação que sentiu ao chegar à cidade, sobre as lembranças constantes que tinha de Guilherme e comentou que ele nunca mais a procurou, motivo o qual lhe deixava extremamente triste.

- Será que não fui tão importante para ele, Ju? – perguntou Clara.

- Claro que foi, Clara – respondeu Ju.

- Senão, não teria ficado este tempo todo ao seu lado, não teria noivado! Ele também deve estar sofrendo e talvez o silêncio seja pra ele uma forma de evitar que sofram mais! – completou Júlia.

- Pode ser! – disse Clara.

Chegando próximo ao centro da cidade, resolveram parar em um lugar tranquilo, onde poderiam continuar a conversar. Desceram do carro, e procuraram um barzinho. Entraram, sentaram-se e foram atendidas pelo garçom. Fizeram seus pedidos e aguardaram conversando.

- Me conte de você, Ju! – disse Clara.

Júlia contou que estava conseguindo se recuperar do último romance que teve e que não lhe deixou boas lembranças. Contou também sobre o hospital onde trabalhava, e sobre a dedicação que depreendia aos seus pacientes. Eram em sua maioria crianças com câncer que realizavam quimioterapias e se recuperavam desta trágica doença. Júlia era muito profissional, mas não conseguia não se envolver com os pequeninos. Sabia da vida de cada um detalhadamente e se sentia extremamente responsável por elas. Cada perda era uma decepção, como se ela não houvesse dado o suficiente para salvar aquela vida.

- Tenho muito orgulho de ter uma amiga como você, Ju! – disse Clara.

- E eu também, minha amiga-irmã! – retribuiu Júlia.

- Clara, você se lembra bem de seu pai? – perguntou Júlia.

- Claro!

- Como ele era? – perguntou Júlia.

- Meu pai era o melhor pai do mundo. Deu sua vida para construir o que temos hoje e com muito carinho criou eu e meu irmão. Na verdade, como já lhe disse, meu irmão é adotado. Foi uma promessa de meu pai. Quando era jovem engravidou uma moça, a primeira namorada de papai. Esta moça morreu no parto junto com a criança, e meu pai ficou muito abalado com isso. Anos depois conheceu minha mãe e se casaram. Logo eu nasci, e papai contou toda a história para a mamãe. Foi onde adotaram o Fernando, que é meu irmão mais novo e muito amado. Papai era carente, sorridente, trabalhador e se dedicou muito a nossa família. Sinto muitas saudades dele, mas sei que hoje está num plano muito melhor que este nosso, guiando nossos passos. – disse Clara.

Uma lágrima caiu da face de Júlia.

- Não tive pais! A história de seu pai e de sua família é muito bonita! – disse Júlia.

- É sim! – disse Clara.

O garçom serviu as meninas e juntas brindaram aquele momento.

Aproximava-se das onze horas e Clara e Júlia já haviam conversado sobre todos os assuntos que poderiam falar naquela noite. Clara pediu a conta e logo voltaram para casa.

Era quinta-feira e Clara desejava que Júlia permanecesse o final de semana em Holambra.

- Ju, posso te pedir uma coisa? – perguntou Clara.

- Claro, fale Clarinha! – disse Júlia.

- Fique este final de semana aqui em Holambra. Pode ficar lá em casa e conhecer melhor minha família, inclusive meu irmão.

Júlia não sabia o que responder. Mas, a vontade de permanecer ao lado de Clara falou mais alto.

- Claro que fico, Clarinha! Se lhe deixarei feliz, eu fico! – disse Júlia.

As amigas retornaram para casa e Clara pediu sua mãe para que arrumasse um quarto para Júlia se acomodar.

Maria se alegrou em ter uma visita em casa. Há tempos Maria não via a fazenda tão cheia de alegria.

- Ju, olhe quem está chegando! – disse Clara.

- Este é meu irmão, o Fernando! Mais conhecido como Nando! – completou Clara.

- Olá, Fernando! Sou Júlia, amiga da sua irmã, prazer em conhecê-lo!

- Olá, Júlia! O prazer é todo meu! – disse Fernando.

Fernando, Júlia e Clara ficaram até altas horas jogando baralho e bebendo vinho. Maria se deitou mais cedo, pois estava exausta e ainda não havia descansado desde que buscara Clara no aeroporto.

Sorriram durante toda a noite. O clima na fazenda estava bastante frio e Clara pegou algumas mantas para que se cobrissem. Estavam sentados no tapete da sala de estar e terminaram a noite deitados em almofadas, contando um para os outros suas aventuras da adolescência.

- Já nadei pelado no riacho! – disse Fernando descontraindo a conversa.

Gargalhavam recordando as histórias mais belas da juventude. Foram se deitar pela madrugada quando o sol já apontava os primeiros raios no horizonte.

Naquele dia, Clara pôde esquecer um pouco Guilherme e sorrir com sua amiga e seu irmão.

Era manhã de sexta-feira e Maria já havia acordado quando todos ainda estavam dormindo. Maria preparava o café da manhã quando seus filhos e Júlia se levantaram. Fernando e Clara levariam Júlia para conhecer a pequena cidade de Holambra e Maria ficaria para preparar o almoço.

Após o café todos se arrumaram. Foram primeiramente até o campo de flores da fazenda e depois iriam para a cidade.

Neste meio tempo, Maria resolveu arrumar o quarto dos meninos. Chegando ao quarto de Júlia, Maria arrumou a cama que a amiga de Clara havia dormido, e colocou sua mala no *closet*. Ao pegar a mala observou uma etiqueta que constava o nome de Júlia.

Aquele sobrenome lhe soava familiar, mas não conseguia identificar de onde. Resolveu terminar de preparar o almoço, pois logo os meninos retornariam para almoçarem. Maria preparava uma lasanha, era o prato preferido de Clara. Queria agradar a filha a todo o momento e fazê-la esquecer um pouco de Guilherme, pelo menos enquanto estavam juntas. Estava adorando a visita de Júlia, pois com a amiga, Clara se distraía e aos poucos superava a distância de seu grande amor.

O campo da fazenda de Clara era encantador. Contava com vários tipos de rosas com cores diversas, parecendo um arco-íris. Havia dois cata-ventos gigantes, e sobre um riacho que atravessava a fazenda, uma bela roda d’água. Era um lugar lindíssimo e sereno para se viver.

- Está gostando, Júlia? – perguntou Fernando.

- Tem como não gostar? – brincou Júlia.

- Eu amo este lugar! Foi aqui que eu e Fernando crescemos e brincamos por toda a nossa infância. – disse Clara.

Júlia imaginou sua infância naquele lugar. Era realmente lindo. Os pássaros cantarolavam a todo o tempo. Viam-se beija-flores a passearem, voando por todos os lados, e de longe se ouvia o som da roda d’água que girava pelas águas do pequeno riacho que atravessava a fazenda. Ao entardecer o vento soprava mais forte e dava para ver aqueles grandes cata-ventos girando na direção do vento.

Era um paraíso e Clara se sentia extremamente agradecida a Deus por ter lhe proporcionado anos felizes com sua família naquele belo lugar.

- Está feliz de ter voltado para a sua terra, Clara? – perguntou Júlia.

- Feliz por estar aqui, Ju! Triste por estar longe do Guilherme! Mas, penso que com o tempo conseguirei superar tudo isso! – disse Clara.

- Vamos bater um pega até o carro? – propôs Fernando antes que a irmã ficasse triste novamente.

- Fechado! – disse Júlia.

- No já, começamos a correr! – disse Clara lembrando as brincadeiras de criança ao lado de seu irmão.

- 1, 2, 3 e já! – contou Fernando.

Foram correndo, sorrindo e gritando até chegarem ao carro que estava parado no estacionamento da fazenda.

- Ganhei! Acho que já faz muitos anos que não brinco disso! – disse Júlia sorrindo para Clara e Fernando, ofegante comemorando sua vitória.

- Eu também, Ju! – disse Clara.

Pareciam três crianças soltas no Jardim do Éden. Não havia maldade, não havia disputas, não havia nada que maculasse aquela amizade. Júlia queria aproveitar cada minuto ao lado de Clara. Júlia descobrira ao lado de sua amiga uma nova maneira de viver. Ela já amava muito Clara e tinha muito medo de perdê-la.

Júlia, Fernando e Clara entraram no carro e foram até o centro da cidade para que Júlia conhecesse o dia e a rotina da pequena cidade de Holambra.

Andando pela cidade, um antigo amigo de Clara a reconheceu e veio correndo cumprimentar a amiga. Rogério foi apaixonado por Clara desde sua infância e alimentava um grande carinho pela garota.

- Ro, meu amigo, quanto tempo!

Clara deu um abraço em seu amigo e perguntou sobre a vida do rapaz. Perguntou se havia se casado, se o garoto estava estudando, se ainda morava em Holambra. Em fim, perguntou tudo o que poderia ter mudado na vida de Rogério desde que deixaram de terem contato.

Rogério respondeu à Clara lhe dizendo que havia se formado no curso de Jornalismo e trabalhava no pequeno diário da cidade de Holambra além de fazer alguns trabalhos extras na Capital, perto de onde se formou. Rogério era formado pela Faculdade Metodista, na cidade de São Bernardo do Campo, mas

tinha pretensões de se mudar para o litoral, já que estava terminando de montar seu apartamento no Guarujá.

- Quando voltou Clara? – perguntou Rogério.

- Faz um dia apenas! Cheguei ontem e tive tempo somente de descansar! Hoje estou apresentando nossa cidade para uma grande amiga. Venha conhecê-la, vou apresentá-la para você! – disse Clara pegando nas mãos de Rogério e o levando em direção à Júlia.

Rogério sentiu o toque das mãos de Clara e por um momento queria que o tempo paralisasse ali. Era um amor platônico que alimentava desde sua mocidade. Clara jamais olhara Rogério com olhos de mulher. Via o rapaz sempre como um amigo de infância que crescera na mesma cidade que ela, estudando no mesmo colégio. No entanto, Rogério jamais se esquecera de Clara.

Clara apresentou o amigo à Júlia e o convidou para almoçarem juntos. Rogério aceitou e todos retornaram para a fazenda.

Clara contou suas novidades para Rogério. Contara sobre seu curso, sobre as novas amizades feitas na Europa, sobre sua primeira turma de alunos e sobre John. Rogério e Clara não se falavam desde que Clara havia partido para a Holanda. Rogério ficou muito feliz em rever sua amiga e em saber que ela estava solteira. Tinha esperanças em conquistar o coração de Clara.

O final de semana terminou e Júlia tinha de voltar para Minas Gerais. Havia tirado aqueles dias de folga, mas na segunda-feira já retornaria a sua rotina no hospital em que trabalhava. Júlia agradeceu Maria pela receptividade em sua casa e a convidou para passear em sua terra, que definitivamente havia adotado.

- Adeus Dona Maria, adeus Fernando! Quero vê-los em breve e recebê-los em minha casa – disse Júlia se despedindo.

- Adeus Júlia, volte sempre que quiser! Adorei lhe conhecer, realmente você era tudo que a Clara dizia! – disse Fernando.

- A Clarinha não conta! É minha melhor amiga! – disse Júlia brincando com Fernando.

Fernando e Maria ficaram na sala enquanto Clara acompanhou sua amiga até seu carro.

- Júlia, posso lhe dizer uma coisa? – perguntou Clara.

- Pode sim, Clarinha! – respondeu Júlia.

- Eu amei este final de semana! Quando estou ao seu lado esqueço um pouco dos problemas, e principalmente da tristeza que sinto em não estar mais ao lado de Guilherme. Sinto algo muito forte que me liga a você, e não sei muito bem definir o que seja. Nossa amizade é muito forte, como se realmente lhe conhecesse de outras vidas. Neste momento estou com um aperto enorme em meu coração, como se fosse a última vez que fosse lhe ver! – disse Clara.

- Que isso Clarinha, vamos nos ver muitas vezes ainda! Com você aqui por perto teremos muitas oportunidades para nos divertimos como fizemos nestes dias. – disse Júlia.

Júlia ficava boquiaberta cada vez que Clara dizia que sentia algo diferente na amizade delas. O coração de Clara já sabia, mas a jovem garota não conseguia identificar.

Júlia abraçou fortemente sua amiga e uma lágrima caiu de seu olhar no momento em que se despediam.

- Ju, por favor, não me abandone como o Guilherme fez! – pediu Clara.

- Clarinha, eu estarei sempre contigo! É uma promessa, tudo bem? – respondeu Júlia.

- Se você diz, eu acredito. – respondeu Clara.

As amigas se despediram e Júlia então colocou sua bagagem no carro e sozinha retornou para a Capital do Estado de Minas Gerais.

Já havia se passado um mês da chegada de Clara à cidade de Holambra. Guilherme sentia imensamente a sua falta. Passava quase que diariamente em frente à casa que Clara havia morado durante sua estadia no país. Guilherme

relembrava os momentos vividos com sua namorada. A ternura e pureza de Clara, o romantismo e a história de amor que juntos viveram. Não havia como esquecê-la. Sua imagem vinha-lhe à cabeça a todo instante.

Para tentar amenizar a dor da distância de seu grande amor, Guilherme se dedicava inteiramente à banda e aos shows que realizavam. A banda havia se popularizado no país após a ida ao ar do programa gravado no dia da formatura de Clara. A banda estava alçando vôos mais altos e Guilherme ficara surpreso diante da última notícia que recebeu de seus colegas.

Um grande produtor musical e empresário brasileiro que passava pela Holanda, Sr. Álvaro Sandellis, neste momento de ascensão da banda, ficou fascinado pela qualidade do som produzido por ela. Sem hesitar convidou a banda de Guilherme para participarem de um grande evento de música pop-rock mundial. Este evento seria realizado no Brasil, na cidade de Belo Horizonte.

Guilherme pensou logo em Clara e na oportunidade de revê-la. Não sabia ao certo se era uma boa idéia, mas sabia que havia ficado feliz com aquela notícia.

O evento aconteceria dali a dois meses e a banda tratou de definir o repertório, organizar a apresentação, e para que fizessem um show marcante, ensaiaram todos os dias, inclusive aos finais de semana.

Guilherme passou a contar os minutos para embarcar para o Brasil. Pensava em Clara vinte e quatro horas no dia e se inspirava em sua pequena violinista para cantar suas canções. Tinha a certeza que seria uma grande oportunidade para juntos acharem uma saída para a distância que os separavam.

Clara havia voltado a tocar na pequena banda de Holambra, enquanto seu futuro não se definia. Estava sem perspectivas, mas se empenhava em encontrar seu caminho. Passava grande parte de seu tempo compondo algumas canções, ensaiando obras já conhecidas e modificando a estrutura de outras, atribuindo a elas um toque de criatividade em seu conteúdo.

Clara estava empenhada em reformular uma música bastante conhecida e que tocava em sua caixinha de música dada por Júlia. Criava duetos, trocava escalas, e com originalidade recriou o Minueto em G de Johann Sebastian Bach. O resultado daquele grande empenho havia ficado magnífico e Clara estava ansiosa para mostrar para seu primeiro professor de música e maestro. Foi ele, que depois de sua mãe, lhe ensinou a verdadeira magia de se tocar um instrumento.

Apesar de ter diplomação superior a de seu maestro, Clara o respeitava muito. Sabia que aquele sábio homem levava em sua bagagem muito mais do que um diploma do curso que realizou num pequeno conservatório de música. Aquele homem trazia experiências de vida e na música. Era um grande exemplo, que Clara se espelhava como musicista.

Para ir aos ensaios, Clara sempre passava por perto da casa de Rogério, onde vez ou outra o via e cumprimentava o rapaz. Neste dia, após mostrar seu feito ao seu professor, Clara foi elogiada e agradeceu a ele por ter sido a ponte entre ela e a música.

Saindo da sala de ensaio da banda, Clara encontrou com Rogério, que estava lhe esperando, encostado no portal da saída do local.

- Olá, Clarinha! Estava lhe observando tocar e estava linda, iluminada! Mais bela do que nunca! – disse Rogério.

- Obrigada, Rogério! Mas, o que você faz por aqui? Veio aprender algum instrumento? – perguntou Clara.

- Não, não, Clarinha! Não tenho habilidade alguma! Vim somente para lhe ver, pois estava com saudade de rever seu sorriso – disse Rogério.

- Quanta honra! – respondeu timidamente Clara já pressentindo as intenções do garoto.

- Então, estava pensando em lhe chamar para sair hoje! Está uma linda noite. Aceita sair comigo, Clarinha? – perguntou Rogério ansioso por uma resposta positiva de Clara.

- Então, Rogério! Havia marcado de sair com uma amiga, mas não sei se realmente vamos sair. Ela me ligaria hoje confirmando, mas ainda não ligou! Vou para minha casa, e te ligo se formos sair, tudo bem? – perguntou Clara.

- Tudo bem, Clarinha! Espero sua ligação! – respondeu Rogério.

Clara não havia marcado nada para aquele dia, mas estava indecisa em se envolver com alguém tão cedo. E ainda, alguém que sabia que era apaixonado por ela.

Rogério retornou ansioso para a sua casa à espera da ligação de Clara. Ao chegar em casa, Clara ligou para seu amigo Edu para pedir-lhe sua opinião sobre aquele encontro. Edu sabia que nos últimos dias Clara estava passando por alguns momentos de tristeza e que aquele encontro talvez lhe fizesse muito bem, e aconselhou a amiga para que fosse, ainda sabendo dos sentimentos do garoto. Na pior das hipóteses, o romance poderia não dar certo e eles voltariam a serem os amigos que sempre foram.

Clara então ligou para Rogério e confirmou seu encontro com o garoto pedindo para que ele a pegasse dali à uma hora para que se arrumasse com tempo.

Rogério não acreditava no que estava acontecendo. Clara havia aceitado sair com ele. Rogério sabia que esta seria a melhor chance para conquistá-la.

Clara se banhou com suas ervas e óleos perfumados. Colocou um roupão ao sair do banho e foi se maquiar. Assim que terminou sua maquiagem Clara se vestiu caprichosamente, como há muito tempo não fazia. Mais uma vez se perfumou com o perfume que havia trazido da Holanda. Sentiu aquele aroma e lembrou-se de Guilherme, pois era o perfume que Clara usava sempre que estavam juntos. Por um momento quis apagar Guilherme de sua memória. Clara iria tentar algo novo e daria aquela chance a Rogério.

Clara terminou de se arrumar assim que Rogério chegou à fazenda. Avisou sua mãe que sairia naquela noite com o rapaz, se despediu de Maria e Fernando e se dirigiu ao carro de Rogério.

O rapaz já estava do lado de fora do carro, encostado no capô, esperando por Clara.

- Tudo isso é pra mim? – perguntou Rogério.

- Estou bonita? – perguntou Clara.

- Está muito linda, Clarinha! Muito linda! Diria que está uma princesa! – respondeu Rogério.

- Obrigada, Ro! Você também está muito bonito! Está um galã! – disse Clara retribuindo a gentileza do rapaz.

- Vamos? – perguntou Rogério abrindo a porta de seu carro para Clara.

- Vamos sim! – respondeu Clara.

Rogério era um lindo rapaz. Era moreno, de estatura mediana, e tinha os olhos azuis da cor do mar. No entanto, sua beleza não era o suficiente para fazer com que Clara o enxergasse como um homem que estava apaixonado, pedindo por seus carinhos.

Ele sabia que aquela seria sua única chance de conquistar o coração de Clara, e se dedicou exclusivamente à ela durante todo o tempo que ficaram juntos. Retirando uma pequena flor do banco de trás do carro, entregou à Clara.

- Linda como você e para você! – disse Rogério.

- Obrigada, Ro! Ela é linda mesmo – disse Clara agradecendo o carinho com que Rogério a tratava.

- Bom, aonde vamos? – perguntou Rogério.

- Num lugar calmo de preferência! – disse Clara.

Rogério levou Clara até uma pizzeria muito famosa que havia na cidade. Clara ainda não a conhecia, pois muitas coisas haviam mudado durante o período em que esteve no exterior. Neste dia havia música ao vivo e Rogério e Clara puderam conversar mais e se conhecerem mais uma vez, depois de tanto tempo que passaram afastados.

Rogério havia namorado durante algum tempo, mas nenhuma de suas namoradas conseguiu tocar seu coração, como Clara tocava. Ela era doce, suave em suas palavras, delicada em seu visual, perfumada, elegante. Clara era a mulher dos sonhos de Rogério.

- Mas, me conte de você, Clarinha! – disse Rogério.

- Sobre? – perguntou Clara.

- Sobre sua vida, seus estudos e suas paqueras na Holanda! – disse Rogério querendo saber um pouco mais sobre o relacionamento que Clara teve com Guilherme.

Clara respirou fundo e contou exatamente sua vida ao lado de Guilherme. Disse sobre seu encanto pela Holanda e sobre como se deu o fim de seu relacionamento. Não se tratava do fim de um amor, mas o fim de um lindo período de sua vida, que a distância pôs um ponto final. Por fim, Clara disse a Rogério que estava tentando superar toda aquela fase e que aquele era o primeiro passo depois de um longo tempo em reflexão.

Rogério tinha ciência que seria arriscado, mas também sabia que era o momento certo para investir a fundo em ter algo com Clara. Ele não desperdiçaria sua única chance.

Clara e Rogério curtiam o show feito pela banda que estava se apresentando. Rogério estava num sonho e não queria acordar. Pediram uma pizza e um vinho para acompanhar. Clara adorava vinho e naquele dia bebeu um pouco mais do que o de costume. Não era de beber, mas queria poder relaxar e curtir um pouco aquele momento com Rogério.

- Vamos embora, Srta. Clarinha? – perguntou Rogério.

- Não. Vamos para outro lugar! – disse Clara.

- Para onde? – perguntou Rogério temendo o que Clara responderia.

- Vamos procurar algum lugar aberto pra gente dançar! – disse Clara.

- Vamos sim! – disse Rogério aliviado. O garoto percebeu que Clara estava sobre o efeito do vinho que beberam e não tomaria nenhuma atitude que pudesse estragar com aquele sonho que estava vivendo.

Clara e Rogério esperaram a banda terminar de tocar e saíram à procura de algum lugar aberto. Não havia nenhum lugar que poderiam dançar àquela hora. Clara então chamou Rogério para irem até a Capital e ligou para seu amigo Edu. Tudo certo, foram para São Paulo onde encontrariam com o amigo de Clara na Avenida Paulista. Era o coração daquela cidade.

- Oi, Edu! – disse Clara ao descer do carro e rever o amigo.

- Oi, Clarinha! Quanta saudade deste sorriso! –disse Edu abraçando sua amiga que não via desde que retornaram da Holanda.

Clara então apresentou Rogério ao amigo e juntos foram até uma balada ali por perto. A danceteria ficava localizada na Rua Augusta, muito próxima de onde estavam.

A noite passou e Clara estava adorando ver Rogério com outros olhos. Agora Clara podia vê-lo com olhos de mulher. Esqueceu o estereótipo de criança que havia criado para Rogério e quebrou a imensa barreira que a impedia de tentar se apaixonar por alguém.

- Clarinha! – chamou Rogério.

- Oi, Ro!

- Estou adorando esta noite! Nunca pensei que estaria dançando contigo! Mesmo estando na Holanda, eu ainda pensava em você! – disse Rogério.

- Que bom que sou alguém que gosta, Ro! Você está me ajudando muito! Obrigada por estar aqui! Obrigada pela companhia e pelo carinho! – disse Clara ainda indecisa sobre qual atitude tomaria naquela noite.

Clara resolveu deixar as coisas acontecerem naturalmente.

Antes das seis horas da manhã, Clara e Rogério já haviam chegado à fazenda. O dia já estava nascendo e juntos puderam ver os primeiros raios de sol. O tempo estava nublado e a imensidão das flores já alegrava o ambiente. Uma música romântica tocava no som do carro de Rogério no momento em que o rapaz olhou fixamente para os olhos de Clara.

- *“Close your eyes, give me your hands!”* (Feche seus olhos, me dê suas mãos) – cantou Rogério, juntamente com a música, pegando nas mãos de Clara.

Aproximou seu rosto ao de Clara e fechando os olhos a beijou pela primeira vez. Clara permitiu que Rogério a beijasse, no entanto ainda surgiam imagens de Guilherme em sua mente. Clara pensava se Guilherme estava com outra pessoa como ela. Sentiu que estava traindo seus sentimentos e seu grande amor.

Rogério acariciou o rosto de Clara e tocou em seus cabelos. Beijou levemente suas mãos e a convidou para passearem no outro dia. Clara aceitou e se despediu de Rogério lhe retribuindo o beijo que havia ganhado.

A semana passou e Clara e Rogério se encontraram todos os dias. Clara voltou a sorrir e Rogério fazia o que podia para entrar de vez na vida de Clara. Levou Clara para a praia, fez um jantar a dois em sua casa, comprou flores e mandou entregar em sua fazenda. Clara estava permitindo apaixonar-se pelo rapaz.

IV

Júlia e Guilherme: As encruzilhadas da Vida.

Júlia passou aquela semana pensando nos momentos que havia passado com Clara em sua fazenda, e tudo que já haviam compartilhado desde que se conheceram. Eram momentos especiais para ela, dividira com sua amiga, momentos que almejava ter desfrutado em sua infância e adolescência, com uma irmã.

Clara já havia contado a respeito de seu novo romance com Rogério à Júlia, no entanto, tinha muito medo de iludir o rapaz e descobrir ao final que não estava realmente apaixonada. Só saberia responder a esta pergunta vivendo, e foi o que Clara fez. Vivia um dia de cada vez, na expectativa de que um dia sentiria algo tão forte por Rogério como sentira um dia por Guilherme.

Júlia apoiou a amiga em sua decisão. Eram raros os momentos em que Júlia e Clara discordavam em alguma opinião. Aquela sintonia que tinham as unia profundamente.

- Ju! – disse Clara ao telefone quando conversava com a amiga.

- Diga, Clarinha! – respondeu Júlia.

- Estou feliz! Estou voltando a sentir vontade de viver, de tocar, de me alegrar com a vida! – disse Clara.

- Que ótimo, Clarinha! Se depender de mim, você será feliz para sempre! – disse Júlia.

- Ju, as pessoas me dizem que amizades acabam, e que as pessoas passam em nossas vidas por um momento somente, e logo se vão. Não deixe de ser minha amiga, Ju! Eu amo você! – disse Clara voltando a sentir algo que lhe deixava inquieta em relação a sua amizade com Júlia.

- Clarinha, já ouviu falar em razão, estação e vida inteira? – perguntou Júlia.

- Não, Ju! O que é? – perguntou Clara.

- É um conto sobre as diversas formas que assumem as amizades. Pessoas que passam por alguma razão, outras que nos dão emoção, mas por um curto espaço de tempo, sendo somente uma estação em nossa vida, e outras que permanecem em nosso coração pela vida inteira. Preciso lhe dizer o que és para mim? – perguntou Júlia com suavidade em sua voz.

- Que lindo, Ju! Guardarei isso em meu coração! – respondeu Clara.

- Saiba que, aconteça o que for, você será para sempre minha amiga, verdadeiramente minha melhor amiga. Para a vida inteira! – disse Júlia.

Clara guardou aquelas palavras que soavam como música para o seu coração. Jamais as esqueceria. Clara ainda contou de sua família, de seus planos e de como crescia seu sentimento por Rogério a cada surpresa que o rapaz lhe fazia. Clara estava reencontrando seu caminho. Sabia que ainda haveria dor, mas nenhuma angústia seria maior do que o amor que sentia pela sua vida, pela sua família, pela música e por Deus. Clara era uma menina mulher abençoada e iluminada.

Guilherme estava ansioso para viajar ao Brasil. Rosas vermelhas e brancas vinham a sua mente e lhe traziam o perfume de sua amada. Lembrou-se que Júlia morava em Belo Horizonte e pensou em falar com ela, antes de decidir se iria ou não encontrar com Clara. Lembrava-se que tinha o telefone de Júlia, mas não o achava de jeito nenhum. Foi quando se lembrou de Edu. Tinha a certeza que ele saberia lhe informar.

- Alô! – atendeu Edu.

- Alô, é o Edu? – perguntou Guilherme.

- É sim, quem fala? – perguntou novamente Edu.

- É o Guilherme amigo, como está? – perguntou Guilherme cumprimentando o amigo de Clara, que também era seu amigo.

- Oi Guilherme, quanto tempo rapaz! Estou bem e você? – disse Edu surpreso com aquela ligação.

- Estou bem. Na verdade preciso de um grande favor seu! – disse Guilherme.

Edu logo pensou em Clara, e imaginou que Guilherme perguntaria sobre sua amiga.

- Preciso do número de telefone da Júlia, amiga da Clara, pois preciso falar com ela. Você tem? – perguntou Guilherme.

- Devo ter em minha agenda sim, Guilherme! – respondeu Edu curioso para saber por qual motivo Guilherme precisava do telefone de Júlia.

Rapidamente Edu achou o telefone de Júlia e passou para Guilherme.

- Obrigada, Edu! Fico lhe devendo essa. – agradeceu Guilherme.

- De nada, Guilherme! – retribuiu educadamente Edu.

- Só lhe peço outro favor, Edu!

- Diga, Gui!

- Não comente nada com a Clarinha sobre esta ligação! – pediu Guilherme, pois não sabia se teria coragem de encontrar com sua amada.

- Tudo bem Guilherme, não comentarei nada! – prometeu Edu quase que cruzando os dedos para logo comentar sobre a ligação com Clara.

Edu ficou intrincado com o pedido de Guilherme, mas, como prometido, não comentou nada sobre a ligação de Guilherme com Clara.

Um mês já havia se passado. O sol havia se posto e a noite caia na pequena cidade de Holambra. Era noite de sábado e Clara havia combinado com Rogério de se encontrarem. Clara não contava com a surpresa que Rogério haveria de lhe fazer naquele dia.

Rogério logo chegou à fazenda de Clara e com um beijo apaixonado recebeu sua namorada. Rogério lhe deu um abraço e lhe falou o quanto estavam sendo especiais os momentos que passavam juntos.

- Hoje vamos em um lugar especial, minha flor! – disse Rogério.

- Posso saber para onde iremos? – perguntou Clara.

- Vamos ver o mar, a lua e as estrelas! – disse Rogério.

- Vamos? – perguntou Clara um pouco perdida, sem entender se realmente iriam para o litoral àquela hora.

- Vamos! Depois ficamos em meu apartamento, passamos o domingo na praia e voltamos amanhã pela noite – propôs Rogério.

- Então vamos! – respondeu Clarinha ainda confusa com a situação.

Clara avisou a sua mãe que viajaria até o litoral com o namorado e convidou seu irmão para acompanhá-los.

- Eu? Ir com vocês? Estragar o romance de vocês? – brincou Fernando.

Fernando havia terminado seu namoro há poucos dias e Clara sentia que ele andava meio tristonho naquela semana. Diante da recusa do irmão Clara desceria sozinha com o namorado para o litoral paulista.

- Tudo bem! Amanhã pelo fim da tarde estarei voltando, me esperem para fazermos algo juntos! – pediu Clara.

- Tudo bem, Clarinha! – respondeu Maria dando um beijo em sua filha.

- Juízo, crianças! Espero que se comportem! – disse Maria se despedindo do casal.

- Pode deixar, Dona Maria! Iremos somente fazer um passeio diferente! – disse Rogério a sua sogra abraçando Clarinha pelas suas costas.

Rogério e Clara então entraram no carro e desceram a serra em direção ao Guarujá. A noite estava encantadora. Clara estava feliz, mas insegura quanto aos seus sentimentos e quanto ao que poderia acontecer naquela noite.

Ao chegarem naquela bela praia, Rogério desceu do carro e abriu a porta para que Clara descesse. Ainda no estacionamento do condomínio, Rogério tocou levemente o rosto de Clara e lhe disse pela primeira vez que a amava.

- Eu te amo, minha menina! - disse Rogério.

Clara não sabia o que lhe responder. Rogério havia lhe chamado de minha menina. Exatamente como Guilherme sempre lhe chamara. Não sabia se se tratava de mera coincidência ou se naquele instante o destino havia posto uma prova de fogo para decidir-se sobre seus sentimentos em relação a Rogério.

- Eu gosto muito de você, Ro! – respondeu Clara.

Sabia que ainda não era amor. Mas Clara realmente gostava da presença de Rogério em sua vida. E não iria descartar a possibilidade de ser feliz novamente.

Juntos andaram descalços vários metros pela enseada. O vento encontrava seus rostos e sentiam o aroma de chuva no ar. Alguns pingos começaram a cair e, em poucos minutos, Clara e Rogério já estavam encharcados pela chuva, e pelas brincadeiras que faziam molhando um ao outro com as águas do mar. Naquela noite brincavam e viviam aquele momento especial. Clara sorria e se divertia com seu namorado, no entanto, vez por outra enxergava Guilherme em seu rosto e em seus gestos.

- Obrigada, Clarinha! Sou e estou imensamente feliz ao seu lado! – disse Rogério.

Os meninos retornaram ao condomínio, onde puderam tomar um banho e prepararem algo para comerem. Jantaram uma comida tradicional que Clara preparou rapidamente e foram juntos assistirem televisão. Rogério havia sugerido um romance e logo estavam entretidos na trama. Rogério respeitava muito sua namorada, pois sabia que poderia perdê-la por qualquer ato impensado. No sofá, deitou sua namorada em seu colo e acariciava seus cabelos. Rogério aproximou-se de Clara e a beijou apaixonadamente. Clara se deixou envolver pelo momento e quando percebeu já estavam deitados, trocando beijos e carinhos. O filme continuava a passar e nem mesmo o final da trama foi capaz de conter aquele momento. Clara não esperava por aquela noite. Guilherme ainda era o grande amor de sua vida, e ela descobriu isso no momento em que pensava em seu amado e não o imaginava com outra mulher em seus braços. Clara adormeceu nos braços de Rogério. Ao acordar, viu Rogério lhe preparar o café da manhã.

Clara estava confusa com seus sentimentos. Havia dormido aquela noite com Rogério, pensando em Guilherme, e não achava correta aquela situação. Clara sentia que traía o sentimento devotado a Guilherme e ao mesmo tempo sentia enganando os sentimentos de Rogério.

Pela tarde voltaram para Holambra e Rogério deixou Clara em sua casa. Voltaram um tanto quanto calados e Rogério percebeu que havia algo estranho no ar.

- Clara? – disse Rogério.

- Oi, Ro!

- Está tudo bem? Está arrependida de algo? Acha que não deveríamos ter passado esta noite juntos? – perguntou Rogério.

- Não sei, Ro. É tudo tão recente. O Guilherme foi o único homem da minha vida, e pensei que seria eterno! E hoje, já estou namorando com você, e não sei se o que sinto é realmente amor, ou somente estou apaixonada, curtindo momentos bons ao seu lado. – disse Clara.

Aquelas palavras partiram o coração de Rogério, pois para ele a noite havia sido a realização do grande sonho de sua vida. Estar com Clara plenamente, ser dela e receber seu amor. Sentiu naquele momento que tinha Clara, mas não tinha seu amor e coração.

- Me desculpe, Ro! Estou confusa, me dê esta semana para tentar colocar todos estes sentimentos em ordem! – pediu Clara lamentando a perda do que poderia ser uma grande chance em sua vida. Mas não o amava. Não poderia estar ao seu lado quando sua atenção estava direcionada para alguém que se encontrava a quilômetros de distância dali.

Depois de muito pensar, Guilherme decidiu ligar para Júlia a fim de resolver se veria Clara em sua ida ao Brasil. Discou o número e esperou que alguém atendesse.

O telefone tocou e Júlia não podia atender naquele momento. Estava em meio a uma consulta e de longe avistou seu telefone acender. Assim que terminou a consulta, Júlia percebeu que se tratava de uma ligação internacional, mas jamais pensara que seria uma ligação de Guilherme.

Guilherme, instantes depois, retornou a ligação e rapidamente Júlia atendeu.

- Alô, é a Júlia? – disse Guilherme antes mesmo que Júlia atendesse.

- É sim, quem fala? – respondeu Júlia.

- Júlia, aqui é o Guilherme, ex - namorado da Clara! – disse o rapaz.

Júlia, como Edu, ficara surpresa com aquela ligação. Guilherme lhe contou do evento que participaria no Brasil e de sua dúvida quanto a encontrar-se com Clara.

Júlia pensara, pelos últimos fatos, que Clara estava superando a dor da perda de Guilherme ao lado de Rogério, e não queria que o rapaz estragasse tudo, iludindo-a, para depois partir e deixá-la sozinha. Júlia sabia que ele viria, mexeria com os sentimentos de Clara, e logo voltaria para a Holanda.

- Guilherme, você sabia que a Clarinha está namorando e feliz? – perguntou Júlia.

- O que? – perguntou Guilherme assustado.

- Sim, a Clarinha está namorando e está muito feliz! Não acho boa a idéia de se verem agora! Deixe-a tentar ser feliz novamente, já que não ficará ao lado dela!

- disse Júlia rispidamente.

Guilherme ficou desconsolado com aquela notícia, mas sabia que teria de fazer o mesmo que Clara. Era ilusão pensar que poderiam ficar juntos. Resolveu naquele momento esquecer Clara, mesmo contra a sua vontade.

- Obrigada, Júlia! Fico feliz em saber que a Clara está bem! – disse Guilherme com sua voz triste ao telefone.

- Desculpa Gui, mas tenho de ser realista para vocês tomarem uma decisão e pararem de sofrer. Sei que ama minha amiga. Mas, se a banda é o que te prende à Holanda, pense em esquecer Clara e conhecer alguém que te faça feliz!

- Tudo bem, Júlia. Vou começar a pensar assim – disse Guilherme.

Júlia se despediu de Guilherme e ficou com aquela conversa latejando em sua memória durante alguns dias. Não sabia se havia agido certo, pois estava influenciando diretamente no destino e na felicidade de Clara.

- Seja feliz, Clarinha! Meu eterno amor! – disse Guilherme baixinho ao telefone após finalizar aquela ligação.

Antes de descer do carro, Clara deu um beijo em Rogério e pediu para que ele a entendesse. Disse que ligaria para o rapaz até o anoitecer e que pensaria se deveriam continuarem com o relacionamento.

Rogério concordou querendo discordar de sua namorada. Clara então entrou em sua casa e disse à Maria e Fernando que havia sido um ótimo final de semana, porém estava muito cansada. Entrou rapidamente para seu banho e, sem ninguém para lhe julgar, pôde chorar suas lágrimas de incompreensão por aquele momento. Como poderia estar apaixonada por outra pessoa? E o amor eterno que jurou a Guilherme? Suas lágrimas se confundiam à água que caía sobre sua face, e seus pensamentos a remetiam a seu primeiro amor.

- Me perdoa meu amor. Ainda te amo! – pensou Clara.

Clara jantou com sua família e em seguida deitou-se em sua cama. Chorando, adormeceu pensando em Guilherme. Esqueceu de ligar para Rogério e somente lembrou-se do prometido no dia seguinte.

Ao acordar, Clara se levantou rapidamente e decidiu que não queria ver ninguém naquele dia, nem mesmo conversar com Rogério.

Clara então pegou seu novo violino e foi até a beira do pequeno riacho, que passava por sua fazenda. A natureza lhe trazia paz. Vendo as flores e ouvindo o canto dos pássaros, sentia a leveza e a simplicidade da vida. Ela desejava ardentemente aquela paz para o seu coração.

- Eu quero ouvir a sua voz, Gui! Quero voltar a sentir seus beijos apaixonados e lhe dar o carinho sincero que entreguei somente a você. – Clara pensava em voz alta.

Clara então passou a tocar seu instrumento. As imagens de Guilherme surgiam como relâmpagos em sua memória. Em seus pensamentos podia reviver aqueles momentos mágicos ao lado do grande amor de sua vida. Ninguém lhe poderia tirar isso. Eram as páginas mais preciosas do livro de sua vida. Ao retornar para sua casa, Clara viu que constavam várias ligações pendentes em seu telefone. Eram Rogério e Júlia tentando falar com Clara. Clara retornou a ligação de Júlia e contou sobre sua noite com Rogério e sobre a confusão que tudo aquilo provocou em seus sentimentos. Clara dizia como se sentia bem ao

lado de Rogério, que se divertiam juntos, mas que gostava da presença dele como uma companhia amiga e não o considerava como seu namorado, como seu amor. Júlia, instantaneamente pensou em Guilherme e em tudo o que havia dito para ele ao telefone. Estava se sentindo mal por ter tido aquela conversa com o garoto, no entanto, não revelou à Clara que havia falado com ele naquele fim de semana.

Clara sentiu Júlia um pouco distante e calada, mas não comentou nada a respeito. Despediu-se da amiga, e logo após ligou para Rogério combinando de se encontrarem ao anoitecer.

Clara estava decidida a terminar seu namoro com Rogério naquele dia. Rogério já esperava por Clara e dessa vez tinha a intuição que seria a última vez que entraria na fazenda para pegar a namorada. Clara preferiu conversar com Rogério ali mesmo. Chamou o rapaz para caminharem pelo campo de flores e, aos poucos, abriu seu coração. Clara revelou que não estava preparada para se envolver com ninguém enquanto não superasse tudo o que sentia por Guilherme. Desconsolado, Rogério procurou entender Clara e lhe desejou o melhor. O garoto ainda tinha esperanças em voltar para a vida de Clara.

- Adeus, Clarinha! Eu te amo, ainda que você não esteja apaixonada por mim. Este tempo que passamos juntos, foram os melhores momentos que pude passar ao lado de alguém! – disse Rogério.

- Desculpe-me, Ro! Foi especial para mim também, mas preciso deste tempo só! – disse Clara.

Com um beijo em seu rosto, Rogério se despediu de Clara e entrando em seu carro, voltou para a sua casa. Rogério chorava de dor, mas desejava o melhor para Clara. Esperava imensamente que nada daquilo estivesse acontecendo. Seu pequeno sonho, que teve uma curta duração, estava chegando ao fim.

As malas de Guilherme já estavam prontas e a banda já o esperava no aeroporto. A viagem já não o interessava como antes de falar com Júlia. Imaginava Clara nos braços de outro homem e aquilo o consumia em tristeza. Ainda assim, pegou suas malas e seguiu viagem em direção ao Brasil. Era um grande evento que traria bons frutos à banda.

Guilherme seguiu pensativo durante toda a viagem. Não imaginava estar tão próximo de Clara e não poder vê-la, não poder tocá-la. Era seu amor explodindo em seu ser. Queria por um momento desistir de tudo e voltar para Clara. Por outro lado, Guilherme sabia que Clara jamais admitiria que ele sacrificasse seu sonho. Guilherme não encontrava saídas. O rapaz não vislumbrava nada que pudesse juntar seu destino ao de Clara. Decidiu que o melhor seria encontrarem seus caminhos distantes um do outro. E era o que Guilherme tentaria fazer.

Após algumas horas o avião aterrissou no Brasil. Haviam pousado no aeroporto internacional Tancredo Neves, e Guilherme pensava a todo o momento que estava muito perto de Clara. Queria vê-la, queria senti-la, queria abraçá-la e matar aquela dor causada pela distância de sua amada.

Não poderia vê-la. Guilherme não queria atrapalhar a vida de Clara e decidiu que iria conter-se e não a procuraria.

Seguiram para Belo Horizonte onde ficariam hospedados em um hotel em volta à Lagoa da Pampulha.

Ao chegarem, se acomodaram nos quartos reservados para a banda. Guilherme ficaria junto com Mateus, que era guitarrista da banda, em um dos quartos do hotel. Guilherme tomou seu banho e se deitou para descansar. Teria de estar disposto e bem no outro dia.

- Clara! – acordou Guilherme assustado chamando por sua amada após adormecer pensando nela.

- O que foi Guilherme? – perguntou Mateus que assistia televisão ao seu lado.

- Tive um pesadelo com a Clara. Ela pedia para que eu a ajudasse, ela estava chorando e me chamando muito! – respondeu Guilherme ainda tremendo.

- Calma, Gui! Foi somente um sonho. Provavelmente estava pensando nela por estar aqui no Brasil e, inevitavelmente, sonharia com ela! – disse Mateus tentando acalmar seu amigo.

- É, pode ser! – respondeu Guilherme sem estar convencido com a justificativa de Mateus.

Guilherme estava muito preocupado com Clara. Sabia que algo havia acontecido com ela. Pegou seu telefone e ligou para Júlia.

- Júlia? – disse Guilherme.

- Sim, é o Gui? – perguntou Júlia.

- Sim, Júlia! Você tem notícias da Clara? Sabe se ela está bem? – perguntou Guilherme.

- Tenho Guilherme, mas porque está tão aflito? – perguntou Júlia.

- Tive um pesadelo com ela, estou me sentindo muito mal! – respondeu Guilherme.

Júlia tinha tato para lidar com as pessoas e neste momento soube conversar com Guilherme lhe deixando mais tranqüilo. Ao final, Guilherme se sentiu melhor e aproveitou para dizer à Júlia que estava em Belo Horizonte, muito próximo a ela.

- Que boa notícia Guilherme! Está gostando das terras mineiras? – perguntou Júlia.

- Ainda não tive oportunidade de conhecer nada, Ju! Mas, espero dar uma volta pela cidade antes de retornar para a Holanda. Estou perto de uma bela Lagoa, realmente o Brasil é um lindo país. – respondeu Guilherme.

- O Brasil é enorme, Gui! Ainda não viu nada. Temos várias praias que banham grande parte de nosso território, temos rios por toda a extensão do país, atravessando-o de ponta a ponta. Várias cachoeiras, inclusive as Cataratas do Iguaçu que é um lugar exímio. Há a região da Amazônia, do Pantanal e das florestas silvestres. Anda temos a região do serrado, da caatinga e vários outros tantos paraísos perdidos nesta imensidão de terras. Além de ser considerado um país tropical, o Brasil é também considerado o pulmão do mundo. Por isso

amo este país e não o deixo por nada. – disse Júlia orgulhosa pelas maravilhas de seu país.

- Nossa, Ju! Depois desta descrição sobre o país, que confesso que desconhecia, dá até uma vontade de morar por aqui! – respondeu Guilherme.

- Então não vou falar sobre a política, para você não desanimar! – disse Júlia brincando com o rapaz.

Guilherme convidou Júlia para assistir a apresentação de sua banda que aconteceria no dia seguinte. Júlia aceitou o convite e combinaram um lugar para se encontrarem após o encerramento do evento. Júlia não sabia que Clara havia terminado seu namoro com Rogério. Júlia não poderia contar a Guilherme o que ele mais desejava ouvir.

O dia amanheceu e Guilherme acordou logo cedo para tomar seu café da manhã. Teriam de passar o som antes do almoço, retornarem para o hotel para se arrumarem, e voltarem definitivamente para a apresentação.

O evento contava com a participação de cinco bandas estrangeiras, sendo duas americanas, uma inglesa, uma irlandesa e a banda de Guilherme. Era uma promoção a fim de reunir várias culturas em um único evento pop-rock. Além das bandas estrangeiras, várias outras bandas nacionais se apresentariam no decorrer do dia.

A banda de Guilherme seria a penúltima a se apresentar. Aproximava-se das dezoito horas e já se via um público estimado em pouco mais de trinta mil pessoas.

Antes de subirem ao palco, Guilherme providenciou um crachá para entregar à Júlia quando ela chegasse. Desta maneira, Júlia poderia ficar numa área próxima ao palco e não correriam o risco de se desencontrarem em meio à multidão.

Júlia estava indecisa se contava à Clara que Guilherme estava no Brasil para aquele evento, e que o garoto havia cogitado a hipótese de revê-la. Júlia pensou em Clara e achou melhor não contar. Seria uma ilusão inútil ver Guilherme e

depois ter de sofrer com sua partida. Júlia não queria ver sua amiga sofrer novamente pela partida de Guilherme. Júlia definitivamente evitaria o encontro de Guilherme com Clara.

Júlia se vestiu rapidamente após retornar do hospital. Após seu banho, se arrumou e ficou extremamente elegante. Perfumada, maquiada, salto alto. Colocou uma bolsa combinando com seus sapatos e cacheou seus cabelos pretos. Havia colocado uma calça jeans e uma blusa branca $\frac{3}{4}$. Pulseiras, relógio, brincos e colar. Estava pronta para sair. Ligou para Guilherme e avisou que estava estacionando seu carro próximo ao evento. Combinaram de se encontrarem na portaria para que Guilherme lhe entregasse o crachá.

Ao caminhar em direção à portaria, Júlia avistou Guilherme e o reconheceu pelas fotos que Clara lhe mostrara em Amsterdam. Instantaneamente, Júlia acenou para que ele a visse. Guilherme a reconheceu pela foto que Clara guardava em seu violino e foi ao encontro de Júlia. Trocaram abraço e beijos ao se cumprimentarem.

- Como você é bonita, Júlia! – disse Guilherme elogiando a amiga de Clara.

- Obrigada, Guilherme! – respondeu Júlia agradecendo o elogio.

- Este é seu, para que fique lá perto do palco! - disse Guilherme entregando à Júlia, o crachá que havia conseguido.

- Obrigada, Guilherme! – disse Júlia, novamente, agora sorrindo para o rapaz.

Guilherme estremeceu ao notar em Júlia o mesmo sorriso de Clara. Júlia sorriu com o olhar, assim como Clara comumente sorria para ele. Suas covinhas eram exatamente as mesmas de Clara e Guilherme observou que Clara e Júlia tinham realmente muitas semelhanças. O coração de Guilherme acelerava a cada sorriso de Júlia. Ele sabia que não era Clara, mas a presença da amiga confortava sua alma e coração. Ele sentia a presença de Clara através daqueles sorrisos.

Guilherme deixou Júlia perto do palco, onde entraria em um camarote reservado a ela e outras pessoas que acompanhavam a banda. Guilherme então subiu para o que seria um marco na trajetória de sua banda.

Guilherme era o único integrante da banda que falava português. Muito do que sabia havia aprendido com sua mãe e praticado com Clara. Cumprimentou o grande público que estava à espera do show e então começaram a tocar canções inéditas, de autoria da própria banda. O show agitou o público. Eram músicas melódicas que entoavam romantismo. Terminavam com batidas fortes da bateria e contra – baixo e vibrações sonoras das guitarras, suaves e agradáveis de se ouvir.

Guilherme se transformava em cima do palco, mostrando toda sua virilidade, energia e vigor. Cantando, lembrava-se de Clara. Abria os olhos e via no olhar de Júlia o sorriso que se confundia ao de sua amada. Sorrindo, cantou uma canção mirando seu olhar em direção à Júlia, e cada vez mais sentia paz e alegria de estar próximo a ela.

O show foi um sucesso e Guilherme era só alegria. Ao descer do palco foi ao encontro de Júlia, onde a abraçou fortemente como abraçava Clara. Ele estava feliz e entusiasmado com a banda. Júlia o convidou para passearem pela cidade para que Guilherme conhecesse melhor a Capital do Estado de Minas Gerais. Guilherme ajudou a banda a organizar os instrumentos antes de seguirem para o hotel.

Antes de deixarem o hotel, Guilherme convidou seus amigos, integrantes da banda, para conhecerem a cidade. Todos estavam exaustos e preferiram permanecerem no hotel e passearem no outro dia pela manhã.

Guilherme e Júlia então saíram sem rumo pela cidade de Belo Horizonte, onde Júlia ia mostrando alguns pontos famosos da cidade, como a Lagoa da Pampulha, a Praça da Liberdade etc.

- Como está, Guilherme? O show foi magnífico, estão de parabéns! – disse Júlia.

- Obrigada, Júlia! Estou bem! Na verdade, bem melhor agora com você. Estou me sentindo muito bem ao seu lado! – respondeu Guilherme.

Júlia não queria que aquilo estivesse acontecendo, mas Guilherme havia despertado um sentimento novo em seu coração. Estava adorando conversar com Guilherme e conhecê-lo melhor.

Decidiram parar em um barzinho, numa grande Avenida envolta à Pampulha. Guilherme e Júlia sentaram e conversaram durante horas sobre tudo, inclusive sobre Clara. Guilherme abriu seu coração para Júlia, e disse que para sempre guardaria Clara em seu coração. Falava sorrindo de sua amada, e o olhar de Júlia transparecia para Guilherme o mesmo olhar de Clara. Era impressionante como aquele olhar lhe fascinava e lhe prendia a atenção.

- Sem a Clara me sinto incompleto. Ela me trazia a serenidade em seu olhar, e hoje estou vendo esta mesma serenidade em seus olhos e sorriso, Júlia! - disse Guilherme.

Júlia não sabia o que lhe responder. Sabia que laços muito mais fortes, que somente a amizade, a ligava à Clara. Júlia ficava perplexa de como as pessoas sentiam este elo entre elas, principalmente Clara, a cada vez que se falavam.

Depois de muito conversarem, Guilherme olhou fixamente para Júlia, naquele olhar que lhe chamava a atenção, e na fração de um segundo viu Clara em sua frente. Sabia que era Júlia, mas com a serenidade de Clara. Na calmaria daquela noite, a brisa da lagoa deixava o ambiente fresco e arejado. Guilherme estava encantado com o Brasil e com a presença de Júlia.

Guilherme se aproximou de Júlia, e com suas mãos trouxe o rosto de Júlia em direção aos seus lábios. Guilherme a beijou suavemente e suspirando disse algumas palavras ao seu ouvido.

- Obrigado por estar aqui, Júlia!

Mais uma vez Guilherme a beijou e delicadamente a abraçou envolvendo-a em seu corpo e sentindo o perfume de seus cabelos.

Júlia havia se doado ao momento e não conseguia ter controle sobre a situação. Desde que terminou seu último namoro ninguém havia tocado seus sentimentos como Guilherme fazia naquela noite. Por um instante, Júlia esqueceu que se tratava do grande amor da vida de sua melhor amiga.

Após jantarem, Júlia levou Guilherme até sua casa onde mostrou fotos de sua mãe e de sua infância. Contou sobre a tristeza de não ter conhecido seus pais. Júlia estava compartilhando suas histórias de mocidade e juventude com Guilherme. Passaram boa parte do tempo sorrindo e contando suas alegrias. Por um instante fez-se um silêncio entre Júlia e Guilherme. Foi o momento em que o coração de ambos pulsava mais forte pedindo para que aquele momento acontecesse. Guilherme beijou Júlia e ela o levou até seu quarto. Devagar, Guilherme deitou Júlia em sua cama e retirou sua blusa lhe dando todo o carinho pela alegria daquela noite. Júlia sentia que estava sendo amada e desejada naquele instante. Entregou-se ao momento. Aquela noite separaria Júlia de sua melhor amiga.

O dia amanheceu e Júlia acordou entrelaçada aos braços de Guilherme. Vendo o sol raiar em sua janela, suspirou e se levantou calmamente para não acordar o rapaz. Aproveitou que Guilherme ainda dormia para tomar um banho e lhe preparar o café da manhã.

Em sua banheira se ensaboava e se lembrava de Clara e dos bons momentos junto à amiga. Não conseguia admitir que naquela noite havido traído sua melhor amiga, dormido com Guilherme. Chorou muito, querendo voltar o tempo e ter dito à Clara que Guilherme queria vê-la. Sabia que não poderia fazer isso e resolveu conversar com Guilherme sobre a situação.

Ao sair do banho, Júlia foi até sua cama, onde se sentou ao lado de Guilherme que já havia acordado. Guilherme levantou-se com a intenção de lhe dar um beijo. Júlia se antecipou pegando em sua nuca, e lhe devolveu um beijo em seu rosto.

- Não podíamos ter feito isso com Clara! – disse Júlia.

- Está arrependida, Júlia? – perguntou Guilherme.

- Não por você, mas pelo o que você representa para minha amiga. Clara jamais poderá saber que isso aconteceu! – disse Júlia.

Apesar do carinho e afeto criado por ambos naquela noite, Guilherme passou a sentir o mesmo peso que Júlia estava sentindo após caírem na realidade. Não era Clara que ele havia amado naquela noite, mas alguém muito próxima a ela.

- Foi uma linda noite ao seu lado, mas não sou eu quem você ama, Gui! Você ama Clara, e viu em meu olhar nada mais do que o olhar de minha irmã! – disse Júlia quando suas lágrimas caíam de sua face.

Júlia já não conseguia mais esconder aquele segredo e precisava compartilhar com alguém a agonia de não poder abraçar Clara verdadeiramente e lhe dizer que era sua irmã. E que a amava mais que qualquer outra coisa no mundo.

- Muito antes de meu pai conhecer a mãe de Clara, ele conheceu minha mãe, Vitória Melch. – disse Júlia.

Guilherme escutava atentamente cada palavra que Júlia dizia, e visualizava tudo se modificar com o que ela contava.

- Minha mãe era filha de pais extremamente conservadores, que não admitiam que sua filha fosse mãe solteira. Minha mãe se apaixonou perdidamente pelo meu pai. Assim como você e Clara. Tiveram uma paixão desmedida e minha mãe engravidou de mim. Quando meus avós descobriram que minha mãe estava grávida ficaram surpresos, mas resolveram que a ajudariam – disse Júlia.

- Nossa, que história, Ju! – disse Guilherme.

- Acontece que minha mãe faleceu quando eu nasci prematuramente. Meus avós com medo de perderem minha guarda, pois eu era a única herdeira deles, mentiram para o meu pai. Disseram a ele que eu também havia morrido e se mudaram para Minas Gerais. Meu avô faleceu pouco tempo depois e minha avó foi quem me criou, me educou, me deu amor, carinho e tudo que uma mãe verdadeira poderia me dar. Antes dela falecer, estava ao lado dela no hospital, ela me revelou toda esta verdade e me pediu muitas desculpas pelo o que fez. Ela me disse que eu tinha um pai vivo e que era para eu procurá-lo que com certeza ele estaria de braços abertos para mim. Quando eu iria finalmente conhecer, abraçar meu pai e lhe contar toda a verdade, já não mais poderia. Ele também já havia partido. Estava sozinha no mundo. – continuava Júlia a contar sua história.

- Foi quando descobri que ele havia se casado, formado uma família e deixado dois filhos: Clara e Fernando. Fernando era adotado justamente por que meu pai acreditava que havia me perdido. E Clara era e é minha única e legítima irmã. Depois que minha avó se foi, fiquei sozinha, e somente tenho a Clara. E não quero perdê-la por nada neste mundo, nem mesmo por você, Guilherme! – disse Júlia com lágrimas em seus olhos.

- Meu Deus! – disse Guilherme.

- Pode me entender? Clara jamais poderá saber sobre esta noite. Gui, me promete que isso ficará entre nós? Eu a amo muito, e não posso magoá-la dessa maneira. Perderia o amor de minha irmã para sempre. – concluiu Júlia.

- Eu prometo, Júlia! – disse Guilherme.

Guilherme se levantou, tomou um banho e se arrumou. Juntos tomaram o café que Júlia havia preparado, ambos entristecidos pelas circunstâncias que envolviam aquele encontro. Logo depois, Júlia levou Guilherme até o hotel onde sua banda estava hospedada.

Guilherme aproveitou aquele dia para sair com seus amigos e pensou sobre aquela história durante todo o dia. Guilherme voltaria para a Holanda no dia seguinte e resolveu que teria de esquecer Clara e Júlia para sempre.

Um sonho, Minueto em G de Johann Sebastian Bach.

Uma semana se passou e a banda de Guilherme apareceu em várias emissoras de televisão do Brasil, junto com as demais bandas que se apresentaram no evento. Zapeando os canais, Clara se deparou com um, o qual mostrava a síntese do festival. Clara olhou atentamente para aquela reportagem e pôde constatar que uma das bandas, que aparecia com imagens da bandeira da Holanda, se tratava da banda de Guilherme. Clara se entristeceu profundamente e permaneceu imóvel, olhando as imagens da banda de Guilherme e seu grande amor cantando para um público imenso, a poucos quilômetros de São Paulo.

Considerando a distância de Amsterdam, Guilherme estava muito perto de Clara. Ela não se conformava que ele havia vindo ao Brasil e nem ao menos lhe procurado.

- Como o Gui vem para o Brasil e não me fala nada? –perguntava Clara para si mesma.

O telefone tocou. Era Edu querendo falar com Clara.

- Oi, Clarinha! – disse Edu.

- Oi, Edu! – respondeu Clara

- Como está? – perguntou Edu.

- Não estou muito bem, amigo. Há mais de uma semana terminei o namoro com o Rogério e acabo de ver na televisão que a banda do Guilherme esteve aqui no Brasil, em um festival que ocorreu em Belo Horizonte. Ele ao menos disse que vinha! –disse Clara.

Edu se lembrou da ligação que Guilherme havia feito para ele. Havia prometido para seu amigo que não iria contar nada a respeito para Clara, mas sua amizade com Clara falou mais alto.

- Clarinha, tenho algo importante para lhe falar! - disse Edu.
- A respeito do Guilherme? - perguntou Clara.
- Sim! O Guilherme me ligou há um mês, aproximadamente! - disse Edu.
- Como? Porque não me disse nada? - perguntou Clara.
- Ele somente pediu o telefone de Júlia e disse que estava precisando deste favor para falar com ela. Achei melhor não falar nada, pois você estava bem com o Rogério! - disse Edu.
- Edu, como você não me falou isso?
- Não queria estragar seu romance com Rogério, pois estavam muito bem! - respondeu Edu sem citar o pedido que Guilherme havia lhe feito, para que não contasse nada à Clara sobre sua ligação.
- Será que a Júlia sabia da vinda do Guilherme para o Brasil e também não quis me falar nada? - perguntou Clara.
- Não sei, Clarinha! É melhor conversarem! - disse Edu.

Clara e Edu ainda conversaram sobre a Orquestra Sinfônica de São Paulo e da possibilidade de tentarem uma vaga. Era um grande sonho da vida de Clara. Desde que seus pais lhe levaram pela primeira vez no Teatro Municipal do Estado para assistirem a uma apresentação daquela renomada Orquestra, Clara ficara fascinada e inspirada para seguir seus passos na música.

Era uma grande chance que Clara e Edu teriam para entrarem numa das melhores orquestras sinfônicas do mundo, comparável à Filarmônica de Viena ou à Berliner. Clara e seu grande amigo iriam se preparar para a próxima seleção, que aconteceria no Teatro Municipal da Capital.

Clara se despediu de Edu e desligou o telefone. Ficou pensando se Júlia sabia da vinda de Guilherme para o Brasil e por qual motivo a amiga lhe esconderia isso. Foi quando, refletindo, percebeu que já não falava com a amiga há alguns dias, o que raramente acontecia.

- Júlia realmente está distante! Será que está me escondendo algo? - perguntava Clara para si mesma.

Clara resolveu telefonar para Júlia para que conversassem a respeito do ocorrido. O telefone chamava e quando Júlia percebia que era Clara deixava de atender. Estava envergonhada e sem coragem de conversar com sua irmã. Na terceira tentativa de Clara, Júlia tomou coragem e atendeu.

- Alô! – disse Júlia.

- Ju, é a Clara!

- Oi Clarinha, como você está? – perguntou Júlia.

- Estou bem, queria conversar a respeito de Guilherme com você! – disse Clara sem adiar o assunto.

O coração de Júlia bateu acelerado, e pensou que Clara já sabia de tudo que havia ocorrido na noite que passou junto com Guilherme.

- Você ficou sabendo que ele veio para o Brasil, Ju? – perguntou Clara.

- Não! – respondeu Júlia quase sem pensar.

- Eu acabei de ver na televisão a banda dele se apresentando na sua cidade, e coincidentemente, o Edu me ligou no mesmo instante. Perguntei a ele se Guilherme havia falado algo com ele, mas ele me respondeu que há um mês aproximadamente o Gui ligou para ele perguntando pelo seu telefone. O Guilherme te ligou, Ju? – perguntou Clara.

- Não, Clarinha! Não que eu tenha reparado! – respondeu Júlia com o coração partido em ter que mentir para sua irmã.

- Então está bem! Pensei que ele poderia ter lhe falado algo a respeito da viagem que faria! Era minha última esperança, mas vejo que ele não me ama mais! – disse Clara.

- Ele te ama muito, Clarinha! Eu tenho certeza disso! – disse Júlia.

- Será, Ju? Vir tão longe e não me procurar, não querer me ver! Agora tenho dúvidas quanto aos sentimentos dele! – disse Clara.

Clara se despediu da amiga e agradeceu pela atenção.

- Ju? – disse Clara.

- Fale, Clarinha! – respondeu Júlia.

- Esteja sempre comigo? – pediu Clara.

Júlia não sabia o que responder. Há uma semana tinha a certeza que aquela amizade era inabalável. Apesar do amor que sentia por Clara, sabia que seria muito difícil Clara aceitar aquela traição.

- Pra sempre estarei contigo em seu coração, Clarinha! Você é especial pra mim, minha irmã de coração! – disse Júlia.

O contato que Júlia tinha com Clara foi diminuindo a cada dia. Júlia sentia diariamente uma enorme vontade de falar com a irmã, mas ainda assim o peso daquela traição a afastava de Clara.

Aos poucos Clara foi observando a atitude de Júlia. Ligou todos os fatos. A ligação de Guilherme para Edu, a realização do show na cidade de Júlia, o afastamento da amiga após a vinda de Guilherme. Algo estava acontecendo e o coração de Clara sentia.

Clara então começou a chorar quando percebeu que a amiga estava mentindo para ela. Não queria acreditar que isso estava acontecendo. Iria perder a amizade de uma pessoa que já considerava parte de sua família e de sua vida. Repartiram vicissitudes e alegrias. Paixões e companhias. E haviam prometido que aquela amizade perduraria pela vida inteira. Para todo o sempre.

- Ela não pode ter feito isso comigo! – chorava Clara se referindo à Júlia.

Clara chorou, durante um bom tempo, sozinha em seu quarto. Não tinha coragem de ligar para a amiga e perguntar o que estava acontecendo. E não tinha a certeza quanto à realidade de tudo o que imaginava.

Resolveu criar coragem e ligar para Júlia. Dessa vez Júlia atendeu rapidamente, pois estava disposta a esquecer o ocorrido com Guilherme e retomar os laços de amizade com sua irmã.

- Alô! – disse Júlia.

- Alô, é a Clara, Ju! – respondeu Clara.

- Oi, Clarinha! Tudo bem? – perguntou Júlia.

- Não estou bem, Júlia. – disse Clara chorando.

- O que aconteceu? – perguntou Júlia.

- Me diga você, Ju! O que aconteceu entre você e Guilherme? – perguntou Clara. O coração de Júlia gelou. Suas pernas tremiam e não sabia o que responder. Era sua irmã, e não poderia jamais contar a verdade.

- Entre mim e Guilherme? O que está perguntando Clara? – disse Júlia com entonação em sua voz.

- Você viu o Guilherme? Ele te ligou? – perguntou Clara.

- Já lhe disse que não, Clarinha! Desse jeito fico magoada com você, não acredita em mim? – perguntou Júlia sabendo que cada vez que conversasse com Clara teria de mentir. Neste momento teve a certeza, teria de se afastar de Clara para que ela nunca descobrisse a verdade.

Os dias se passavam e Júlia diminuía a cada dia a intensidade das conversas com Clara. Lembrava-se de Guilherme e da noite que passaram juntos. Lembrava-se de sua irmã e que aos poucos a perdia por aquela culpa que a consumia. Júlia chorava sem saber o que fazer. Não queria continuar mentindo para sua irmã e seu silêncio seria o seu refúgio.

Clara sentia que Júlia escondia algo, mas tentava confiar na amiga levando em consideração todo o período em que estiveram verdadeiramente juntas.

O tempo se passou e, certo dia, Clara pôde rever o festival que Guilherme havia participado. Clara observou próximo do palco. Parecia ser Júlia assentada no camarote, assistindo à apresentação de Guilherme. Foi muito rápido e Clara não conseguiu identificar corretamente se era realmente sua amiga, mas sentia mais do que nunca que estava perdendo Júlia e Guilherme para sempre.

Clara se isolou em seu quarto. Ficava introspectiva em momentos de dúvida e reflexões. Colocava tudo em uma balança e procurava enxergar as coisas pelos olhos de quem estava julgando. Era sua amiga. Sua melhor amiga. Colocou-se por várias vezes no lugar de Júlia e não compreendia o porquê a amiga teria feito aquilo com ela. Resolveu mais uma vez ligar e conversar com Júlia.

- Júlia? – disse Clara.

- Sou eu Clarinha, pode falar! – disse Júlia.

- Ju, por que você ainda mente pra mim? – perguntou Clara.

- De novo, Clara? Pensei que havíamos resolvido esta história! – disse Júlia querendo esquecer o que aconteceu com Guilherme de qualquer maneira.

- Júlia, eu te vi na televisão! – disse Clara ainda que indecisa se era realmente a sua amiga que havia visto naquela tarde.

Júlia não sabia o que responder. Se Clara havia realmente a visto, não teria mais como esconder que não falou, viu e se encontrou com Guilherme. Ela teria de contar a verdade.

- Como assim, Clara? – disse Júlia esperando pela resposta de Clara.

- Júlia, você viu o Guilherme e não quer me falar! Por quê? – perguntou Clara.

- Prefiro não falar sobre isso, Clarinha! Não quero lhe fazer sofrer! – disse Júlia.

- Conversa comigo, Ju! Vamos esclarecer isso! – pedia Clara.

- Não quero lhe fazer sofrer, Clara! Eu me afastarei por um tempo, para que você coloque seus sentimentos no lugar e defina o que realmente sente por Guilherme e para que acredite em mim! – disse Júlia.

Júlia desejava muito que o tempo passasse e Clara esquecesse aquela dúvida, sobre o que realmente acontecera naquele final de semana que Guilherme esteve no Brasil. Clara jamais descobriria a traição de sua amiga se Júlia ou Guilherme não a contasse. Júlia estava decidida que jamais magoaria sua irmã e decidiu se afastar. Mas, o tempo jamais voltaria para apagar isso de sua memória.

- Quando eu lhe disse que senti que era a última vez que nos víamos, meu coração não mentia. Você me prometeu que seria uma eterna amiga, e se recusa a conversar comigo. Acho que realmente estamos perdendo uma amizade que para mim, vale muito. – disse Clara lamentando aquela situação.

- Você faz parte da minha vida, Clarinha! As partes de alegrias! Lembre-se disso, sempre! Um dia você irá me entender! – disse Júlia antes de se despedir.

- Entender o que? O que quer que eu entenda se você se recusa a conversar comigo? – perguntou Clara.

- Um dia você entenderá! – disse Júlia e se despediu de sua irmã.

Clara se perguntava a todo o momento o que Júlia escondia capaz de lhe fazer sofrer. Poderia ser um simples encontro com Guilherme, a omissão de sua vinda ao Brasil, um beijo, uma noite juntos. Poderia ser tudo e poderia não ser nada. Mas, Júlia deixou Clara sem respostas e imersa num universo desconhecido. Não havia direção, não havia mais a amiga, não havia mais Guilherme, o amor de sua vida. Clara estava sozinha e agora poderia contar somente com ela mesma, e foi quando esteve mais fraca que pôde refletir sobre os relacionamentos humanos e as pessoas que faziam parte de sua vida. Por mais que doesse o que Júlia pudesse lhe revelar, ela a perdoaria. Amava a amiga, e amava a Guilherme. Ela se fortalecia com aquela dor.

Oito meses se passaram e era difícil para Clara conviver sem a presença de sua amiga. Sua mãe lhe perguntava o que havia acontecido entre elas que eram tão unidas, e Clara respondia somente que havia algo maior que a amizade delas que as separaram, e que até ela mesma desconhecia.

Maria lembrou-se de quando Júlia esteve na fazenda. Lembrou-se de sua bagagem e de seu sobrenome que lhe soava familiar.

- Clarinha, você sabe o nome completo de Júlia? – questionou Maria.

- Júlia Melch! – respondeu Clara.

- Engraçado, este sobrenome é diferente, no entanto me soa muito familiar, mas não consigo me lembrar de nenhum conhecido com este sobrenome. – disse Maria.

- Melch? Se não me engano, Júlia já me disse uma vez ser de origem Alemã! – disse Clara. – Acho que é isso mesmo, é um sobrenome Alemão! – completou a menina.

Repentinamente, Maria se lembrou de sua infância e adolescência em Santa Catarina. Dos costumes alemães, e da primeira namorada de seu marido que havia falecido, Vitória Melch.

Maria lembrou-se de toda a história vivida por seu marido e da perda de seu primeiro filho. Lembrou-se da visita de Júlia e das perguntas feitas por ela acerca de seu marido, pai de Clara. Maria não queria acreditar no que questionava, mas já sabia o porquê Júlia havia se aproximado de Clara. Queria certamente conhecer sua única irmã.

- Meu Deus! – disse Maria espantada com suas indagações.

- O que foi, mãe? – perguntou Clara.

- Nada, filha! Estava pensando em vários amigos que tive com este sobrenome, como pude me esquecer? – disse Maria para desvirtuar a conversa.

- Acontece, Dona Maria! Afinal, já se passaram anos, não é mesmo? – perguntou Clara.

- Muitos anos! Tenho saudades do Sul! – disse Maria ainda intrincada com seus pensamentos.

Clara vivia os dias com tristeza, e à espera diária de uma ligação de Júlia. Desejava falar abertamente com a amiga, escutar suas razões, e saber o que realmente aconteceu, para conseguir livrar-se daquela angústia que a afligia.

Tirava algumas horas do dia para dedicar-se à música e eram nestes momentos que podia tocar o céu. Sentia sua alma leve, e os problemas desapareciam como que num toque de mágica.

Faltavam três dias para a realização do teste na Orquestra Sinfônica de São Paulo. Clara e Edu se encontraram diversas vezes durante os últimos meses para ensaiarem as músicas que teriam de apresentar e para estudarem o que deveriam saber no momento do teste.

Clara estava apreensiva. Seria muito bom começar algo novo. Seria muito bom entrar para a Orquestra de seus sonhos.

Não havia nunca mais falado com Guilherme. Júlia desapareceu de sua vida. Ela queria encontrar uma razão que a fizesse acreditar novamente no amor.

A música era seu caminho e seu refúgio. A música lhe proporcionava felicidade sem pedir nada em troca. Era ela sua companheira nos momentos de solidão e

de tristeza. Clara queria uma resposta da vida. E essa resposta somente o tempo e sua irmã poderiam lhe dar.

Clara dava corda na caixinha de música que ganhou de Júlia, e se lembrava da amiga, sem se conformar com aquela distância. Era a música de Bach, era a música que apresentaria na Orquestra com arranjos de sua autoria. Era a música que acompanhou toda a caminhada de Clara como musicista. Era a música de uma vida inteira.

Edu combinou de encontrar Clara uma hora antes do teste, no saguão do Teatro Municipal. Havia várias pessoas esperando serem chamadas para a audição. Os instrumentistas seriam acompanhados pelo pianista da orquestra. Tinham de apresentarem uma música de livre escolha, uma música escolhida pela banca examinadora, e solfejarem uma peça escolhida também pela banca, além da entrega e análise de currículos.

O nome de Clara se aproximava. A chamada era feita por ordem alfabética e Clara esperava ansiosa ser convocada.

- Srta. Clara Benatto! - chamou a secretaria.

Clara se levantou de seu assento, se dirigindo ao palco onde apresentaria suas canções.

Escolheu Minueto em Sol de Johann Sebastian Bach. Era a música que ouvia na caixinha de música toda vez que queria se lembrar de Júlia. Estava, igualmente, usando o pingente que Júlia havia lhe dado. Autorizada a iniciar a canção, Clara posicionou seu violino e começou a tocar a canção. Apesar de simples, Clara inverteu escalas e notas musicais, criando algo bem original. A banca ficou maravilhada diante daquela apresentação que inspirava doação total de Clara à música. Ao final Clara fora aplaudida de pé por todos que ali se encontravam, assistindo o seu desempenho.

A música subsequente foi escolhida pela banca e executada magistralmente por Clara. Seu solfejo foi realizado com perfeição. A Holanda havia lhe proporcionado além de uma grande história de amor, uma formação digna de

uma grande musicista. Com mérito, Clara foi aprovada no teste vestibular da Orquestra Sinfônica de São Paulo, assim como seu amigo Edu e, mais uma vez, puderam comemorar mais uma conquista juntos. Pela primeira vez Clara sorria com o olhar, como fazia quando estava feliz ao lado de Júlia e de Guilherme.

Os ensaios da OSESP aconteciam diariamente na sede do Teatro Municipal do Estado. Clara teria de se mudar para a Capital, ao contrário ficaria muito dispendioso e cansativo o trajeto de Holambra a São Paulo todos os dias.

Em menos de um mês Clara providenciou um apartamento perto do Teatro e logo organizou seu lar dando-lhe a cada dia um toque a mais de carinho.

Sentia a falta de Júlia para compartilhar desta sua nova fase, e de Guilherme para estar ao seu lado, sentindo seu carinho. Morava sozinha e aos finais de semana ia para Holambra visitar sua família. Vez ou outra, Edu acompanhava a amiga até sua cidade natal, e lá aproveitavam os finais de semana juntos com Fernando.

Algumas vezes Clara via Rogério. Não sabia ao certo o que sentia pelo rapaz, somente tinha a certeza do carinho, mas não do amor. Clara e Rogério mantinham o contato como amigos. Apesar de Rogério ver em Clara a mulher dos seus sonhos, Clara o tratava como um bom amigo, para não criar falsas expectativas no garoto. Rogério era para Clara o amigo moleque que conheceu ainda na escola primária. E Guilherme ainda era o grande amor de sua vida.

Após alguns meses, Clara já lecionava, uma vez por semana, na Faculdade de Música da USP em Ribeirão Preto, uma cidade muito conhecida do Estado de São Paulo. Lecionava, igualmente, três vezes por semana, aulas de iniciação musical para crianças, e lembrava-se de John e de toda sua trajetória até ali.

- Professora! – chamou um aluno que muito se parecia com seu pequeno aluno da Holanda.

- Fale, Júnior! – disse Clara.

- Você tem namorado? – perguntou o garotinho.

- Não tenho, Júnior! – respondeu Clara.

- Quando crescer queria ter uma namorada como você, Clarinha! – disse o pequeno garoto.

Clara enxergava a inocência da pergunta e do olhar de Júnior. Era um amor puro e ingênuo, assim como o dela por Guilherme e Júlia.

Clara já não se sentia a pessoa madura e convicta que julgava ser. Em meio ao mundo, sentia-se uma criança perdida, que não queria aceitar as imposições que a vida havia lhe pregado. Desejava que tudo fosse mais simples e menos penoso. Desejava uma vez mais poder ver Guilherme e falar de seu amor, assim como desejava uma conversa aberta com Júlia, para parar de sofrer com tantas dúvidas.

Clara cantava durante as aulas com seus alunos, desenvolvia aulas em grupo, escutava os violinos desafinados, daqueles pequeninos, entoarem diversas canções. Lembrava-se da Holanda e de seu estágio na escola onde lecionava. Sentia saudades do tempo em que se sentia feliz e completa.

Tudo estava sendo reconstruído. Clara era forte, e pouco a pouco remontava sua vida. Sempre acompanhada pela sua fé e pela música que tanto amava e se dedicava.

Guilherme estava do outro lado do oceano. Não teve mais notícias de Clara e nem de Júlia. Havia resolvido repaginar sua vida. Mudou seu visual, sua maneira de agir, e alguns hábitos que havia adquirido convivendo com Clara. Há um mês estava namorando uma garota que também vivia em Amsterdam, mas era natural da pequena cidade em que seus pais moravam. Conheceu a garota num final de semana que fora visitá-los e decidiu dar uma chance ao destino.

Seu nome era Natalie. Era simples e espontânea. Seu jeito meigo de ser conquistava Guilherme e ele voltava a sorrir como quando namorava com Clara.

Natalie e Guilherme passeavam nos campos, andavam de barco pelos canais, tiravam fotos por onde passavam, e se divertiam a cada vez que se

encontravam. Clara agora era uma linda lembrança na vida de Guilherme, o destino estava separando-os de vez.

Júlia seguia sua rotina no hospital cuidando de suas crianças. As horas que passava com elas lhe traziam paz de espírito e serenidade para raciocinar o que poderia ser feito para voltar para a vida de sua irmã.

Júlia vivia na esperança de que Clara esquecesse todas as dúvidas que a cercavam e pudesse voltar para a sua vida reatando os laços que ainda não considerava perdidos. Júlia sabia que era uma tentativa em vão, pois Clara jamais esqueceria o que fizera a amiga se afastar dela. Para sempre haveria dúvidas. E a verdade teria um dia de ser encarada.

Júlia não queria enfrentar seu medo de perder para sempre a irmã, e em silêncio permanecia, até que pudesse tomar suas decisões.

Era sexta-feira, quando Júlia atendia seu último paciente antes de finalizar seu expediente.

Ao fechar sua sala, passou pela enfermaria e seguiu pelo corredor. Foi então que Júlia ouviu uma doce voz a lhe chamar.

- Ju!

Júlia observou que era uma de suas pacientes mais novas que passava por tratamento de quimioterapia no hospital.

- Fale, Aninha! – disse Ju.

O nome da menininha era Ana, como o primeiro nome de Júlia. Tinha apenas seis anos e sofria de câncer na garganta. Havia descoberto há pouco tempo e a doença já estava sendo controlada. Mas, Aninha era só uma criança. Uma sábia criança.

- Por que está triste doutora? Eu vi a senhora chorando sozinha hoje! – perguntou a menininha falando com a sua médica.

- Chorava porque eu perdi uma irmã. – respondeu Júlia.

- Ela morreu? – perguntou novamente Aninha com uma feição de quem havia acabado de tomar um grande susto.

- Não, Aninha! Felizmente ela está viva! Na verdade, eu a perdi da minha vida. Hoje ela vive triste pensando que não a amo. Mas, um dia eu errei com ela, e não quero que ela saiba deste meu erro e sofra com isso. Então me afastei dela. – disse Júlia.

- Mas, vocês se gostavam muito doutora?- perguntava Aninha como uma adulta conversando com Júlia.

- Eu a amo muito, e é a única pessoa que tenho em vida! – respondeu Júlia para sua pequena paciente.

- Mas, doutora! Sua irmã não estará sofrendo muito mais com você longe dela, se vocês se amam? – perguntou Aninha.

Júlia analisou aquelas palavras. Era uma pequena criança. Era uma pequena anjinha lhe falando o óbvio que não pôde enxergar durante todo o tempo em que esteve ausente da vida de Clara.

- Se você a perdesse hoje, não iria sofrer, doutora? – retornou a perguntar a pequenina.

- Iria sim, meu anjinho! Iria sofrer muito! – respondeu Júlia.

- Então, não deixe que ela se vá. Ainda há tempo de vocês fazerem as pazes, doutora! Só não há tempo para a morte. Eu tive muito medo de partir e nunca mais poder ver minha mãe, por isso quero que ela saiba todo dia o quanto eu a amo e o quanto ela é especial pra mim! – disse a garotinha.

Júlia se lembrou de quando esteve na Holanda, e na fazenda de Clara. Das vezes em que pôde dizer à ela o quanto era especial em sua vida. E agora, aquelas palavras teriam de virar uma realidade. Júlia estava disposta a enfrentar sua culpa para reconquistar sua irmã e voltar a fazer parte de sua vida.

Júlia deu um beijo em Aninha e agradeceu suas palavras. Pegou seu carro, passou em sua casa para tomar um banho e pegar uma troca de roupa, e no

final da tarde seguiu viagem para São Paulo. Iria ver Clara e lhe contar tudo o que aconteceu entre ela e Guilherme. Iria contar toda a verdade. Iria lhe falar sobre a ligação, de seu medo em contar para a irmã que Guilherme viria e que poderia magoá-la, da oportunidade em ver Guilherme e do ocorrido naquela noite. Júlia ainda não sabia como contaria tudo à Clara, mas decidiu que iria lhe contar toda a verdade.

Júlia chegaria a São Paulo pela madrugada e resolveu parar em um hotel para repousar antes de seguir para Holambra. Logo que amanheceu partiu para a pequena cidade de Holambra para encontrar com sua irmã. Chegando lá avistou Maria de longe, cuidando do campo e das flores que ali cresciam.

- Olá, Dona Maria! – disse Júlia atrás de Maria.

Maria virou-se para ver quem era e levou um susto ao ver que se tratava de Júlia.

- Olá, Júlia! O que faz por aqui? – perguntou Maria.

- Quero muito falar com a Clarinha, a Senhora poderia chamá-la pra mim? – disse Júlia.

Maria pensou por um instante sobre tudo que sabia sobre Júlia e indagava se realmente Júlia poderia ser irmã de Clara, como havia pensado. Subitamente e sem pensar Maria respondeu à Júlia.

- Para você contar a ela que são irmãs? – disse Maria.

Júlia ficou muda. Estava disposta a contar tudo sobre o acontecido com Guilherme, mas não estava preparada ainda para revelar seus laços de irmandade com Clara. Júlia esperava poder reconquistar o amor e a confiança de Clara antes de lhe contar tudo.

- Porque a fez sofrer durante este tempo, Júlia? Clara confiava em você! Você cativou minha filha de uma maneira que ela já lhe considerava uma verdadeira irmã, sem saber que são. E depois, sem nenhuma justificativa some da vida da menina! Eu sei o quanto a Clara sofre pelo Guilherme, e agora por você! – disse

Maria, visualizando a reação de Júlia e tendo a certeza que Júlia era irmã de sua filha.

- Eram importantes na vida de minha filha, e ela, como ninguém, reconhece a importância das pessoas em sua vida e em seu coração. Eu sofro vendo minha pequena menina sofrer! –disse Maria.

- Como sabe que somos irmãs, Dona Maria? – perguntou Júlia.

- Não sou tão ingênua, Júlia. Tenho experiência de vida! – respondeu Maria.

- Foi um segredo guardado por minha avó! Ninguém sabia, nem ao menos eu. Ela me contou pouco antes de morrer e decidi procurar por meu pai! Foi onde encontrei Clara, e criei este carinho pela minha irmã! – disse Júlia.

- Quando veio na fazenda, vi em sua mala seu sobrenome que não me era estranho. Depois de algum tempo, comentei com a Clarinha se ela sabia qual era seu sobrenome e ela me respondeu que sim, e que você havia dito que se tratava de um sobrenome de origem alemã. Foi quando me lembrei de seu pai, de nosso namoro, e da história que ele teve com Vitória Melch, sua mãe. Logo, imaginei que ela não havia perdido sua filha como seu pai acreditou em vida, e que esta filha se tratava de você! –disse Maria.

- Exatamente, Dona Maria! Esta é a história, não preciso falar mais nada. Clara é meu único laço familiar. É a pessoa que mais amo nesta vida. Infelizmente o destino nos separou por minha culpa, e não vim contar a ela que somos irmãs, vim lhe pedir desculpas por algo que fiz, e que me dói muito, desde que me afastei dela! – disse Júlia.

- E porque não fez isso antes, Júlia? – perguntou Maria.

- Não tive coragem, Dona Maria! Peço perdão se causei alguma dor a você e a sua filha! – respondeu Júlia.

- Clarinha não mora mais aqui! – disse Maria.

- Não? Para onde ela foi? – disse Júlia pensando por um momento que Clara poderia ter voltado para Holanda e descoberto toda a verdade.

- Está morando na Capital. Foi aprovada na Orquestra Sinfônica de São Paulo e leciona música na Universidade e em um colégio para crianças. Ela ficou muito

feliz com sua aprovação na OSESP que sempre foi um grande sonho de sua vida. Mudou-se para a Capital e há algum tempo mora sozinha. – disse Maria.

- Fico feliz por ela, Dona Maria! Muito feliz! Sempre torci pela felicidade e alegria de Clarinha! – disse Júlia.

- Mas falta você e falta Guilherme para a alegria de Clarinha ser completa! Ela sempre reclamava a ausência de ambos e ainda não conseguiu superar a distância entre vocês! – disse Maria.

- Você poderia me dar o endereço de Clarinha, Dona Maria? Quero muito acabar com esta distância, mas antes terei de enfrentar meus próprios erros! – disse Júlia.

- Sim, lhe dou o endereço. Mas, desta vez não faça minha filha chorar! – disse Maria.

- Eu desejo isso, porque dói em mim também essa situação. Mas, ainda não sei qual será a reação de Clara diante do que lhe contarei. – disse Júlia.

Fernando estava entrando para almoçar quando viu Júlia.

- Olá, Júlia! Quanto tempo! – disse Fernando.

- Olá, Fernando! Estou com saudades de vocês! – disse Júlia.

- Mamãe te contou que Clara está em São Paulo? Virou uma grande musicista! Ela toca na OSESP e leciona na USP – disse Fernando.

- Disse sim, Fernando! Estou muito feliz e orgulhosa por ela! – respondeu Júlia.

- Já não se falam há algum tempo, não é mesmo? – perguntou Fernando.

- Sim, mas creio que será por pouco tempo mais! – respondeu Júlia.

Maria convidou Júlia para almoçar antes de partir para São Paulo. Júlia aceitou e todos almoçaram juntos.

Durante o almoço, Maria contou a Fernando que Júlia era irmã biológica de Clara. Maria contou também toda a história de seu pai, e a ligação que tinha sua adoção com a vida de Júlia. Fernando ficou perplexo diante daquela história.

- Acho que ganhei uma meia-irmã? – perguntou Fernando.

- Sim, Fernando! Pode ter a certeza que eu já lhe considero um irmão em meu coração! – disse Júlia.

Júlia pediu para que Maria e Fernando não contassem nada à Clara, pois ela queria lhe falar em uma boa oportunidade. Clara certamente ficaria muito magoada em saber que Júlia havia dormido com Guilherme, e aquele não era o melhor momento para revelar à Clara que eram irmãs.

Júlia seguiu viagem rumo a São Paulo. Perdeu-se no caminho várias vezes até localizar o condomínio de Clara. Quando verificou o endereço e viu que se encontrava frente ao prédio que Clara residia, suspirou e criou coragem para descer do carro. Aproveitou que havia uma senhora entrando no condomínio para, junto a ela, entrar despercebida pela portaria do prédio e não ter que chamar por Clara. Tinha medo de não ser recebida por sua irmã.

Júlia chamou o elevador e adentrando a ele subiu até o último andar onde ficava o apartamento de Clara. Andou até o final do corredor e diante da porta percebeu que se tratava realmente do apartamento de sua irmã. Várias flores coloriam e perfumavam seu corredor. Ouvia-se o som do violino de Clara treinando algumas músicas clássicas que Júlia já conhecia muito bem. Era a música da vida de Clara.

Júlia tocou a campainha e esperou que Clara viesse atender.

- Um minuto! – disse Clara paralisando a tocata.

O coração de Júlia pulsava forte. Ouviu Clara colocar seu violino sobre alguma superfície dura que produziu o som de um eco na madeira do instrumento. Júlia percebeu Clara destrancar a porta e o vão dela se abrir cada vez mais. Tudo pareceu acontecer lentamente e Júlia suspirava forte imaginando quais seriam as palavras que diria à Clara. Olhou para Clara e ficou parada em sua frente.

- Júlia! – disse Clara surpresa com aquela visita.

- Clarinha, posso entrar? – perguntou Júlia.

- Claro, desculpe-me, entre!

- Está tudo bem com você, Clarinha? – perguntou Júlia.

- Sim, está! Como pode ver, moro sozinha. Tenho minhas flores e minha música sempre. O Edu mora aqui perto! Por vezes me lembro da amizade tão próxima que mantive com ele na Holanda e isso me traz boas lembranças. Inclusive suas.

- disse Clara.

- Posso lhe dar um abraço? – perguntou Júlia.

- Claro, Júlia! Meu coração sempre esteve aberto para você! Só quero entender o que aconteceu na semana que Guilherme esteve no Brasil que fez você se afastar de mim! – disse Clara.

Júlia se levantou e abraçou sua irmã. Com lágrimas no olhar começou falar com Clara.

- Me perdoa, Clarinha! – disse Júlia.

- Me diga! O que tenho que lhe perdoar! Sei que algo muito sério aconteceu! Algo muito maior que nossa amizade, para ter se afastado de mim! No entanto, se não me falar, não poderei saber se consigo ou não lhe perdoar! – disse Clara.

Júlia começou a contar detalhadamente para Clara tudo o que aconteceu. A ligação de Guilherme meses antes de vir. Sua opinião sobre ver Clara. Sobre o namoro de Clara com Rogério. A ligação de Guilherme quando já estava em Belo Horizonte. O comentário sobre seus olhares se confundirem. O beijo.

- Você e Guilherme se beijaram? É isso? – perguntou Clara chorando.

Júlia não respondeu à irmã e continuou a lhe falar.

- Levaria o Guilherme até o hotel e passamos em frente a minha casa. Convidei Guilherme para entrar. Mostrei fotos da minha família, das crianças do hospital, minha foto com você, minha formatura e conversamos sobre a banda, profissão, destino. Nós nos envolvemos pelo momento e nos beijamos novamente. Sem imaginar que isso aconteceria, aconteceu, dormimos juntos naquela noite.

Clara não acreditava no que estava ouvindo. A menina musicista se encolheu sentada no tapete de sua sala. Suas lágrimas encontravam o chão e não conseguia conter a tristeza que estava sentindo naquele instante.

- Eu não imaginava que isso aconteceria, Clarinha! Por favor, me perdoa! – disse Júlia.

Clara continuou em silêncio avaliando toda aquela situação.

- Ele não me ama, eu não o amo! Ele ama você, Clarinha! Viu em mim algo muito perto do que era você, por ser sua melhor amiga! Pedi para que ele não lhe contasse nada, e nunca mais nos vimos. Desde então não pude mais falar com você com a mesma serenidade de antes! A culpa me atormentava e por isso me afastei. Só voltei porque não consigo ficar longe de você, minha amiga! Por favor, me perdoa? – pediu Júlia.

Clara permaneceu em silêncio. Pensava na primavera e nas noites que passara com Guilherme. Pensava na amizade de Júlia, e o quanto amava aquela amiga. Era difícil aceitar aquela situação. Seu amor passara uma noite com sua melhor amiga. Este era o grande segredo que separou Júlia de Clara. Clara queria voltar no tempo e não ter nunca que passar por aquela situação.

- Por favor Júlia, me deixe só! – pediu Clara sem olhar para os olhos de sua amiga.

- Lembre-se de uma última coisa antes de que eu me vá, Clarinha. Vim somente lhe falar tudo isso para reatar laços que creio que não estão perdidos. Eu amo muito você, minha amiga! – disse Júlia.

- Me deixe só, Júlia! – pediu Clara chorando.

- Guarde minhas palavras em seu coração! Vou lhe deixar. Espero que um dia possa me perdoar! – disse Júlia.

Júlia entendeu o sofrimento da irmã, e a deixou sozinha, remoída no centro de sua sala. Júlia ouvia os soluços de tristeza de sua irmã e entendia perfeitamente o que se passava em seu coração. Não se tratava de ódio. Não se tratava de raiva. Clara estava perdendo as pessoas que mais amava na vida, por um ato que elas próprias lhe causaram.

Clara teria de aceitar perdoar Júlia e Guilherme, para poder voltar a amá-los. Somente o tempo lhe ensinaria o caminho. Somente o tempo lhe ensinaria que o amor seria capaz de superar qualquer barreira.

Clara ficou ali sentada naquela mesma posição durante toda a tarde. Chorava incessantemente, e pensava em Guilherme beijando e amando à Júlia. Seu

grande amor e sua melhor amiga. Aquilo não estava acontecendo, pensava a jovem menina.

Júlia entrou em seu carro e sobre o volante chorou suas lágrimas de dor e de alívio. A culpa havia desaparecido, mas não sabia se Clara a perdoaria. Estava preocupada se Clara ficaria bem e de como reagiria a tudo que acabara de lhe revelar. Júlia deu a partida em seu carro e voltou para Minas Gerais no mesmo dia. Pela madrugada, Júlia já chegara à capital do Estado. Queria ligar para Clara. Júlia estava agoniada para saber como sua irmã estava, mas esperaria Clara lhe procurar.

Clara levantou-se de onde permaneceu durante um longo tempo. Foi até o banheiro, lavou seu rosto e se olhou no espelho. Sua face estava avermelhada e seus olhos refletiam a luz que brilhava pelas lágrimas em seu olhar. Clara não voltaria a sorrir com o olhar tão cedo. Sua tristeza ofuscava seu brilho e não enxergava motivos para acreditar mais no amor.

Clara ligou para Fernando e pediu para que seu irmão fosse até seu apartamento, pois queria passar aquele final de semana com ele. Fernando sabia que a irmã precisaria dele naquele momento e prometeu que em poucas horas chegaria ao seu condomínio.

Clara contou para Fernando o que havia acontecido entre Júlia e Guilherme. Chorava muito, e queria alguém para consolá-la. Fernando se arrumou e foi até São Paulo encontrar com a irmã.

- Oi, Clarinha! – disse Fernando ao ver a irmã.

- Nando, minha melhor amiga me traiu com o amor da minha vida! Quero muito continuar a crer no amor, mas não consigo mais. Eram as pessoas que eu mais amava depois de nossa família! – dizia Clara sem conter suas lágrimas.

- Não fique assim, Clarinha! Já pensou o quanto Júlia também está sofrendo com isso? Ela gosta muito de você, e com certeza isso aconteceu para fortalecer a amizade de vocês. Ela viajou sete horas para somente lhe falar sobre tudo. Não era o que você esperava? A verdade sobre tudo? Ela lhe falou, agora tem que pensar se vale a pena perdoá-la ou não! – disse Fernando sabendo que Júlia não era apenas uma amiga na vida de Clara, mas se tratava de sua irmã.

- Não sei! Quero me deitar e pensar sobre tudo isso! – disse Clara.

Fernando passou aquele final de semana com a irmã. Clara estava muito triste e Fernando tentava mostrar a ela o verdadeiro elo que tinha que enxergar além daquela traição. Tratava-se de sua irmã. Isso era o essencial, o que deveria realmente importar. Mas Clara não conseguia enxergar. Estava cheia de mágoa no coração.

VI

A magnitude das emoções.

O mês acabou e Clara não ligou para Júlia. Quis por um tempo esquecer a amiga, pois não conseguia perdoá-la. Seu coração não aceitava de modo algum aquela traição.

Clara seguia a vida ensaiando na orquestra de seus sonhos e tinha planos para o seu futuro. Queria alçar vôos mais altos e adentrar no curso de doutorado em Música Clássica da Universidade que lecionava. Não se tratava de um sonho, mas de uma fuga. Clara pensava que desta forma ocuparia inteiramente seu tempo e esqueceria Júlia e Guilherme. Mas, os dois eram presenças constantes em seus pensamentos. Por onde quer que Clara fosse, levaria Júlia e Guilherme em seu coração.

Clara continuava a lecionar para os jovens na universidade e para as crianças no colégio. Os sorrisos de seus pequenos irradiavam alegria para o seu coração. Estes sim eram refúgios reais que traziam a paz e a serenidade de espírito que Clara buscava, para viver verdadeiramente sua essência. Clara era pura e bela por natureza.

Certo dia, depois de um longo ensaio, juntamente com seu amigo Edu, Clara sentiu sua vista se apagar e aos poucos perdia suas forças. Clara não conseguiu enxergar mais nada e nem ao menos chamar Edu para acudi-la. Desmaiou. Clara acordou alguns minutos depois, em meio a uma multidão que ficara preocupada com a garota.

- Está tudo bem, Clarinha? - perguntou Edu.

- Não sei, o que aconteceu? - perguntou Clara.

- Você desmaiou! Já se alimentou hoje?

- Sim! – respondeu Clara.

- Quer que eu te leve a um médico, Clarinha? Está se sentindo melhor? Já sentiu isso antes? – propôs Edu lhe perguntando tudo que poderia ajudá-lo a entender o motivo do desmaio de Clara.

- Acho que não precisa, já estou bem mesmo, meu amigo! Ando muito atarefada e cansada nos últimos dias. Preciso somente descansar. Você pode me acompanhar até minha casa? - perguntou Clara.

- É claro que posso, Clarinha! E não saio de lá enquanto não sentir que está bem! Edu acompanhou Clara até sua casa. Ligou para Maria avisando que a amiga havia passado mal naquele dia, e decidiu passar a noite no apartamento de Clara. Edu sentia que Clara não estava bem, no entanto Clara queria transparecer que havia sido somente um desmaio qualquer.

Clara arrumou uma cama no quarto de solteiro para que Edu se deitasse, e preparou um jantar para ela e o amigo. Clara comentou com o amigo que já não era a primeira vez que sentia tonteadas, sendo que somente desta vez chegou a desmaiar.

- Você tem que ver isso, Clarinha! – disse Edu.

- Vou ver, tenho que procurar um médico! – disse Clara.

- Não está grávida? Não me diga que vou ganhar sobrinhos! – perguntou Edu brincando com a amiga que considerava uma irmã.

- Não, não! Estou em dia com meu ciclo, e desde a noite que eu e Rogério passamos juntos não me relacionei com ninguém! – respondeu Clara se lembrando dos momentos que passara ao lado de Rogério, e como não conseguia esquecer Guilherme de forma alguma, ainda sabendo que seu amor havia dormido com sua melhor amiga.

- Na verdade, não consigo esquecer Guilherme, e desde que Júlia me contou o que aconteceu entre eles, sofro calada, chorando sorrindo para levar a vida! – disse Clara apoiada sobre a mesa.

- Você tem que superar isso, Clarinha! Não pode sofrer eternamente! Foi seu grande amor, assim como Júlia uma grande amiga. Mas, já não fazem mais

parte de sua vida. Enquanto viver fechada para o mundo, e não abrir seu coração, jamais voltará a se apaixonar por alguém, e nunca mais terá uma amizade tão intensa quanto a que teve com Júlia. Deixará a vida passar sem aproveitar o melhor que ela tem a nos dar, as emoções que vivemos! –disse Edu.

- Tento pensar assim! Tenho lindas lembranças de Guilherme e de nosso amor! Foi mágico tudo o que vivemos e não creio que poderemos ficar juntos. Desejo que ele encontre alguém que o ame como eu e possa realmente ser muito feliz. Quanto à Júlia, existe algo que me une a ela que não consigo entender. Ela me traiu, no entanto não consigo odiá-la e nem ao menos ficar com raiva dela. – disse Clara.

- Ela me prometeu que estava dizendo a verdade em todas as vezes que perguntei o que havia acontecido naquele fim de semana. Ela chegou a dizer que estava ficando magoada comigo por não confiar nela. Foi a amiga que mais confiei em minha vida! E hoje vejo que fui ingênua demais! No entanto, continuo amando-a. Porque isso, Edu? Porque não posso simplesmente sentir raiva de quem me traiu e retirar da minha vida? – desabafava Clara para o seu melhor amigo.

- Porque vocês não foram colegas e sim amigas! E amigas são como irmãos, brigam, mas estarão sempre juntos, ligados por laços de irmandade, como acontece com nós dois! – respondeu Edu piscando para Clara.

Clara e Edu permaneceram por algum tempo na sala de jantar. Clara serviu a sobremesa e juntos foram assistir a um filme antes de dormirem. Era um filme romântico que retratava um pouco do que Clara estava vivendo. Não precisou muito para que ambos se emocionassem com a trama. Assim que o filme terminou, Clara já estava sonolenta e chamou Edu para se deitarem.

- Está melhor, Clara? – perguntou Edu.

- Estou me sentindo um pouco fraca ainda, mas creio que deve ser cansaço – disse Clara.

Clara se levantou e foi pegar um cobertor para deixar sobre a cama de Edu, caso esfriasse durante a noite. Fazia muito frio em São Paulo naqueles dias e a temperatura das noites se aproximava de 6°.

Clara subiu em um banquinho de madeira para alcançar a última prateleira de seu guarda-roupa e sentiu novamente sua vista se apagar. Clara preferiu não comentar nada, para não preocupar seu amigo.

- Clara, que mancha é esta em sua perna? – perguntou Edu ao ver uma mancha estranha e roxa na perna de sua amiga.

Clara estava de pijama e sua calça batia na altura de seu joelho. Sua perna estava com um grande hematoma roxo, e Clara ainda não havia percebido aquela mancha.

- Não sei, devo ter batido em algum lugar e não me lembro! Talvez no momento do desmaio! – respondeu Clara sem dar muita atenção para o hematoma.

Clara deixou o cobertor ao pé da cama onde Edu dormiria, esperou o amigo deitar-se, e apagou a luz.

- Boa noite, meu amigo! Durma com Deus e todos os Anjinhos do Céu! – disse Clara ao amigo antes de fechar a porta. Clara só dizia esta frase para pessoas especiais e Edu era uma pessoa muito especial para Clara. Ele jamais abandonaria sua amiga.

- Obrigada por estar aqui comigo, meu amigo! – disse Clara.

- Não tem de agradecer, Clarinha! Sei que faria o mesmo por mim. Boa noite pra você também. Idem quanto aos Anjos. – disse Edu contente em poder estar ali naquele momento que Clara precisava de sua presença.

Clara foi para o seu quarto e fez sua oração antes de dormir. Seu coração estava apertado e não tinha bons pressentimentos. Como sempre seu coração não lhe enganava.

Naquela noite Clara acordou várias vezes. Não conseguia dormir e suou durante toda a noite. Não tinha febre, mas estava preocupada e resolveu que iria ao médico assim que amanhecesse o dia.

O dia amanheceu e apesar da insônia que Clara teve durante a noite, conseguiu levantar-se cedo e se sentia melhor. Edu tomou o café da manhã junto a sua amiga e pediu para que ela telefonasse caso não se sentisse bem durante o dia.

O mês passou e Clara não foi ao médico. Sentia calafrios constantes durante as noites e cada dia se sentia mais cansada e abatida. Num primeiro momento

pensou que estava se dedicando demais ao seu trabalho. Mas, por outro lado, seu trabalho jamais fora sinônimo de cansaço e sim de alívio físico e emocional. Cogitou a hipótese de procurar um terapeuta para aliviar um pouco seus problemas sentimentais. Logo desistiu da idéia. Sabia que teria de enfrentar seus medos, culpas e dores sozinha. Era a vida lhe causando imposições. Clara ainda não sabia reagir a elas e se sentia cada dia mais fraca de corpo, alma e espírito. Clara estava decidida que não poderia deixar de procurar um médico naquela semana.

Maria ligou para sua filha para saber como Clara passava em relação a sua saúde. Clara falou que estava tudo bem, mas que procuraria um médico, pois estava se sentindo um pouco fraca e desanimada.

Maria se ofereceu para ir junto com a filha até o médico. Estava muito preocupada com Clara, pois desde pequenina sempre foi uma menina muito delicada e que adoecia facilmente. Clara teve anemia durante toda sua infância, e Maria não estava com bons agouros em relação a saúde de sua filha.

Maria tratava sua filha como uma bonequinha de porcelana. Apesar de deixá-la livre para percorrer o mundo e seus sonhos, Maria jamais deixou a filha desamparada de amor, de carinho, de atenção, de afeto e de dedicação. Sabia exatamente tudo que se passava em sua vida e fazia questão que Clara a mantivesse informada de quase todos os seus passos.

- Não precisa vir, mãe! Não deve ser nada! – disse Clara para acalmar a mãe.

- Está decidido, Clara. Chego em São Paulo depois do almoço, e antes da noite cair vamos juntas ao médico! – disse Maria.

- Tudo bem, Dona Maria! – disse Clara a sua mãe.

- Você já marcou a consulta? – perguntou Maria para saber que horas teria de estar em São Paulo.

- Sim, mãe! Está marcada para as três horas da tarde! – respondeu Clara.

Maria chegou à Capital pouco depois do almoço. Juntas, Clara e sua mãe foram até um médico que atendia perto de sua casa, pelo seu plano de saúde.

Clara havia confirmado sua chegada com a secretaria, e preenchido algumas perguntas sobre sua saúde num questionário feito para primeiras consultas. Após terminar, retornou para perto de sua mãe onde esperava ser chamada para ser atendida.

- Clara Benatto! – chamou a secretaria.

Clara e sua mãe se levantaram e entraram juntas no consultório.

- Olá, Srta. Clara? – perguntou o médico.

- Sim, doutor! – respondeu Clara.

- Sou o Doutor Arthur! Me fale, o que está acontecendo? – perguntou o médico.

Clara descreveu tudo o que havia acontecido naquele mês. A sensação de cansaço constante, o desmaio, as manchas no corpo que não sabiam suas causas, os suores que tinha durante as noites. A vida que levava sozinha e o estresse do dia-a-dia na Capital do Estado de São Paulo.

O médico suspeitou ser um quadro de estresse e anemia, pela má alimentação de Clara. Recomendou que Clara se submetesse a alguns exames que diagnosticariam melhor uma possível patologia.

Clara pegou tudo que o médico lhe entregou e no outro dia iria até o laboratório mais próximo a fim de proceder aos exames.

O dia amanheceu, e Maria se levantou para preparar para sua filha o café da manhã. Enquanto isso pensava na filha e em tudo o que estava lhe afligindo. O término do namoro com Guilherme que tanto amava, a vã tentativa em se apaixonar por Rogério, a distância de Júlia, a mentira e a traição. Os ensaios na orquestra que eram contínuos e as aulas que Clara lecionava em outra cidade e para as crianças. A administração de uma casa sozinha, e ter somente Edu e Nando para compartilhar tudo o que se passava em sua vida.

Maria tentava participar da vida da filha, mas em determinados assuntos se mantinha distante para não influenciar em seus sentimentos. Maria continuava a pressentir que a filha não estava bem.

- Ai! –exclamou Maria.

Clara, ainda de pijama, apareceu atrás de Maria. Havia acabado de acordar, sentindo o cheiro do café feito por sua mãe.

- O que aconteceu, mãe? – perguntou Clara.

- Me queimei passando o café! Estava pensando na vida e esquecendo que estava mexendo com fogo – disse Maria.

- Em que estava pensando, mãe? – perguntou Clara.

- Em nada demais, somente na fazenda e em você e Fernando que são a razão de minha vida. – disse Maria.

- Idem, mãe! Deixe-me ver isso! – disse Clara se aproximando de sua mãe.

Clara pegou a mão de sua mãe e viu que tinha ficado vermelho onde havia se queimado com água quente. Pegou uma pomada para queimaduras e delicadamente cuidou da queimadura que provavelmente haveria de formar bolhas de água.

- Mãe, me desculpe! – disse Clara.

- Desculpar o que, filha? – disse Maria sem entender.

- Essa tristeza que sinto por outras pessoas, quando deveria ser feliz por tudo que a senhora e Fernando fazem por mim. É incontrolável, existe algo que me liga a essas pessoas que não sei explicar. Vem do coração! – disse Clara.

Maria sabia que Clara se referia a Guilherme e à Júlia, sua irmã. Não poderia falar nada a respeito dos laços de Clara com Júlia, pois havia prometido ficar em silêncio.

- Filha, existem pessoas que passam a fazer parte de nossas vidas como se fizessem verdadeiramente parte de nossa família. Muitas vezes, um sentimento fala mais alto do que ter o mesmo sangue. Sinto que você adotou Júlia como uma irmã mais velha em sua vida, e hoje não consegue admitir que uma pessoa a qual doou tanto amor, tenha lhe traído. Será que não é hora de pensar a respeito de tudo e agir de acordo com suas verdades e tudo o que sempre foi? Você pode perdoá-la! Basta querer e desejar que Júlia volte a ser a amiga que sempre considerou em seu coração – completou Maria.

- Eu quero perdoá-la, mãe! Mas, infelizmente, não consigo! – disse Clara.

- Esta é a causa de sua angústia, e somente quando resolver isso, viverá tranqüila e serena como sempre foi! – disse Maria.

- Talvez! – respondeu Clara.

Terminando de fazer o curativo em sua mãe, Clara lhe deu um beijo no rosto e agradeceu por ela estar ali naquele momento.

- Eu te amo, mãe! Você é tudo em minha vida! – disse Clara.

- Eu também te amo, minha filha! – disse Maria.

Do outro lado do Oceano, Guilherme vivia tranquilamente com sua nova namorada. Ainda se lembrava com carinho de Clara, mas já havia perdido as esperanças de seus caminhos de reencontrarem.

Atravessando uma pequena ponte que passava por um canal de Amsterdam, lembrou-se de sua querida Clara e por um momento sentiu uma tristeza lhe abalar.

- Guilherme? – dizia Clara em suas recordações.

- Vem Gui, vem! Vamos tirar uma foto bem aqui, olha que linda é essa paisagem!

- Calma, amor! Estou indo! – dizia Guilherme.

- Olha as águas, a ponte, as flores logo atrás, o sol se pondo, o Céu está lindo, avermelhado! Nunca vi um dia tão maravilhoso como este! Mas, para a foto ficar perfeita falta somente uma coisa! – dizia Clara.

- O que falta, Clarinha? – perguntava Guilherme.

- Você aqui do meu lado, meu amor! Vem, vamos pedir alguém para tirar uma foto nossa bem aqui! – dizia Clara.

- Não precisa, quer ver? – dizia Guilherme.

Guilherme posicionou a câmera no outro lado da ponte, em cima de uma mureta e a programou para que tirasse a foto automaticamente. Correu para junto de sua namorada, lhe abraçou lhe dando um beijo apaixonado, no momento em que a máquina acionou o flash e a foto foi tirada. Aquele beijo

ficaria guardado para sempre naquele lugar e na memória de Guilherme e de Clara. Ao fundo, a linda paisagem de Amsterdam.

- Pra sempre estará em meu coração, minha pequena menina! – pensou Guilherme.

Guilherme sentiu um arrepio e uma angústia que lhe tomou conta naquele momento. Queria chorar, mas não sabia ao certo o motivo de sua agonia. Já havia superado a perda de Clara e tentava aos poucos retomar sua vida ao lado de Natalie. Guilherme passou a sentir a presença de Clara constantemente, e com ela uma aflição que não passava.

Júlia se afastou de Clara até que a irmã resolvesse procurá-la. Vez ou outra ligava para Maria e perguntava sobre a vida da irmã. Estava longe, mas se fazia presente. Não queria destruir o que daria a vida para reconquistar.

- Alô! – disse Fernando ao atender a ligação de Júlia.

- Alô, Fernando? – perguntou Júlia.

- É sim! Com este sotaque só pode ser a Júlia! – disse Fernando brincando com a amiga.

- Sou eu sim, meu quase-irmão! – brincou Júlia.

- Tudo bem com você, Júlia? –perguntou Fernando.

- Tudo sim! Tirando a tristeza de Clara não me procurar, tudo ótimo! – disse Júlia.

- Ela ainda vai te procurar, Ju! Dê tempo à ela! – disse Fernando.

- Deus te ouça, pois é o que mais desejo. Estou ligando para saber notícias de Clara. Como ela está, Fernando? Tem a visto? Ela está tocando? – perguntava Júlia, ansiosa para saber notícias de sua irmã.

- Está tocando sim, Júlia. Está passando por uma fase um pouco maçante. Deve ser estresse. Este mês ela reclamou algumas dores e teve um desmaio. Minha mãe foi até lá para acompanhá-la ao médico. – explicou Fernando.

Júlia era médica e não gostou de saber daquelas notícias. Perguntou se ela apresentou mais algum sintoma e Fernando disse que não sabia lhe informar.

Júlia agradeceu a atenção que Fernando sempre tinha com ela e pediu para que ligasse assim que tivesse notícias sobre a saúde da irmã.

- Vamos, mãe? – disse Clara.

- Vamos, filha! Só um instante que calçarei meus sapatos! – pediu Maria.

Clara e Maria foram até o laboratório onde seriam realizados os exames que o médico havia solicitado. Esperaram ansiosas os resultados e, logo que ficaram prontos, encaminharam-se até a clínica do Dr. Arthur a fim de saberem quais as providências teriam de tomar.

- Você tem que melhorar sua alimentação, Clara! Anda trabalhando muito e esquecendo de se cuidar! – disse Maria chamando a atenção de sua filha.

- Não tenho sentido fome ultimamente mãe. Quando vem a noite, bate a canseira e logo durmo. Tomo um café, ou como alguma coisa leve, mas não costumo jantar. Isso acontece quase todos os dias! – disse Júlia.

- Não pode fazer isso, filha! Ai se eu estivesse aqui! Não quero mais saber de ver a senhorita sem jantar, mocinha! – disse Maria advertindo sua filha.

- Tudo bem, mãe! Eu prometo que melhorarei meus hábitos! – disse Clara admirando a preocupação de sua mãe.

Clara foi chamada para ser atendida e logo seu médico pôde analisar seus exames.

- Bom, estou verificando em seu hemograma um aumento considerável dos linfócitos, Clara! - O médico explicou sobre o que se tratava e que seu aumento poderia significar indício de alguma infecção viral ou leucemia.

- O que? – perguntou Maria assustada.

- Não se assuste, Dona Maria! Faremos novos exames, agora específicos, para saber realmente o que está acometendo sua filha. – disse o médico.

Maria ficou desesperada com aquela notícia. Os olhos de Clara se encheram de água ao saber que poderia estar com uma doença tão grave naquela idade. Maria tinha de passar tranquilidade para sua filha e procurou manter seu equilíbrio emocional enquanto estivesse ao lado de Clara.

O médico de Clara pediu para que a menina procedesse a vários exames, e lhe entregasse o mais rápido possível.

Maria levou sua filha até o local que seriam realizados os exames e, entre eles, Clara teve de se submeter ao que diagnosticaria ou não a Leucemia.

Foi realizada em Clara uma aspiração de sua medula óssea. Esse exame consistia na introdução de uma agulha que retiraria um pouco da medula óssea de Clara para análise em laboratório.

Assim que os exames ficaram prontos, Clara e Maria os levaram para o médico analisar.

O médico abriu os exames e durante alguns minutos observava todo o seu conteúdo. Seu semblante não era animador e Maria olhava preocupada para o médico.

- Bom! Clara, o que temos aqui é realmente um prognóstico de Leucemia! Poderia falar para sua mãe, primeiramente! No entanto, você já é uma adulta. E quem passará por todo o tratamento. –disse o médico.

Os olhos de Clara se enchiam de água e a menina sentia sua garganta presa. Maria olhava para sua filha e enxergava a tristeza de sua pequena violinista que já era uma mulher.

- Felizmente, temos um bom prognóstico, pois visualizo que a doença está em um estágio que denominamos como estágio A, com grandes possibilidades de obtenção de sucesso no tratamento e cura. Teremos de avaliar vários fatores antes de começarmos qualquer tipo de tratamento.

- Tenho pouco tempo de vida, doutor? – perguntou Clara triste com o que acabava de descobrir.

- Os médicos não costumam precisar tempo de vida dos pacientes, Clara. Até porque isso depende das características que cada paciente apresenta. Mas, existe cura! As estatísticas dizem que oitenta por cento dos pacientes que apresentam este tipo de Leucemia são curados.

- E se piorar, doutor? – perguntou Clara.

- Se houver qualquer tipo de complicação no quadro que apresentar, teremos de iniciar um tratamento mais agressivo com a quimioterapia, e se for necessário,

realizamos o transplante de medula óssea. No entanto, este transplante requer a disponibilidade de um doador e a compatibilidade sanguínea. Essa compatibilidade, na maioria das vezes, é obtida através de um irmão, de seus pais ou parentes mais próximos.

- Meu irmão é adotado! – disse Clara.

- Neste caso, infelizmente, fica mais difícil encontrarmos compatibilidade entre você e seu irmão para o transplante de medula óssea. Nossos bancos de coletas ainda não contam com material suficiente a atender à demanda, e a procura por compatibilidade é intensa, quase que incessante. Mas, não é impossível! – disse o doutor.

- Recomendo que passe por um médico especializado, hematologista, e comece desde já a seguir suas orientações, e se possível à internação imediata.

Neste momento, Clara assistiu um filme de sua vida passar por sua mente. Sua infância ao lado de Fernando, Maria e seu pai Joaquim. A fazenda e as brincadeiras de criança com Nando. Seu primeiro beijo em um amiguinho da escola. Suas amigas e sua formatura do colegial. Sua fixação pela música. Sua insistência em ser musicista. A morte de seu pai. A dor da perda de alguém tão querido. Sua ida para a Holanda. Sua faculdade. O encontro com seu grande amor. Sua primeira noite de amor. Sua amizade com Júlia. Todas as vicissitudes e felicidade ao lado das pessoas que amava. Sua volta para o Brasil. Seu rompimento com Guilherme. Seu pequeno romance com Rogério. A distância de Júlia. O pedido de perdão. Os últimos meses sozinha, e agora, aquela doença.

O médico deixou Maria e Clara sozinhas, na pequena sala do consultório, onde estavam sendo atendidas. Clara olhou para sua mãe, e não precisou dizer nada. As lágrimas de Maria rolavam em seu rosto, seus olhos avermelhados mostravam a angústia de saber que sua pequena menina estava com aquela doença. Maria controlava o tremor de seus lábios, pressionando-os fortemente e contendo o grito de dor que sua alma pedia naquele instante. Maria abraçou Clara fortemente e pediu a Deus que não lhe tirasse sua pequena grande menina.

- Não quero morrer, mãe! Quero continuar a tocar, ensinar meus pequenos alunos, mostrar para eles o que realmente vale a pena na vida! – disse Clara.

- E o que realmente vale a pena, filha? – perguntou Maria.

- Tocar o coração das pessoas que amamos! – disse Clara emocionando sua mãe com aquelas palavras.

Juntas, Clara e Maria voltaram para casa e arrumaram uma mala para que procedessem à internação de Clara.

Maria ligou para Fernando e disse que ficaria em São Paulo por alguns dias. Pediu para que ele fosse para lá no final de semana e teria algo a lhe dizer, pessoalmente. Fernando ficou muito preocupado com aquele suspense. Pegou seu carro e, no mesmo instante, se dirigiu rumo à Capital.

Júlia sentiu um imenso aperto em seu coração naquela noite. Sua sintonia com Clara era telepática, e sabia que aquelas vibrações vinham da irmã. Pegou seu telefone e decidiu ligar diretamente para Clara. Teve medo. Desistiu.

Ligou para a fazenda várias vezes e ninguém atendia. Sua preocupação aumentou e decidiu ligar definitivamente para Clara.

O telefone de Clara estava sobre sua cama, quando Júlia tentou falar com ela. Ninguém o viu tocar e por lá permaneceu até que Maria percebeu que ele estava acendendo. Maria foi verificar e viu várias ligações de Júlia que não foram atendidas. Apagou todas as chamadas para que Clara não as visse naquele momento. Não era um bom momento para expor Clara a mais tristezas. Preferiu pedir para que Fernando ligasse depois com calma para Júlia, e lhe contasse toda a situação.

Fernando chegou em algumas horas a São Paulo, e ao entrar no apartamento de Clara não teve uma boa impressão.

- Oi, Clarinha! Oi, mamãe! O que precisam me falar? –perguntou Fernando.

Fernando olhou uma mala arrumada e perguntou quem iria viajar. Maria explicou que não se tratava de uma viagem. Pediu para que o filho sentasse e lhe contou o que estava acontecendo com Clara.

Fernando não pôde conter suas lágrimas e somente abraçou forte sua irmã.

- Ninguém lhe tirará você da gente, Clarinha! Eu te amo muito! – disse Fernando.

- Tenho fé que tudo dará certo, meu irmão! Deus sempre esteve ao meu lado, Ele não me abandonará agora. – disse Clara.

Clara respirava o ar da incerteza. Queria transmitir paz e segurança para Fernando e Maria, para que não sofressem vendo-a fraca. Queria ser forte. E era forte. Era uma menina guerreira.

- Vamos? – disse Clara.

- Vamos! – disse Maria.

Fernando abraçou sua mãe e sua irmã e juntos desceram até chegarem ao carro, onde seguiriam para o Centro de Hematologia do Hospital das Clínicas de São Paulo.

Ao chegarem no hospital, Clara teve de preencher vários formulários antes de ser internada. Esperava as questões burocráticas e as formalidades requeridas pelo hospital serem cumpridas, para começar seu tratamento. Não sabia se poderia ser internada naquele mesmo dia ou se teria de aguardar em sua casa.

Enquanto Clara escrevia em uma prancha seus dados pessoais e referentes a sua saúde, Maria conversava com Fernando em um canto da sala da recepção.

- Nando, a Júlia ligou várias vezes no telefone da Clara hoje! – disse Maria.

- Mas elas não estavam sem se falar? – perguntou Fernando.

- Ainda estavam sim! Não sei por qual motivo ela queria falar com Clara. Sua irmã já estava muito abalada, e não quis que ela visse esta ligação. Por favor, ligue para Júlia e conte o que está acontecendo! Afinal, elas não são somente duas amigas que se desentenderam, elas são irmãs! – disse Maria com muita sensibilidade pela situação de Clara e Júlia.

- Tudo bem, mãe! Vou lá fora e telefonarei para Júlia! – disse Fernando.

- Mãe! – gritou Clara desesperada.

- Diga filha!

- Não estou me sentindo bem, mãe! Chame um médico pra mim, mamãe! – disse Clara desfalecendo aos braços de sua mãe.

Rapidamente Maria pediu para que chamassem a emergência e Clara foi encaminhada no mesmo instante para o quarto de internação. Era mais um desmaio. Clara acordou já hospitalizada e lá ficaria durante todo aquele mês.

- Ju, Guilherme! – chamava Clara por sua amiga e por seu amado, ainda atordoadas.

- Clarinha, é a mamãe, filha! A Ju e o Gui não estão aqui! – disse Maria segurando as mãos de sua filha.

- Porque eles fizeram isso comigo, mãe? Por quê? – Clara chorava ainda sem identificar direito quem estava no quarto. Chorava, chamando incessantemente por Júlia e Guilherme.

Fernando acompanhou Maria até o quarto e disse que ligaria para um de seus empregados, que era um grande amigo. Pediria a ele para que tomasse conta da fazenda durante aquela semana, para ficar junto à mãe e a irmã. Lembrou-se que também tinha de ligar para Júlia. Deu um beijo no rosto de sua irmã e acariciou sua nuca, passando sua mão nos cabelos de Clara por detrás da orelha.

- Minha irmã, vou lá fora tomar um chá, mas logo volto para passar esta noite aqui com você. Assim, a mamãe vai pra casa e descansa um pouco. – disse Fernando.

- Tudo bem, Nando! Eu te amo muito, meu irmão. Perdoe não ter lhe dito isso mais vezes e quantas fossem necessárias para você ter a certeza disso! – disse Clara.

- Clarinha, para sentirmos o amor de uma pessoa, não é necessário que ela nos fale! Sentimos! Elas tocam nossos corações com seu sentimento, e isso basta! Seu amor sempre esteve aqui em meu coração. Em nossas brincadeiras, viagens, diversões, namoros, brigas, encontros, desencontros, irmandade! Amor é isso! É tudo o que vivemos juntos e todos os momentos felizes juntos! Eu sei que nós sempre nos amamos, muito! Não são necessárias palavras. – disse Fernando.

- Que bom Nando! Fico muito feliz em tê-lo como irmão! Meu único irmão! Vai lá então! – disse Clara.

Fernando sabia que não era o único irmão de Clara e que a irmã precisaria mais do que nunca da presença de Júlia em sua vida.

Fernando saiu do quarto e deixou Clara com sua mãe. Os médicos que atenderam sua irmã já haviam medicado-a e a colocaram para receber soro. Clara teria uma dura batalha pela frente. Clara começaria as sessões de quimioterapia no dia seguinte.

Fernando se dirigiu até o estacionamento do hospital, onde telefonaria para Júlia. Foi até uma cafeteria que tinha por perto e pediu um pão com café. Não havia comido nada desde que saiu de Holambra. Tomando seu café pensou na irmã e um medo lhe afligiu a alma. Maria e Clara era sua família. Não poderia contar com Maria por muito tempo, e imaginava toda sua vida ao lado da irmã. Estava angustiado em pensar que sua irmã poderia lhe deixar sozinho. Imaginou-se no lugar de Júlia e pensou como era a vida da quase-irmã, sem ninguém. Fernando sentiu naquele instante, como Clara deveria ser importante para Júlia, e no sofrimento de Júlia diante de tudo que aconteceu entre elas.

Fernando olhou para o seu telefone e não sabia como começaria a contar tudo para Júlia. Criou coragem e com os olhos fechados apertou a tecla para que o telefone iniciasse a chamada.

- Alô! – disse Júlia.

- Alô, Júlia? – disse Fernando.

- É sim, é o Fernando? – perguntou Júlia reconhecendo o número e a voz de Fernando.

- Sou eu sim, Ju! Como está? – perguntou Fernando.

- Estou bem! Mas hoje senti algo não muito bom e pensei em Clara na hora. Liguei várias vezes pra ela, mas acho que ela não quer me atender! – disse Júlia.

- Não! Acho que o que ela mais deseja é que vocês fiquem bem! Somente ainda não sabe o caminho para isso! – disse Fernando.

- Estou fazendo tudo o que posso, Fernando! Pois é o que mais quero! Ter novamente o amor de minha irmã! – disse Júlia.

- Bom! Tenho que lhe falar algo que aconteceu! Realmente a Clarinha não está bem! – disse Fernando.

- O que minha irmã tem? – perguntou Júlia.

- Como lhe contei ela havia desmaiado há um mês e passou a reclamar constantemente de cansaço. Estava com várias manchas roxas em sua perna e somente agora resolveu procurar um médico. – disse Fernando.

Júlia era médica oncologista e já previa o que Fernando lhe falaria.

- Hoje minha mãe acompanhou Clara até o médico para verem os resultados de vários exames que Clara fez. Infelizmente a Clarinha está com Leucemia. – disse Fernando.

- Não! Fernando, me diz que não está me dizendo isso! Minha irmãzinha, não! – disse Júlia chorando.

Júlia era médica e lidava com vários casos de crianças com vários tipos de Leucemia. Algumas reagiam muito bem ao tratamento e logo estavam curadas, entretanto, outras vinham a falecer nas primeiras semanas de quimioterapia.

- Bom, no momento em que a Clara preenchia alguns formulários no hospital, para ser internada, ela passou mal e foi imediatamente hospitalizada. Acordou chamando por você e por Guilherme. Perguntava por que vocês haviam feito isso com ela! – disse Fernando.

- Isso tudo a atormenta muito. Preciso resolver isso antes que eu perca minha irmã. Eu a amo tanto, Fernando! – disse Júlia.

- Eu sei disso, Júlia! Por isso eu e minha mãe jamais lhe julgamos quando soubemos do que havia acontecido entre você e Guilherme. – disse Fernando.

- Mas é hora de tomarem uma atitude! Não sei o que pode fazer, mas tente ouvir o coração e fazer algo por Clarinha. Ela é muito importante pra mim, Júlia! Não quero vê-la sofrendo mais. Não quero perder minha irmã. – completou Fernando.

- Quero ver minha irmã! Ainda tenho alguns dias de férias, e aproveitarei para passar esta semana ao lado de Clarinha! Sei o quanto a primeira internação é

difícil para os pacientes de Leucemia. Não é fácil, quero e preciso estar ao lado dela, para apoiá-la neste momento. Tudo bem se eu for? – perguntou Júlia.

- Júlia, um dia conversando com a Clarinha, ela me disse que as portas do coração dela, estariam sempre abertas para você! Não preciso responder-lhe mais nada, não é mesmo? – perguntou Fernando.

Júlia e Fernando se despediram e Júlia se apressou para arrumar suas malas e ir para São Paulo. Queria chegar antes do amanhecer e acompanhar sua irmã desde o início do tratamento.

VII

O amor e o perdão: A descoberta de sua essência.

Era madrugada quando Júlia chegou na cidade de São Paulo. Reservou um quarto, em um hotel próximo ao hospital que Clara estava internada. Adormeceu até o amanhecer, tomou o café da manhã no hotel e se arrumou para ver Clara. Não sabia qual seria a reação de sua irmã, mas não deixaria de ver sua amiga-irmã naquele instante.

Ao chegar no hospital, Júlia viu Fernando e logo foi falar com ele. Júlia deu um abraço no amigo e lamentou muito por tudo que estava acontecendo na vida de Clara.

- Onde a Clarinha está, Fernando? – perguntou Júlia.

- No quarto 204! – disse Fernando.

- Fernando, reze para que os Anjos me acompanhem e que Clara possa olhar em meu olhos e me perdoar. Quero ver minha irmã bem e curada, e farei o que for preciso para isso– disse Júlia.

- Ela vai te perdoar! Ela ainda não descobriu que pode! Mas, Clarinha tem um coração de ouro! – disse Fernando.

- Eu sei disso, Fernando! – disse Júlia.

Júlia se dirigiu até a recepção onde já estava autorizada por Maria a ver Clara.

Ao chegar no quarto, Clara ainda estava dormindo e Maria estava ao seu lado. Pela fresta da porta, Júlia chamou a mãe de Clara, para que pudesse entrar e ver sua irmã.

- Olá Maria, como está? – perguntou Júlia com a voz baixa.

- Um pouco abalada com isso tudo, mas mantendo minhas forças para dar a minha filha! Ela e Fernando são meus maiores tesouros! – disse Maria.

- E ela vai ficar bem, Dona Maria! – disse Júlia com convicção, tentando passar tranquilidade para Maria.

- Fique com ela agora, e tratem de se acertarem. Sua irmã precisará de você e do seu amor! Você é muito importante pra ela, tenha certeza disso!– disse Maria.

Júlia entrou no quarto e viu o rostinho de sua irmã. Em seu pescoço estava uma corrente com o pequeno pingente que havia dado à Clara.

- Você é especial, Clarinha! – disse Júlia baixinho para não acordar Clara.

Júlia observava atentamente o sono de Clara. Várias lembranças do sorriso de sua irmã lhe vieram à memória e levando as mãos aos olhos enxugou as lágrimas que caíam ao ver sua irmã ali tão fragilizada. Sabia de tudo que teria de enfrentar e das dores as quais teria de passar. Júlia daria tudo para estar em seu lugar.

- Ju? – disse Clara despertando do seu sono.

- Clarinha, minha linda! – disse Júlia.

- O que faz aqui?– perguntou Clara.

- Vim te ver, somente! Deixa-me ficar aqui ao seu lado independente de nossos desencontros! Por favor? Fernando me ligou e me contou sobre você. Você sabe que sou médica, e mais que tudo, sou sua amiga. Quero estar aqui para te ajudar! – disse Júlia.

Clara pegou as mãos de Júlia e silenciosamente chorou. Não disse nada naquele momento. Não queria lembrar do acontecido entre Júlia e Guilherme. Queria ter sua amiga ali. Era o que seu coração pedia.

- Eu estou morrendo, Ju? – perguntou Clara.

- Não, não está! Vai ficar bem logo, e poderei ver seu lindo sorriso e escutar suas lindas canções. Estarei ao seu lado, sempre! Eu lhe prometi isso um dia! Lembra-se? – perguntou Júlia.

Neste instante um médico entrou no quarto e se apresentou à Clara.

- Olá, Clara! Sou o Doutor Paulo! – disse o médico.

- Olá, doutor! – respondeu Clara ainda com a voz franzina.

- De hoje em diante seremos amigos, Clara! Acompanharei seu tratamento e conto com a sua colaboração para que fique boa logo

- Tudo bem, doutor! O que devo fazer? – disse Clara.

- Por enquanto irá ficar bem relaxada, e qualquer dúvida que tiver você poderá me consultar. Estarei aqui para lhe atender sempre que precisar! Iniciaremos o tratamento de quimioterapia para combater o avanço da Leucemia. – disse o médico.

- Peço para que durante este tempo evite andar pelo hospital, pois ficará exposta a várias doenças e sua imunidade estará baixa, podendo contrair alguma infecção e piorar o seu quadro. Coma somente a alimentação que lhe for dada e tome devidamente os medicamentos que serão trazidos pelas enfermeiras. Nem sempre serão elas que lhe trarão os medicamentos. De vez em quando temos alguns enfermeiros bonitões, de olhos claros assim como os seus! – brincou o médico para descontrair a conversa.

Clara deu uma tímida risada para o médico e voltou a prestar a atenção no que ele lhe explicava.

- Daqui uns dias você sentirá algumas reações como dores, vômitos e queda de cabelo. Será normal, não se assuste! Mas, precisará de forças para atravessar esta fase. – disse o médico.

- Tudo bem, Doutor! Farei o que me pediu! – disse Clara.

Júlia conversou com o médico para se inteirar da situação de sua irmã. Ele lhe informou sobre a análise clínica feita nos exames e sintomas de Clara. Disse também que a doença estava em um estágio primário, mas que tudo dependeria da reação de Clara ao tratamento.

Júlia lhe disse que era médica especializada nesta área e que passaria parte do tempo com sua amiga. Contou também que era sua irmã, mas que Clara ainda não sabia.

- Você como doutora sabe que esta informação é muito importante para a vida de Clara, não é mesmo? – perguntou o médico.

- Sei sim, doutor! – respondeu Júlia.

Clara iniciou as sessões de quimioterapia naquele mesmo dia e já sentiu as primeiras reações. Os primeiros dias foram difíceis, pois tudo era muito novo para Clara. Nunca imaginara que teria de passar por aquela situação. Era uma menina jovial, cheia de vida e alegria.

Júlia ajudava Clara a ir ao banheiro, ajudava-a em sua alimentação e passou várias noites com ela. Licenciou-se do hospital o qual trabalhava, para poder ficar aquele mês ao lado da irmã. Clara e Júlia pouco conversavam como durante os quatro anos que Clara morou no exterior, e os poucos meses de contato que tiveram no Brasil após o seu retorno. Clara olhava triste para Júlia e na maioria das vezes adormecia. Júlia lhe retribuía amor, carinho e atenção.

Quando Clara adormecia, Júlia aproveitava para ler revistas médicas e ajudar ao máximo sua irmã, através de seu ofício.

Logo que Edu ficou sabendo da doença de Clara, foi visitar a amiga. Sempre que podia levava flores para alegrar o ambiente. Ele sabia da paixão da amiga por elas, e que Clara considerava a primavera a estação mais linda do ano, por sua beleza em si.

Uma semana se passou e, pela primeira vez, Clara olhou para Júlia e sorriu.

- Estou me sentindo melhor hoje, Ju! – disse Clara.

- Que bom, minha amiga! – disse Júlia sorrindo para Clara.

Clara decidiu naquele dia conversar com Júlia a respeito de seus sentimentos, e aliviar um pouco a dor que ainda sentia com o silêncio que permanecia entre ela e sua amiga.

- Porque você não ficou com Guilherme? Porque você está aqui? Porque não me esqueceu se não te procurei mais? – perguntou Clara.

- Porque eu amo você, e sua amizade é mais importante do que tudo que tenho neste mundo! – respondeu Júlia.

Antes que Clara respondesse à Júlia, percebeu que seu cabelo estava começando a cair. O médico já havia lhe falado que aquilo aconteceria, mas Clara ficou

assustada ao ver alguns fios em seu travesseiro. Era parte da beleza de Clara que iluminava sua aparência.

- O que está acontecendo, Ju? Vou perder todo o meu cabelo? – perguntou Clara passando a mão sobre a cabeça e sentindo muitos fios ficarem emaranhados entre seus dedos.

Júlia abraçou a irmã que estava declinada na cama móvel do hospital e sentiu a irmã soluçar em seus braços.

- Eu vou morrer, Ju! Não posso ainda! Ainda não!– dizia Clara chorando.

- Não vai morrer, Clarinha! Estou aqui do seu lado! – disse Júlia afagando a irmã.

Os dias se passaram e Clara perdeu totalmente seus cabelos. Eram lindos e loiros, brilhantes como o sol. Maria sugeriu que a filha usasse alguns lenços para ficar sempre bonita. Maria sabia que ajudaria Clara a não perder a auto-estima. Clara aceitou e, no mesmo dia, Maria levou alguns para que Clara escolhesse.

- São lindos, mãe! – disse Clara.

Maria pegou um lenço verde-água com traços azuis e violeta. Eram as cores preferidas de Clara. Dobrou uma pequena parte e colocou sobre a cabeça nua de Clara. Seus olhos se enchiam de água, mas não deixava sua filha perceber. Deu um pequeno nó no lenço e trouxe um espelho para que Clara visse.

- Está linda, filha! – disse Maria.

- Ficou muito bom mesmo, mãe! – disse Clara ao se olhar no espelho.

- Seus olhos estão reluzentes, as cores claras destacaram o lindo brilho dos seus olhos, filha! Sua pele branquinha te deixa parecendo uma bonequinha! – disse Maria olhando para a filha.

Clara se olhou no espelho e, retirando o lenço que sua mãe havia lhe dado, se viu totalmente careca. Imaginou os anos ao lado de Guilherme e lembrou-se do dia em que seu amado havia lhe pedido em casamento. Lembrou-se também de seu vestido, de seu perfume e de como estava linda naquela noite. Sentiu tristeza. Chorou.

Júlia estava almoçando e voltaria para ficar com Clara. Antes que Maria fosse almoçar, Clara pediu para que sua mãe lhe levasse a caixinha de música dada por Júlia. Sempre que Clara estava triste, abria sua caixinha e dava corda para que ela tocasse. Logo sentia sua alma leve e a felicidade retornar ao seu espírito.

- Vou trazê-la assim que voltar de casa! Agora coloque o lenço para ficar bem bonita! – disse Maria.

Júlia entrou no quarto e viu sua linda irmã com o lenço sobre sua cabeça.

- Que linda que você está, Clarinha! – disse Júlia.

- Foi mamãe que me deu! Veja as cores e as formas! São lindos! – disse Clara.

- Não mais que quem está usando-os! – disse Júlia sorrindo para Clara.

Júlia permaneceu com sua irmã e Maria retornou para o apartamento de Clara para descansar. Já havia separado a caixinha de música que Clara lhe pediu e deu corda para ouvi-la, sozinha no apartamento. No decorrer da música, Maria começou a chorar, lembrando-se de sua pequena musicista. Pensava em sua linda carreira, que ainda estava percorrendo, e na dor que seria perder sua filha. A música terminou e Maria adormeceu no sofá da sala até a madrugada.

Ao perceber que Júlia ficaria o tempo necessário para a recuperação da irmã, Maria ofereceu o apartamento de Clara, onde estava ficando, para que Júlia se hospedasse. Júlia aceitou e em pouco tempo levou suas malas para lá. Fernando cuidava da fazenda durante a semana e retornava nos finais de semana para ver a irmã. Maria e Júlia revezavam os dias e noites que passavam com Clara.

A primeira internação de Clara durou quarenta dias e Júlia permaneceu com a irmã durante todo este período.

Certo dia, voltando para o quarto de Clara, Júlia ouviu uma música baixinha e suave a tocar. Parecia uma caixinha de música e lembrava-se do presente que havia dado a Clara. Entrou no quarto e viu Clara chorando.

- O que foi, Clarinha? – perguntou Júlia se aproximando da irmã.

- Estou triste, Ju! Somente! – disse Clara.

- E posso saber o motivo da sua tristeza? Sua recuperação está sendo ótima! – perguntou Júlia.

- Sim, pode! – disse Clara.

- Então me diga! – pediu Júlia.

- Guilherme! – disse Clara.

- Estivemos tão próximos, e agora me sinto tão distante! Talvez Deus tenha nos separado prevendo que sofreríamos muito com tudo isso! Será que Guilherme estaria comigo aqui, mesmo estando feia e fraca dessa maneira? – perguntou Clara.

- É claro que estaria! Guilherme e você foram almas gêmeas que se encontraram, e que pelo destino tiveram de se separar. Vocês serão eternos um para o outro! No coração um do outro. Quanto a sua beleza, farei questão de não comentar, pois sabe que é linda por natureza! – disse Júlia.

Júlia aos poucos reconquistava o coração de sua irmã, e as mágoas de Clara foram desaparecendo de seu coração.

Era o último dia de internação e Clara estava ansiosa para ir para sua casa. Neste dia, Clara contava os minutos para receber alta, quando poderia finalmente voltar para o seu apartamento, acompanhada de sua família: sua mãe Maria, e seus dois irmãos, Fernando e Júlia.

Clara ainda passaria por duas internações e tomava a risca os remédios que lhe foram prescritos, além de usar uma máscara para se proteger das contaminações do ar, repousar e se alimentar corretamente.

Júlia voltou para Belo Horizonte, depois de quarenta dias ao lado de sua irmã.

- Obrigada por tudo, Ju! – agradeceu Clara.

- Não tem o que agradecer, Clarinha! Estarei sempre ao seu lado! Sempre! – disse Júlia.

- Meu coração já te perdoou, Ju! Eu amo muito você e sofri muito com sua ausência e com tudo que abalou nossa amizade! – disse Clara abraçando Júlia.

- Idem, Clarinha! Pode ter certeza que eu te amo muito também! – disse Júlia.

Júlia se despediu de todos e pediu para Maria mantê-la informada sobre a saúde de Clara. Qualquer piora de Clara ela estaria lá.

Apesar de enfrentar aquela situação todos os dias em seu trabalho, Júlia estava muito cansada. O peso da dor de poder perder a irmã era muito grande.

Clara ficou um mês e quinze dias em casa, quando voltou a ser internada para novas sessões de quimioterapia.

Guilherme não sabia que Clara estava passando por tudo aquilo, mas seu coração não lhe enganava. Há tempos ele sentia um mau pressentimento, e queria ter notícias de Clara. Resolveu ligar para Júlia e perguntar sobre a vida de sua amada.

- Alô – atendeu Júlia.

- Júlia! – disse Guilherme.

O coração de Júlia disparou. Não sabia o que falaria para Guilherme. Era a primeira vez que se falavam depois de terem dormido juntos.

- Júlia, você tem notícias da Clarinha? Nunca mais soube nada dela e tenho pensado muito nela! – perguntou Guilherme.

Júlia conhecia o imenso amor que unia os corações de Clara e Guilherme. Decidiu que desta vez não esconderia nada dele. Falou ao garoto tudo que estava acontecendo, mas que felizmente Clara estava se recuperando bem. Comentou sobre a conversa que teve com Clara a respeito de terem dormido juntos e sobre o longo tempo que passaram sem se falarem. Guilherme ficou assustado com a notícia da doença de Clara, mas logo Júlia lhe acalmou.

Ela tinha um dom incrível de passar serenidade para as pessoas que estavam ao seu redor.

Neste dia Guilherme resolveu que mesmo Clara sabendo de todo o ocorrido, ligaria para ela, pois não poderia desprezar tudo o que vivenciaram juntos.

- Eu amo a Clarinha, Ju! Não deixe que ela nunca duvide disso! – pediu Guilherme.

- Eu sempre soube disso Guilherme! E ela sabe, pois nosso coração nunca nos engana! Como não lhe enganou agora, pressentindo que Clara não estava bem.

- disse Júlia. Guilherme e Júlia se despediram e Júlia retornou ao seu serviço. Tinha que cuidar de suas crianças e seria um dia de diversão no hospital. Vários voluntários vestidos de palhaço animariam a criançada. Estes tinham um papel importante e era parte integrante na recuperação dos garotos. A alegria de viver. E essa alegria tinha de retornar para a vida de Clara. Só assim aquela grande musicista renasceria para a vida.

O telefone de Clara tocou, e Clara então atendeu. Fez-se um longo tempo de silêncio, até que Clara ouviu a voz baixa de Guilherme.

- Clara? – perguntou Guilherme.

- Gui! – disse Clara reconhecendo sua voz.

- Clarinha, não desligue, por favor! Sei que não mereço ouvir sua voz, mas me perdoa! Júlia já me contou que lhe falou sobre tudo o que aconteceu nos dias em que estive no Brasil. Eu queria te ver, e na verdade vi em Júlia o seu amor! – concluiu Guilherme.

- Seu coração lhe perdoa, Gui? – perguntou Clara.

- Ele me perdoa, porque ele sabe que quem amo é você! – disse Guilherme.

- Então, esqueça tudo isso que aconteceu, Gui! Hoje tenho boas lembranças de você e de Júlia! Sei que não fizeram nada pensado, simplesmente aconteceu! Se for o meu perdão que deseja, tenha a absoluta certeza que já perdoei você e Júlia! Meu coração também tem várias certezas, e a maior delas é que amo vocês, incondicionalmente! – disse Clara.

Guilherme e Clara conversaram durante um tempo. Sorriram como quando estavam juntos, conversaram sobre como estavam levando a vida. Guilherme já não namorava mais com Natalie e se sentia feliz em poder conversar com Clara, ainda que distantes um do outro. Despediram-se, e prometeram manter contato sempre que pudessem.

- Clarinha! – disse Guilherme.

- Fale, Gui! – respondeu Clara.
 - Não se esqueça que será para sempre, meu eterno amor! – disse Guilherme.
 - Idem! – respondeu Clara como quando namoravam.
-

Quatro meses se passaram e Clara estava aparentemente bem. Havia passado por mais duas internações, e até então reagia bem ao tratamento.

No entanto, neste período, Clara ficou muito resfriada e sua febre não diminuía. Mais do que depressa, Maria levou sua filha até o hospital, onde novamente foi internada. Esta seria a última internação de Clara.

Maria estava desesperada e não sabia em quem se apoiar. Estava sozinha e sem forças. Lembrou-se de Júlia e telefonou para ela, contando o que estava acontecendo. Júlia não pensou duas vezes e atravessou o Estado, agora de avião, para chegar rapidamente, e ficar com sua irmã.

O estado de Clara não era bom. Não reagia aos remédios e estava muito fraca. As quimioterapias já não estavam sendo suficientes para conter o avanço da Leucemia. Foi quando o médico de Clara, Dr. Paulo, sugeriu o transplante de medula óssea para sua recuperação.

- Mas, o Fernando é adotado, o que faremos? – disse Maria se esquecendo que Júlia era irmã de Clara.

- Se não me engano, Clara tem uma outra irmã, não é mesmo Dona Maria? – perguntou o médico.

- Júlia! É claro! – disse Maria.

- Mas, são irmãs somente do mesmo pai, será que haverá compatibilidade doutor? – perguntou Maria.

- Há mais chances do que uma pessoa fora da família. A senhora também poderá realizar o exame para saber se há compatibilidade para ser doadora. – respondeu o médico.

Júlia foi chamada pelo médico, o qual lhe falou sobre o transplante da medula óssea.

Júlia já havia pensado naquela possibilidade, quando foi advertida no início do tratamento de Clara pelo médico. Júlia queria salvar a irmã daquele sofrimento de qualquer maneira.

- Só existe um fator, doutor! – disse Júlia.

- Qual fator, Dra. Júlia? – perguntou o médico.

- Precisarei conversar com Clara antes, e lhe contar sobre nós!– disse Júlia.

- Tudo bem, faça isso o mais rápido possível! Aguardaremos os resultados dos exames e aí você conversa com sua irmã. – disse o médico.

Maria e Clara procederam aos exames solicitados pelo médico, e aguardavam ansiosas por uma resposta positiva. Sabiam que encontrar um doador fora da família era uma tarefa muito difícil, para não dizer impossível.

Os médicos conseguiram amenizar a febre de Clara, e logo o resultado dos exames ficaram prontos. Maria não poderia ser doadora de Clara, porém, havia entre Clara e sua irmã, compatibilidade para que Júlia fosse sua doadora. Maria sentiu um imenso alívio ao receber aquela notícia. A mãe de Clara abraçou Júlia e chorando agradeceu por ela estar ali.

- Deus a trouxe até Clara para que salvasse a vida de sua irmã! E hoje, você tem um espaço grande em meu coração, Júlia! Clara sobreviverá e serei eternamente grata a você! - disse Maria.

Júlia se emocionou com aquelas palavras e, abraçando Maria, agradeceu o carinho com que sempre fora tratada em sua família. Júlia agora teria de conversar com Clara e lhe revelar a razão a qual surgira seus laços de amizade.

A noite caiu e Clara estava deitada em seu quarto de hospital, quando Júlia bateu à porta.

- Pode entrar! – disse Clara.

- Oi, Clarinha! – disse Júlia entrando devagar no quarto.

- Oi, Ju! Entre! – disse Clara ainda fraca.

Júlia entrou e fechou a porta para que Clara não sentisse a corrente de vento que passava pelo corredor frio do hospital.

- Tudo bem, Clarinha? – perguntou Júlia.
- Estou me sentindo melhor agora, sem febre!
- Que ótimo, minha amiga! Você vai ficar bem!
- Se Deus quiser! – disse Clara.
- Clarinha, tenho algo muito importante para lhe dizer!
- Diga, Ju! Sente-se aqui perto de mim!

Júlia então se aproximou de Clara e começou a lhe falar.

- Clarinha, lembra de quando nos conhecemos? – perguntou Júlia.
- Claro que lembro, Ju! Foi em Campos, como iria me esquecer?
- Eu já sabia que lhe encontraria naquele dia, Clarinha! – disse Júlia.
- Como? – perguntou Clara.
- Você sabe de quase toda a minha história, Clarinha. Sabe que sou filha única. Sabe também que não conheci meus pais! – disse Júlia.
- Sim! Mas, por que está me dizendo tudo isso? E o que seu passado tem a ver com nosso encontro em Campos? – perguntou Clara ainda confusa com o que Júlia lhe falava.
- Pouco antes de minha avó falecer, ela me revelou algumas coisas sobre o meu passado. E uma delas, era a existência de um pai que eu não tive a oportunidade de conhecer, pois descobri que ele também já faleceu! – disse Júlia.

- Na minha busca à procura de meu pai, descobri que ele tinha uma família, e que nesta linda família tinha uma menina, meiga, terna, doce, musicista como eu, carinhosa, educada, amorosa. Aos poucos fui me envolvendo em uma intensa amizade com esta garota a ponto de não conseguir imaginar um dia perdê-la. Esta garota foi conquistando um espaço enorme em meu coração e, quando estava mais próxima dela, aconteceu algo que nos distanciou, e me fez sofrer profundamente. – continuou Júlia.

Neste momento os olhos de Clara se enchiam de água. Relembrava a história contada por seu pai. Do namoro que ele teve com Vitória Melch. Da perda da

namorada e do filho. Da adoção de Fernando. Da mãe se recordar do sobrenome de Júlia.

- Nunca havia provado a sensação de correr no campo com amigos, patinar mesmo sem saber, sentindo o vento tocar meu rosto, sorrindo como criança, de brincar feliz em minha casa com a presença de irmãos. De sentir o amor que sinto por esta garota. Esta menina me proporcionou os melhores momentos de minha vida. Ela me trouxe uma alegria única de viver. – disse Júlia.

- Essa garota me fez ver o que “realmente vale a pena na vida” e tocou meu coração através de sua música, seu carinho e o sorriso que ela carrega no olhar. Clara suspirava, enxugando suas lágrimas com suas mãos, que ainda recebiam soro por suas veias.

- Essa garota agora está chorando, escutando eu lhe contar isso tudo, e meu coração está partido em imaginar a possibilidade de Deus levar de mim a única pessoa que eu tenho na vida. Minha irmã! – disse Júlia sem conter as lágrimas que não paravam de cair de sua face.

Clara escutava a irmã e chorava a cada palavra que ela dizia. Agora podia entender de onde vinha àquela sintonia forte que a unia profundamente à Júlia.

- Minha irmã? É isso, Júlia? – perguntou Clara.

- Posso lhe dar um abraço? – pediu Júlia.

Sem mais conter a emoção em descobrir que Júlia era sua irmã, Clara a abraçou forte e pediu para que nunca mais fosse embora de sua vida.

- Sim, Clarinha! Minha irmã caçula, que amo mais que tudo nessa vida! – disse Júlia.

- Estou certa que você é a filha que não tive. A irmã que Deus me deu de presente. A pessoa mais importante hoje em minha vida, Clarinha! – disse Júlia.

- Estou muito feliz em saber de tudo isso, ainda que passando por todo este sofrimento! – disse Clara.

Em silêncio, ouviram alguém bater na porta. Júlia se levantou, enxugando suas lágrimas e foi abri-la. Era o médico de Clara que realizaria o transplante.

Maria e Fernando ficaram esperando Júlia, ansiosos para saberem da reação de Clara. Júlia permaneceu no quarto para escutar o que o médico teria a falar para Clara.

- Clarinha, fiquei sabendo que ganhou uma irmã hoje? – disse o médico.

- Não, doutor! – respondeu Clara.

- Como não? – perguntou o médico receoso pela pergunta que havia feito.

- Uma irmã eu já havia ganhado quando eu conheci Júlia! Ela só confirmou isso para o meu coração! Pois ele sempre sentiu! – respondeu Clara com o olhar mais reluzente do que nunca.

- Que ótimo, Clara! Fico muito feliz em saber que está feliz! Isso será muito bom para a sua recuperação! – disse o médico.

- Quero ficar boa logo, doutor! Quero voltar para a minha casa, voltar a dar minhas aulas de música, retornar para a Orquestra! Quero viver, quero muito viver, doutor! – disse Clara.

- E vai ficar! Tenho uma ótima notícia para lhe dar! – disse o médico.

- Fale, doutor! – disse Clara ansiosa pelo que seu médico haveria de lhe contar.

- Realizaremos um transplante para que você cure definitivamente a Leucemia e melhore sua qualidade de vida! Este transplante implica em alguns riscos, mas é uma grande chance que poucos conseguem! – explicou o médico.

- Trata-se do transplante de medula óssea, doutor? – perguntou Clara.

- Sim, exatamente, Clarinha! – respondeu o médico de Clara.

- Mas, não terei primeiramente de achar alguém que possa ser meu doador ou doadora? – perguntou Clara.

- Sim, Clarinha. Infelizmente realizamos o teste em sua mãe, e não constatamos compatibilidade para ela ser sua doadora! – disse o médico.

- Teremos de procurar um doador, doutor? Será muito difícil! – disse Clara com seu olhar entristecido.

- Não, Clara. Não teremos! – disse o médico.

- Como não, doutor? – perguntou Clara.

- Olhe para frente, Clarinha! E veja quem será sua doadora! – disse o médico.

- Ju! – disse Clara.

- Sua irmã também realizou o exame e já constatamos sua compatibilidade para ser sua doadora! Basta agora realizarmos o transplante!

Clara não sabia ao certo se chorava ou se sorria. Eram duas grandes notícias. Júlia era sua irmã, e Júlia salvaria a sua vida. Era a recompensa Divina pelo seu perdão. Era o amor de sua irmã em sua vida novamente. Era Clara revivendo, para novamente ser feliz.

- O transplante é feito com uma transfusão de sangue, Clara. Em poucas semanas, o pequeno volume de medula óssea doada por Júlia se multiplicará, reconstituindo sua medula doente. A medula será retirada do interior dos ossos através de punções e, em apenas quinze dias, a medula de Júlia já estará recomposta. – explicava o médico.

- Ju, você será minha doadora? É verdade? – perguntou Clara sem acreditar que haveria de receber aquela graça.

- É verdade, Clarinha! Eu lhe prometi, e para sempre estarei ao seu lado! E agora, uma pequena parte de mim vai lhe ajudar em sua recuperação! – disse Júlia.

- Obrigada, Ju! – disse Clara.

- Eu te amo, minha irmã! – disse Júlia.

- Idem! – respondeu Clara.

A enfermeira entrou no quarto para levar alguns medicamentos à Clara, e Júlia aproveitou para ir contar tudo à Maria e Fernando.

- Que boa notícia! – disse Maria ao saber da reação de sua filha.

Juntos foram até a cafeteria do hospital e lancharam o que seria o jantar daquela noite.

A semana se passou e Clara e Júlia já se preparavam para o transplante. Júlia estava ansiosa. Sempre ocupara a posição de médica e agora ela seria doadora de sua irmã.

- Está preparada minha irmã? – disse Júlia.

- Estou sim, Ju! Muito mais feliz agora com sua presença! – disse Clara.

Os médicos realizaram o transplante e tudo ocorreu como haviam programado. A recuperação de Clara ao lado de sua família foi ótima e Clara podia sorrir como antes. Agora ela tinha vida e alegria para viver.

Durante sua recuperação, Clara pôde contar com as visitas constantes de Edu e sua mãe. Fernando, Maria e Júlia não a abandonavam. Júlia havia definitivamente mudado para o Estado de São Paulo, muito próximo ao apartamento de Clara. Não queria mais viver distante de sua irmã. Rogério mantinha a amizade com Clara e fazia questão de saber notícias de sua amiga. Guilherme ligava constantemente para Clara e passavam horas ao telefone conversando e dividindo alegrias. Mesmo separados sentiam que suas almas estariam unidas para sempre.

Guilherme conheceu uma nova maneira de amar Clara, se tornando seu melhor amigo.

Os anos se passaram, e Clara voltava aos poucos à rotina de estudos e trabalho. Já retornava às aulas na USP e no colégio com suas crianças e se preparava para seu retorno à OSESP.

Dois anos se passaram e Clara havia curado sua Leucemia devido ao transplante realizado entre ela e sua irmã. No dia 19 de Dezembro de 2005, Clara voltaria a tocar na Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, onde seria homenageada por seus colegas.

Mais uma vez Clara tocaria em apresentação solo e aquela oportunidade a fez lembrar-se do primeiro olhar trocado com Guilherme. O Teatro Municipal do Estado remetia os pensamentos de Clara ao *Concertgebouw* e às primeiras palavras trocadas com seu amor. Os primeiros gestos, as primeiras impressões, e todo o tempo que estiveram juntos.

Aquele dia seria um dia especial e inesquecível na vida de Clara. Era seu reencontro com sua essência. Era seu reencontro com a música e com o amor que carregava em seu coração.

VIII

Retomando laços.

Clara havia se preparado muito para sua apresentação. Desde a descoberta da Leucemia, Maria passara a morar mais em São Paulo do que em Holambra. Fernando continuava a tocar os empreendimentos do pai e a visitar a mãe e Clara sempre que podia. Júlia conseguiu um emprego num hospital próximo ao seu apartamento. Compartilhava sua vida com Clara e se alegrava ao ver o crescimento profissional de sua irmã.

Naquele dia todos iriam para o Teatro Municipal para assistirem à apresentação de Clara, ao lado de seu amigo Edu. Júlia passaria na casa de Clara antes, para que fossem todos juntos ao evento.

Clara terminava de se arrumar quando viu sua irmã chegar. Clara viu Júlia pelo espelho, quando acabava de se maquiar.

- Está linda, minha irmã! – disse Júlia.

- Você quem está linda, Ju! – disse Clara.

Clara se dirigiu até sua caixinha de música.

- Lembra dela, Ju?

- Claro, Clarinha! – respondeu Júlia.

Clara deu corda em sua pequena caixinha de música e ela passou a tocar. Pegou seu violino e tocou em sincronia com aquela canção. Era o minueto em G de Bach. Ela havia tocado aquela música no teste de admissão na Orquestra e mostrou os arranjos e modificações que havia feito para Júlia.

- Gostou? - perguntou Clara.

- Divino! – respondeu Júlia.

- Quando fui fazer o teste para minha admissão na Orquestra, toquei esta canção. Pensava em você e por qual razão você permanecia em meus

pensamentos. Hoje sei o motivo que nos uniu. Obrigada por estar aqui, minha irmã! – disse Clara.

Júlia ajudou Clara a terminar de se arrumar, escolhendo os acessórios que usaria naquela noite.

- Passe aquele perfume que gosta, Clarinha! – disse Júlia.

- Boa sugestão! Tenho boas lembranças quando sinto este aroma! Estarei, certamente, mais inspirada para tocar! – disse Clara.

Ao terminar, Clara e Júlia entraram no carro que Fernando dirigia, ao lado de sua mãe. Todos já sabiam de uma grande surpresa para Clara, mas guardariam segredo até que ela visse com seus próprios olhos.

Ao chegarem no Teatro Municipal, Clara deixou seus convidados na platéia, e foi até um lugar mais afastado para passar a parte solo, que apresentaria na música.

Clara fechou seus olhos e começou a tocar suavemente. Clara se lembrava de como tudo começou. De quando era pequenina e ganhou seu primeiro violino de sua mãe. Das primeiras notas musicais que aprendera no piano. Da sua determinação em ser musicista e sua obstinação em cursar a faculdade de música. De sua primeira apresentação a qual trouxe Guilherme para a sua vida. Sentia o perfume daqueles momentos. Neste mesmo instante, Clara abriu os olhos e viu Guilherme a sua frente. Parecia estar vivendo um sonho, mas seu amado estava bem ali diante dela, sorrindo como na primeira vez que se encontraram.

- Oi, Clarinha! Como você está linda. Como sempre foi! – disse Guilherme.

- Oi, Gui! Está aqui? – disse Clara sem acreditar no que estava vendo. - O que está fazendo no Brasil? – perguntou Clara.

- Uma surpresa para você! – disse Guilherme.

- Realmente, é uma surpresa lhe ver aqui! Quase que surreal, ver sua imagem, a minha frente agora! – disse Clara sorrindo para o rapaz.

- Meu amor! Como está linda! – disse Guilherme.

- Como está, Gui? Como está a banda? – perguntou Clara.

- Estou bem! A banda lançou o cd como já te disse e somos bem conhecidos na Holanda. Há três anos experimento o gostinho de ser conhecido e respeitado no ramo musical! – disse Guilherme.

- Que bom, fico feliz por você! – disse Clara.

- E você se tornou uma bela violinista! Como quando te conheci, agora integrante de uma das melhores orquestras do mundo.

- Amamos a música mais do que o nosso amor, Gui! – disse Clara.

- Não, Clara! A música fez com que nosso amor acontecesse! Foi através dela que nos conhecemos e será através dela que nossos laços se firmarão para toda a eternidade! Observo seus olhos agora, e vejo que desde que vi pela última vez este sorriso em seu olhar, no aeroporto, pouco antes de partir, não pude ser a mesma pessoa! Aquela pessoa que sorria constantemente e que era feliz ao seu lado – completou Guilherme.

- Você estava lá? Eu senti que estive lá! – disse Clara.

- Sim, estava! Mas, não quis lhe fazer sofrer! Prefери voltar para casa e deixar você seguir o seu caminho! Nunca mais fui feliz, meu amor! Meus dias precisavam de sua presença, de seus carinhos, de seu perfume, e do som do seu coração! Este eu só ouvia com você! – disse Guilherme.

O olhar de Clara se iluminava ao ver seu amor retornando para a sua vida.

- Seu sorriso contagiava minha alma, e só com você aprendi que para tocar o coração de uma pessoa, é preciso amá-la na profundidade da alma! Amar assim requer tudo de mais precioso que tive na vida! Requer você na minha vida. Só sei amar assim se for você! – disse Guilherme.

- Idem, Gui!

- Eu te amo, Clarinha! Hoje estou aqui para fazer algo que deveria ter feito há quatro anos! Estou aqui para casar com você! Você aceita casar comigo, minha pequena? – disse Guilherme com muito medo da resposta de Clara.

Clara ficou sem palavras. Pensava na banda e em tudo que Guilherme teria de abrir mão para ficar ao lado dela. Era um grande sonho se realizando. Clara não poderia dizer não para a sua felicidade.

- Você sempre esteve em meu coração, Gui! Eu aceito casar com você! – disse Clara.

Guilherme tirou uma linda rosa que escondia por detrás dele e entregou à Clara.

- Será uma linda noite, minha pequena menina! – disse Guilherme.

A apresentação de Clara se aproximava e ela estava ansiosa para sua volta à orquestra. O orador do evento falava e Clara esperava que chamassem a orquestra e realizasse sua apresentação solo.

- Agora, teremos um momento especial! O momento em que uma grande violinista, formada pelo Conservatório de Amsterdam e grande vencedora da vida, volta ao palco e à Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo. Chamo para vir à frente e realizar a apresentação solo, acompanhada pela Orquestra Sinfônica do Estado, Clara Benatto! – disse o orador.

Aplaudida, Clara se dirigiu ao centro do palco e iniciou a canção. Com grande habilidade em seu instrumento, Clara deslizava os dedos de forma calma e tranqüila. O violino já parecia fazer parte integrante de Clara, o qual ela dominava com extrema perfeição. Finalizada a canção, Clara foi aplaudida pela platéia.

Clara se dirigiu ao microfone onde pôde agradecer a presença do público, de seus familiares, e a realização daquele evento.

A platéia se emocionou e de pé Clara foi aplaudida por todo o público ali presente. Aquele grande Teatro ficou pequeno para o talento de Clara. Ela era a música viva, feita por puro sentimento.

A apresentação da orquestra terminou e todos receberam os cumprimentos do público no saguão do Teatro. Clara correu até Guilherme e lhe deu um grande abraço, sendo rodopiada pelo seu namorado. Guilherme retribuiu aquele abraço com um beijo apaixonado e declarou seu amor a Clara.

- Não estou acreditando que isso tudo é real! – disse Clara.

- Isso tudo é real, meu amor, minha menina! – disse Guilherme.

Retirando o anel de noivado que Clara havia lhe devolvido, Guilherme chamou Maria, Fernando e Júlia, Edu e sua família, para oficializar o pedido de casamento.

- Dona Maria! Sou o homem mais feliz e sortudo do mundo, por ter conhecido e me apaixonado por sua filha. Há oito anos, desta mesma maneira, conheci uma menina que timidamente tocava seu violino num canto sozinha, no *Concertgebouw*, lá na Holanda. A suavidade e serenidade com que Clara tocava aquela música, seu lindo rostinho de Anjo e o sorriso que carrega em seu olhar, fizeram eu me apaixonar por ela. Logo que começamos a namorar, vi que não se tratava de paixão, mas de um amor verdadeiro. Vivemos cinco lindos anos de amizade, de companheirismo, de cumplicidade, de vicissitudes, de alegrias, e Clara me proporcionou as emoções mais lindas de minha vida. Clara me ensinou a amar de verdade. – dizia Guilherme com um sorriso em sua face, e brilho em seu olhar.

- Infelizmente, por imaturidade ou pelos traços Divinos, não foi possível que continuássemos juntos! E então nos separamos, mesmo nos amando intensamente! – continuou Guilherme.

- Clara adoeceu e tive muito medo de perdê-la, e foi quando descobri que não posso e não consigo viver longe da minha amada. – finalizou Guilherme.

- Dona Maria, hoje peço a mão de Clara em casamento e prometo fazer sua filha, a mulher mais feliz do mundo. A senhora me concede? - pediu Guilherme entregando o anel para Clara.

- Não preciso lhe dizer nada, Guilherme! É claro que concedo! – disse Maria feliz por vislumbrar a felicidade da filha.

- Guardei este anel, como o meu amor. – disse Guilherme olhando para sua noiva.

Clara abraçou Guilherme e logo depois chamou todos para uma linda foto. Alegres, todos se posicionaram frente à saída do Teatro Municipal. Era mais uma foto nas lembranças de Clara, e nas grandes emoções de sua vida.

Todos voltaram para casa. Clara e Guilherme aproveitariam a noite paulista, e Clara levaria Guilherme para conhecer sua cidade. Maria e Fernando retornaram para Holambra, e Júlia aproveitou para visitar a pequena cidade, com sua nova família.

- Esperei tanto por este dia, Gui! – disse Clara olhando nos olhos de Guilherme.

- Não só você, Clarinha! Tenho certeza que você é a mulher da minha vida! E pra sempre eu quero estar ao seu lado! – disse Guilherme.

- Dorme comigo esta noite, Gui? – pediu Clara.

- Esta e todas as noites de nossa vida, Clarinha! – disse Guilherme.

Antes de voltarem para casa e Clara mostrar seu apartamento para o seu namorado, Guilherme lhe entregou uma pequena correntinha com vários pingentes em forma de violino e notas musicais.

- Que lindo, Gui! – disse Clara agradecendo o presente.

- Não é a mim que deve agradecer! É o presente de uma pessoinha que te ama muito e que ainda não conseguiu te esquecer! – disse Guilherme.

- Você? – perguntou Clara.

- Eu também te amo muito, Clarinha! Mas, este presente é de John. Antes de vir para o Brasil encontrei com ele. Disse que viria te ver e ele perguntou quando que você cumpriria sua promessa. Perguntei sobre o que se tratava a promessa, e ele me disse que você prometeu que voltaria à Holanda para visitá-lo. Já se passaram quatro anos e hoje ele já é um rapazinho.

- Ele me pediu que trouxesse esta correntinha pra você, e que lhe entregasse. Pediu também para que a usasse sempre se lembrando dele, do amor e do carinho que ele sente por você. – disse Guilherme.

- Que lindo, Gui. Eu amo o John, e sempre me lembro dele com muito carinho. Vamos colocar e ver como fica! – disse Clara.

Guilherme pegou aquela correntinha e delicadamente colocou no braço de sua namorada. Observaram os pingentinhos e Clara percebia o quanto a música era

presente em sua vida, e como a música ligava Clara às pessoas. Era um instrumento que conduzia seus sentimentos para o mundo.

Clara e Guilherme retornaram para o apartamento. Clara mostrou para seu noivo seu cantinho e como havia decorado cada pedacinho. Mostrou-lhe as flores que cultivava. As fotos junto com Maria e Fernando. As fotos com seu pai na pequena cidade de Holambra. As fotos na Orquestra com Edu, e as fotos com Júlia depois de sua cura.

Aquele momento era tudo o que Clara sempre sonhara desde que retornou para o Brasil. Sua reconciliação com Júlia e Guilherme.

Clara pegou uma foto antiga que tiraram na ponte de um canal em Amsterdam e mostrou para seu amado.

- Lembra-se desse dia, Gui? – perguntou Clara.

- É claro que lembro, Clarinha! Guardei essa foto em minhas lembranças! – disse Guilherme.

- Vamos tirar uma foto agora, Gui? – perguntou Clara.

- Vamos sim! – disse Guilherme.

Guilherme pegou sua câmera, que havia levado para a apresentação de Clara, e a programou, como naquele dia em Amsterdam.

- Corre, Gui! – disse Clara.

Guilherme correu até Clara, a pegou em seu colo e lhe deu um grande beijo. A câmera acionou o flash e a foto foi tirada. Guilherme e Clara esqueceram a câmera de lado e Guilherme levou sua namorada até o quarto e a colocou sobre sua cama. Clara sentia o coração de seu amado mais acelerado. O coração de Clara batia descompassado e sua alegria era nítida. Sorria enquanto amava seu grande amor.

- Te amo muito, meu amor! – disse Clara ao ouvido de Guilherme.

Guilherme levou a mão de Clara até seu coração.

- Está sentindo? – perguntou Guilherme.

- Sim! – respondeu Clara.

- É o som do meu coração. Ele está lhe dizendo que te ama muito! E que de hoje em diante ele é todo seu! – disse Guilherme.

Guilherme beijou sua amada e lhe deu todo o seu amor naquele dia. Clara queria que aquela noite não acabasse. Era o grande amor da sua vida, finalmente, em sua vida.

Seis meses se passaram e Clara e Guilherme providenciavam os preparativos para o casamento. Guilherme havia deixado sua banda e recomeçava sua trajetória no Brasil, desta vez seguindo carreira solo. Clara continuava a tocar na Orquestra Sinfônica de São Paulo e continuava a lecionar para suas turmas. Moravam juntos no apartamento de Clara e logo realizariam a cerimônia que os uniriam para sempre.

- Amor, comprei meu vestido hoje! – disse Clara.

- Vai estar linda! Como ele é? – perguntou Guilherme.

- Não posso lhe falar! Não traz sorte, amor! Terá de ver somente na hora do casamento! – disse Clara.

- Então não mostrarei meu terno para você! Somente verá no casamento! – disse Guilherme brincando com sua noiva.

- Quanto ao terno, não há nada que fale sobre azar ou sorte em vê-lo antes! Anda Gui, me mostra? – perguntou Clara.

- Não! Vai ficar curiosa até nos casarmos! – respondeu Guilherme.

- Não estou acreditando que estamos aqui juntos, Gui! Estamos preparando nosso casamento! Tudo parece um sonho! Um lindo sonho se realizando! – disse Clara.

- Então não vamos acordar! Vamos sonhar juntos para sempre, minha menina! – disse Guilherme.

Guilherme deu um beijo em Clara e almoçaram juntos para depois irem trabalhar. Guilherme estava dando aulas de música para adolescentes numa escola de música popular e cantava aos finais de semana em barzinhos da região metropolitana de São Paulo. Guilherme logo conseguiu um empresário para gerenciar suas apresentações. Estava com um novo projeto. Iria lançar seu

primeiro cd solo e contava com a ajuda de Clara para suas composições. Eram feitos um para o outro. Em música, em amor e em alegria.

Finalmente, chegara o grande dia da vida de Clara. Seu casamento com o seu amado. Estava linda. Seu vestido era branco, todo bordado com pedras de Swarovski, com uma grande calda que se estenderia pelo tapete vermelho posto ao grande corredor da Igreja. Seu corpo era delineado pelas formas ondulares de seu vestido. Após o tratamento da Leucemia, seus cabelos cresceram mais claros e brilhavam em cor de ouro. Carregava um buquê de rosas vermelhas e brancas. Eram suas flores preferidas.

Chegava a hora de sua entrada na Igreja e Clara continha a emoção daquele momento. Abriram-se as portas, e ao som de um violino, Fernando conduziu Clara em direção ao altar. Mais do que nunca, o sorriso de Clara resplandecia em seu olhar. Era o dia mais feliz de sua vida. Cada dia sua felicidade era superada pela alegria de estar ao lado das pessoas que amava.

Guilherme estava encantador. Parecia um príncipe trajando um lindo *smoking*. Seus pais estavam presentes em sua cerimônia de casamento e emocionados ao verem o casamento de seu único filho. Júlia subira com Edu ao altar, pois eram os padrinhos de Clara. A cerimônia foi realizada na cidade de Holambra e a festa aconteceu na fazenda de Clara. Todos comemoravam a felicidade do casal, a recuperação de Clara e o crescimento profissional de Guilherme no Brasil. Em breve, Guilherme lançaria seu primeiro cd, que contava também, além de suas composições, com um sucesso de sua banda formada na Holanda.

O padre conduzia o cerimonial que emocionava a todos ali presentes. Era uma bela história de amor.

- Por fim, digo-vos, como Paulo disse em Corintios I, 13: *"O amor é sofredor, é benigno o amor; o amor não é invejoso, o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece. Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal; não folga com a injustiça, mas folga com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta."*(...)

Clara se emocionava com aquele texto bíblico que retratava o seu amor por Guilherme, e tudo que haviam passado para estarem ali, naquele momento, unindo suas vidas.

A celebração chegou ao final e os semblantes dos noivos demonstravam a imensa alegria de estarem novamente juntos. E agora seria para todo o sempre.

- Assim, declaro-vos marido e mulher! Guilherme, pode beijar a noiva! – disse o padre.

Sem mais esperar, Guilherme olhou para a sua amada e vislumbrou toda a sua felicidade resumida em sua feição.

- Eu te amo, meu amor! Obrigada por fazer parte da minha vida, agora para toda a eternidade! – disse Guilherme.

Clara e Guilherme, então, beijaram-se carinhosamente no altar. Ao saírem, receberam pétalas de flores na escadaria da Igreja e muito arroz, simbolizando um ritual de sorte.

Já na festa, era chegada a hora de atirar o buquê, e todas as mulheres solteiras se posicionaram atrás de Clara.

- 1, 2, 3 e...! – disse Clara antes de atirar seu buquê.

Clara ameaçou jogá-lo, e na terceira vez atirou seu buquê, que caiu às mãos de sua irmã Júlia.

- Eu? – disse Júlia espantada.

- Ju, temos festa de casamento em breve? – perguntou Clara sorrindo para sua irmã.

A festa perdurou durante toda a noite, e Clara e Guilherme seguiram em lua de mel para Ilha Bela, no Estado de São Paulo.

- Esta noite será a noite mais linda de nossas vidas, Clarinha!

- Com certeza será, meu amor! – disse Clara.

Os noivos chegaram à Ilha Bela, onde viveram uma semana cheia de amor e romantismo. Fizeram passeios de lancha, aproveitaram o anoitecer para repetirem o luau feito na Holanda. Conheceram praias desertas e pegaram conchinhas do mar. Tiraram várias fotos naquele paraíso e aproveitavam cada segundo que a vida lhes oferecia juntos.

Dois meses se passaram, e Clara e Guilherme receberam a melhor notícia de suas vidas, depois que se casaram. O maior sonho da vida de Clara estava se realizando. Clara seria mãe dali a oito meses, pois estava em seu primeiro mês de gestação.

A notícia foi dada por Clara para todos em sua casa. Fernando e Maria passavam o fim de semana no apartamento de Clara e Guilherme, e ficaram vibrantes em saberem que teriam mais um integrante na família.

Clara ainda não havia falado com Júlia a respeito de sua gravidez, e logo que pôde, ligou para que sua irmã fosse até seu apartamento assim que saísse de seu plantão. Júlia estava ansiosa para saber qual era a grande notícia que lhe aguardava.

- Oi, Clarinha! Como está, minha irmã? – perguntou Júlia ao chegar ao apartamento de Clara.

- Estou ótima e com uma linda notícia para lhe dar! – disse Clara.

- Ande, me conte Clarinha! Passei o dia ansiosa para saber!

- Você será titia e madrinha de um neném lindo que já carrego em meu ventre! Estou com um mês de gestação. – disse Clara com o sorriso que carregava em seu olhar.

- Que lindo! – disse Júlia emocionada com aquela notícia. O sobrinho de Júlia nasceria. Um membro a mais de sua família, além de Clara. Estava muito contente com aquela notícia, e ainda, em saber que seria madrinha de seu sobrinho.

- Muito obrigada por me convidar para ser madrinha de seu filho, minha irmã! – disse Júlia.

- Eu que tenho que te agradecer por estar viva, e poder viver todos estes dias que estão sendo de muita alegria. – disse Clara abraçando sua irmã.

- Vamos escolher o nome, me ajude Gui! Venha Ju! – disse Clara.
- Eu gosto de Maria se for menina! Assim como minha mãe! Nome de mulher forte e guerreira! Assim como a Mãe de Jesus! – disse Clara.
- Eu gosto de Vitória, como o da minha mãe também! Nome de guerreira e vencedora! Assim como você, Clarinha! – disse Júlia.
- Pronto! – disse Guilherme.
- Como? – perguntou Clara.
- Pronto, meu amor! Se for uma menina se chamará Maria Victória! Com a letra “c” de Clara no meio, para estar pra sempre com ela. O que vocês acham? – perguntou Guilherme.
- Perfeito! – disse Clara. Maria Victória! – disse Clara imaginando sua pequena menina.
- Amei a idéia! – disse Júlia.
- E se for homem, poderá ser Guilherme Júnior! – disse Guilherme sorrindo para sua esposa.
- Lindo nome, como o do pai! – disse Clara, agora imaginando um garotinho, como o John.

Fernando e Maria chegaram naquele instante e logo souberam dos nomes escolhidos para o filho de Clara. Maria havia ficado muito feliz em saber que sua neta teria seu nome. Fernando optou por Fernando Sobrinho, brincando com seu cunhado.

Sete meses se passaram e Clara estava perto de ganhar sua filha. Descobriu durante a gestação que seria uma menina. Queria descobrir na hora de seu nascimento, mas Guilherme estava ansioso para saber o sexo de seu bebê, e pela chegada de seu primeiro filho.

Certa manhã, Clara acordou assustada, com muitas dores abdominais e observou que sua bolsa havia estourado, e junto a ela havia sangrado também. Ainda faltava mais de um mês para completar quarenta semanas de gestação e Clara ficou muito preocupada. Guilherme não estava em casa, pois havia ido,

no dia anterior, fazer um show numa cidade vizinha, e chegaria somente pela tarde. A dor aumentava, e Clara lembrou-se de sua irmã que era médica e morava perto de sua casa.

- Ju? – disse Clara.

- Clarinha? O que está acontecendo? – perguntou Júlia ao ver o nervosismo da irmã.

- Minha bolsa estourou e estou sangrando. Não tenho ninguém aqui para me acompanhar até o hospital! Não consigo me levantar sozinha, Ju! – disse Clara.

- Está em casa, Clarinha? – perguntou Júlia.

- Estou sim, Ju! Estou com muitas dores. – disse Clara.

- Fica ai, paradinha, que em um minuto chego e vamos juntas ao hospital! Vou ligar para uma ambulância também! – disse Júlia.

- Não demore, Ju! Pois já estou tendo muitas contrações e não paro de sangrar! – disse Clara.

Havia muito trânsito naquele dia. Júlia demorou vinte minutos para chegar ao condomínio de Clara. Subiu rapidamente e encontrou sua irmã com muitas dores. Clara havia tentado se levantar de sua cama, para chamar algum vizinho para lhe ajudar, e sem conseguir, caiu permanecendo deitada no chão.

- Ju, não deixe que eu perca minha filha! – pedia Clara chorando com muita dor.

- Não vai perder, Clarinha! Ela só está querendo vir ao mundo mais cedo! – disse Júlia preocupada com o sangramento de Clara.

- Vamos, vou te colocar no carro e vamos direto para o hospital! – disse Júlia.

Clara estava sentindo muitas dores e não conseguia se mover.

- Não consigo, Ju! Teremos de chamar um médico! – disse Clara.

- Ai meu Deus! Só fiz isso uma vez na minha vida, como treinamento emergencial! – disse Júlia prevendo que teria de realizar o parto de sua irmã.

Júlia ligou para um amigo especialista e contou o que estava ocorrendo. Não chegariam a tempo no hospital e a ambulância não chegava.

Júlia chamou uma vizinha para ajudar levar Clara até seu quarto. Deitou sua irmã em sua cama com lençóis limpos. Providenciou tudo que o médico havia

lhe informado. Júlia rezava para que seu amigo e a ambulância chegassem a tempo. Clara começou a sentir muitas contrações e Júlia teve de se adiantar.

- Ai, Ju! Vai nascer! – gritava Clara com muita dor.

- Calma, Clarinha! Respira meu amor, vai dar tudo certo! – disse Júlia.

Júlia posicionou-se frente à Clara e procedeu como havia aprendido há muitos anos na Universidade.

- Respira, Clarinha! Respire e solte aos poucos, fazendo força para o neném nascer! – disse Júlia.

Clara respirava muito e sentia que não iria conseguir. Havia planejado fazer cesariana, e estava prestes a ganhar seu filho em seu apartamento. Queria que Guilherme estivesse ao seu lado no momento em que sua filha nascesse.

Logo, o Doutor Pedro Henrique, amigo de Júlia chegou ao apartamento e ajudou Júlia no parto.

- Ela está perdendo muito sangue! Temos de levá-la urgentemente para o hospital! –disse o médico.

- Ju, vou morrer. Vou perder minha filha. Não posso! - disse Clara.

- Não vai, Clarinha! Estou aqui do seu lado! – disse Júlia apertando as mãos de Clara.

- Não vai dar tempo de chegarmos ao hospital. Ela está nascendo! – disse o médico.

- Chame uma ambulância, Dra. Júlia! – pediu o médico.

- Já chamei, ainda não chegaram! – disse Júlia.

Clara fazia muita força e as contrações eram muito intensas.

- Ligue para o Gui e minha família! Não quero morrer sem falar com eles! – disse Clara.

- Não vai morrer, Clarinha! É sua filha nascendo! – disse Júlia.

O médico que acompanhava Júlia não estava tão esperançoso com o sucesso do parto. Estava aflito, pois visualizava que Clara estava tendo um início de eclampsia, após verificar sua pressão.

- Já ligou para a ambulância, Doutora? – retornou a perguntar o médico, aflito com o estado de Clara.

- Sim, Doutor! Estão a caminho! – disse Júlia.

- Está nascendo! Vamos Clara, respire e solte! – disse o médico.

- Vamos, Clarinha! Força, minha irmãzinha! – dizia Júlia pegando forte as mãos de sua irmã. Júlia queria passar sua força para Clara. Sabia que era uma situação extremamente delicada. Voltou a temer a perda de sua irmã.

- Não consigo! – disse Clara.

- Vamos, Clara! Você consegue! – disse o médico.

- Ju! – disse Clara chorando.

- Não vou conseguir, Ju! – disse Clara.

- Conseguirá, tenha fé! – disse Júlia.

- Ju, existe uma carta em meu violino! Se acontecer algo comigo, pegue esta carta.

- Não diga bobagem, minha irmã! Vai dar tudo certo! – dizia Júlia com lágrimas no olhar.

- Não vou conseguir, Ju! Diga a todos que eu os amo muito! Ao Edu, ao meu querido John, ao Fernando, ao meu grande amor, Guilherme! – dizia Clara chorando com os olhos avermelhados. - A minha mãe, minha linda mãe! Diga a ela que a amo muito! Eu te amo, minha irmã! – disse Clara.

Já se escutava a ambulância estacionar frente ao condomínio de Clara quando se ouviu também o primeiro choro de sua pequena menina ao nascer. Era Maria, guerreira e vitoriosa como a mãe. Clara olhou nos olhos de sua pequena menina e sorriu ao vê-la, encolhida em seus braços. Fechando seus olhos, Clara desfaleceu e foi levada pela ambulância, juntamente com sua filha, às pressas ao hospital mais próximo.

Clara foi internada rapidamente e os médicos tentavam reanimá-la. Maria Victória recebia os primeiros cuidados na enfermaria do hospital. Fernando e Maria já haviam sido avisados de todo o acontecido. Guilherme não esperou que Júlia terminasse de lhe falar para sair da cidade que estava e ir direto para o

hospital. Júlia acompanhou Clara até a sala onde os médicos tentavam reanimar a garota.

- Minha pequena irmã! Não faça isso comigo! Por favor! Não me deixe! Você é tudo que eu tenho na vida! – dizia Júlia ao ver que Clara não respondia aos choques do desfibrilador que tentavam reanimá-la.

- Vamos para a última tentativa, doutora! – disse um dos médicos que estava na equipe.

- 1, 2, 3, vai! – disse o médico.

Clara não respirava mais. Não tinha mais pulsação e já não constavam mais suas batidas cardíacas. Clara havia partido.

- Infelizmente, perdemos nossa paciente! – disse o médico olhando para Júlia.

O olhar avermelhado e cheio de lágrimas de Júlia mostrava seu aspecto de desespero.

- Não! Minha irmãzinha, não! Diga que isso não está acontecendo! Era o grande sonho da vida dela! Diga doutor, não é minha irmã que está deitada sem vida na minha frente! Ela é cheia de vida, não! Não, Doutor! – disse Júlia.

- Infelizmente, é a Clara, doutora! – disse o Dr. Pedro Henrique, amigo de Júlia.

- Foi minha culpa! Porque eu não estava com ela mais cedo? Não posso acreditar! – disse Júlia.

Júlia se ajoelhou perto de Clara e pegou em suas mãos.

- Minha pequena musicista. Minha irmã. Não faz isso comigo! Eu não vou agüentar viver sozinha! E a orquestra, como será sem você? E seu grande amor? Sua família que te ama mais que tudo. Sua simplicidade e alegria de viver! O sorriso que só encontro em seu olhar! Por favor, não vá embora! Fica aqui comigo, Clarinha! – disse Júlia.

Em silêncio, olhou para o rosto de sua irmã e lembrou-se de todos os sorrisos que juntas haviam compartilhado. De sua irmã cantando na Holanda. Das longas conversas que tinham durante sua faculdade. De quando se conheceram em Campos do Jordão. De sua visita à Holambra. Do tempo em que ficaram separadas. Da dor causada em sua irmã pelo seu silêncio. Da doença e da luta

de Clara. Do transplante e das alegrias vividas com Clara após seu tratamento. De seu casamento. De sua gravidez e de tudo que compartilhou com sua irmã.

- Não posso imaginar minha vida sem você, Clarinha! – disse Júlia. Fica comigo, minha irmã! – disse Júlia chorando ao lado de Clara.

Júlia olhou para o rosto de Clara e viu que sua irmã usava a correntinha que havia dado para ela, antes de sua formatura. Usava também a delicada pulseira feita em notas musicais que John havia lhe presenteado.

- Você era a música da minha vida, minha irmã! Minha última canção! – disse Júlia antes de deixar Clara.

Fernando e Maria chegaram ao hospital. Logo após, Guilherme chegou querendo notícias de sua esposa.

Júlia olhava para sua irmã e não tinha coragem de sair de seu lado e dar aquela trágica notícia para sua família. Mas, ela teria de fazer.

Júlia não conseguia conter suas lágrimas e deixando Clara na sala que foi socorrida, encaminhou-se em direção à sala de espera.

Maria viu Júlia sair pelo corredor e correu em sua direção. Não precisou lhe perguntar sobre sua filha. Os olhos de Júlia já responderam à sua pergunta. Júlia abraçou forte Maria e Fernando e suspirava chorando a perda de sua irmã. Guilherme passou a mão em seus cabelos e num grito de dor quis que o tempo voltasse por alguns instantes para não ter deixado Clara sozinha naquela noite. Sentia-se culpado e não poderia fazer absolutamente nada para mudar a situação.

- Cadê minha Clarinha? – perguntava Guilherme.

- Não pode vê-la agora, Gui! – dizia Júlia.

- Eu quero ver minha Clarinha! Não me impeça, por favor! – disse Guilherme.

Júlia conversou com seu amigo que autorizou a entrada de Guilherme, juntamente com Fernando e Maria para que vissem Clara naquele momento.

Juntos foram até a sala onde estava Clara. Maria ficou em prantos ao descobrir o corpo da filha e vê-la ali, sem vida.

- Ela foi uma guerreira e venceu aquela trágica doença. Porque agora quando ela estava mais feliz? – dizia Maria.

Fernando não conseguia falar. Suas lágrimas rolavam em sua face e tentava consolar a mãe a todo momento. Guilherme se aproximou de Clara e pegou em suas mãos. Acariciou seu rosto e deu um beijo em sua face.

- Minha Clarinha! Minha amada! Meu eterno amor! Minha menina! Você me deu os melhores anos de minha vida! Não me deixe! Não conseguirei viver sem você! – dizia Guilherme.

Guilherme permaneceu um longo tempo chorando em frente a sua amada. Já não havia nada a ser feito. Clara partira para o plano Divino, tendo cumprido sua missão.

Ensinou às pessoas o que era o amor, e o que significava o perdão. E como nunca, pôde realmente tocar o coração das pessoas que amava, na intensidade de sua alma. Clara era o amor feito em pessoa. Era música e melodia. Som e harmonia. Carinho e dedicação. Vitória e serenidade. Era simplesmente luz.

Maria Victória permaneceu na incubadora durante uma semana e recebeu alta para que pudesse ir para sua casa. Naquela mesma semana foi realizado o funeral de Clara e as últimas despedidas e homenagens àquela que trouxe para as pessoas que a conheciam, uma grande lição de vida. Edu e sua família estiveram presentes, assim como Rogério. Edu não conseguia conter sua tristeza em perder sua melhor amiga.

Após todos deixarem o local, Guilherme se dirigiu ao jazigo de Clara onde ali deixou duas rosas, uma vermelha e uma branca.

- Vá com Deus, minha pequena! Estará para sempre em meu coração, sendo eternamente meu grande e único amor! Eu amo você! Para sempre! – disse Guilherme.

Neste momento, um vento forte trouxe a Guilherme pedaços de pétalas que ali se encontravam. Eram pétalas de rosas vermelhas. Naquele momento Guilherme sentiu o perfume de sua amada. Tinha certeza que Clara estava presente ali, ouvindo suas palavras.

A semana passou e Guilherme, juntamente com Maria e Fernando, foi até o hospital para enfim levarem Maria Victória para casa. Haviam visitado a menina durante todo o tempo em que ficou no hospital e chegava o momento de Guilherme pegar sua filha em seu colo pela primeira vez.

A enfermeira trouxe Maria Victória até Guilherme e colocou-a delicadamente em seus braços. Guilherme, desajeitadamente pegou sua filha e tentava encontrar a melhor posição de colocá-la em seus braços.

Maria Victória abriu seus olhos e sorriu para o seu pai. Naquele momento Guilherme visualizou o olhar de Clara no pequeno rosto de sua filha. Ela sorria com o olhar, como Clara.

- Olha que linda que é minha filha, Dona Maria! – disse Guilherme.

- Ela é linda, Guilherme! Assim como Clara! – dizia Maria recordando o nascimento de Clara.

Fernando e Júlia foram, igualmente, ver a sobrinha que sorria como uma Anjinha para seu pai.

- Ela é linda! – disse Júlia.

- Olha os olhinhos! Parecem diamantes! – disse Fernando relembando o olhar de sua irmã e babando pela beleza de sua sobrinha.

- Será uma bela violinista! – disse Maria.

Neste instante Júlia lembrou-se do pedido de Clara pouco antes de desfalecer.

- Pegue uma carta em meu violino! – lembrou Júlia da fala da irmã.

Júlia contou a todos sobre o ocorrido. Ao chegarem no apartamento de Clara, Júlia pegou seu violino e abriu para pegar a carta.

- Não há nada! – disse Júlia.

- Tem certeza? Olhe por debaixo dele! – disse Maria.

Júlia procurou e não encontrou nada. Foi quando Júlia percebeu um pequeno vão por debaixo do violino. Júlia então abriu e pôde ver várias fotos e papéis. Era onde Clara guardava os melhores momentos de sua vida. Junto com sua música preferida, Minueto em G.

- Deve estar aqui! – disse Júlia.

Aos poucos, Júlia retirou tudo que havia lá dentro. A foto de Guilherme e Clara na ponte de Amsterdam. A foto de Clara e Júlia quando se viram pela primeira vez. Uma foto da família de Clara reunida antes de Joaquim falecer. A foto que todos tiraram na volta de Clara para a OSESP. A partitura dos arranjos feitos por Clara no Minueto em G de Bach, sua foto sem cabelos quando se recuperava da Leucemia, várias fotos que tirou depois de curada, andando de cavalo em sua fazenda, nadando no pequeno riacho, correndo pelo campo com Júlia. Por fim, uma carta escrita por Clara nos primeiros dias de sua internação. Júlia abriu a carta que estava dobrada junto com vários outros manuscritos e começou a ler um a um para que todos ouvissem.

“São Paulo, 2003

Há pouco mais de sete anos perdi uma pessoa muito especial em minha vida. Meu pai. Ele foi um exemplo de tudo de mais especial que trago no coração. Força, garra, amor e determinação. Pela primeira vez pude sentir a dor do que era perder alguém na vida. Não foi fácil. Mas ele me ensinou também que temos uma chance única de viver, e temos de fazer desta chance a nossa história de vida. Traçar metas, percorrer sonhos, viver aventuras, alegrias e acima de tudo, amar. Amar o que se faz, amar o que se tem, amar o que se é! Hoje amo minha profissão e meus alunos e amigos queridos. Amo tudo que com muito esforço conquistei e tudo o que há de vir para minha vida. Amo minha família, a qual me impulsiona sempre a ser mais, a percorrer os meus sonhos e anseios. Amo duas pessoas que cruzaram meu caminho e não consigo entender o motivo o qual me faz permanecer ligada à elas. Já não pertencem mais a minha história. Guilherme foi um lindo amor. Meu único e verdadeiro amor. Não tenho palavras para descrever sua importância em minha vida. Júlia foi meu alicerce. Minha mão amiga quando precisei. Alguém que me proporcionou longos anos de crescimento pessoal, emocional. Hoje sofro pela segunda vez a dor de perder pessoas especiais. O silêncio corrói minha alma e me sinto perdendo as forças para viver. Sinto que hoje não posso, mas um dia poderei perdô-los de verdade. Hoje grande parte de meus sonhos se concretizaram. Ainda hei de

ser mãe, mas antes disso a pequena musicista de Holambra se tornou uma grande violinista. De certo, era para minha alegria ser completa! Mas não é! Faltam Júlia e Guilherme! Falta um pequeno pedaço de minha vida que o destino separou de mim. Hoje choro a dor, choro a perda, choro a angústia e o silêncio! Sinto que tudo isso é uma provação de como posso ser verdadeiramente a Clara que todos conhecem, capaz de amar na plenitude da palavra. E ainda que haja dor, haverá sempre amor! Ainda que minhas forças acabem, lutarei sempre para vencer! Não me sinto bem, e temo que possa partir desta vida! Se eu pudesse fazer alguns pedidos a Deus neste instante, seriam somente três! Viver feliz ao lado de minha família, reviver os lindos momentos que tive ao lado de Guilherme, e reencontrar em Júlia a figura de irmã que tenho em meu coração!"

"São Paulo, 2003

Hoje recebi uma grande e linda notícia. Deus presenteou-me com uma amiga, me trazendo além de uma irmã, uma segunda chance de viver!"

"São Paulo, 2005

Após minha volta a Orquestra Sinfônica do Estado, recebi de Deus meu segundo presente após minha vitória contra a Leucemia. Meu amado Guilherme voltou para mim, e estamos vivendo um lindo sonho o qual não quero jamais acordar. Em breve nos casaremos e viveremos juntos para todo o sempre. Para todo o sempre."

“São Paulo, 2005

Hoje descobri que estou grávida há um mês. Sinto que será uma linda menina, e que poderá assim como eu aprender a arte da música. Espero que carregue o amor por onde passar e possa transmitir luz por onde quer que vá. Sinto-me completa! Obrigada meu Deus, por permitir-me ser feliz novamente!”

“São Paulo, 2005

Aproxima-se o nascimento de minha filha e não me sinto bem. Fui ao médico e ele me disse estar tudo certo. Não tenho tido bons sonhos e sinto que meu dia se aproxima. Não quero pensar em coisas ruins, mas meu coração jamais me enganou. Não me enganou quando levou Júlia e Guilherme. E agora, os perderei novamente! E perderei minha família que tanto amo! Estou pressentindo que não estarei aqui para compartilhar a pureza e alegria de ver minha pequena menina crescer. Minha vida está chegando ao fim. Esta carta é um presságio de que não estarei aqui para compartilhar de minhas alegrias com vocês que um dia hão de lê-la. A minha família, Maria e Fernando: Vocês foram minha estrela guia, meu apoio, minha alegria de viver. Nasci e cresci na melhor família que Deus poderia ter escolhido para mim. Tornei-me uma grande musicista. Mamãe me ensinou o que de mais belo sabia: o dom de transmitir sentimentos através dos sons. Os anos se passaram e aquela menininha que arranhava notas estranhas no violino, se formou num grande conservatório, e realizou seu grande sonho de participar de uma grande orquestra. Obrigada, mamãe! Pelo apoio, pelas noites sem dormir ao meu lado, por ser mãe, amiga! Devo minha vida a você. E só agora carregando minha pequena menina, sinto a magia em ser mãe! Deveríamos nascer com esta magia, para assim sermos filhos melhores! Não sei se consegui, mas tento ser a filha que você e papai sonharam! Eu amo você! Fernando, meu irmão! Quantas alegrias vivemos juntos! Na escola, na fazenda, com nossos amiguinhos de infância brincando pelo campo! Não

tenho nada a reclamar de minha infância, e sim a agradecer por ter compartilhado dela contigo! Sempre bem humorado e com um sorriso no rosto! Era e continua sendo a alegria em pessoa! Era calma e serenidade, trabalho e responsabilidade assim que papai se foi! Teve muito cedo que assumir o cargo de chefe da casa, e soube como ninguém lidar com os negócios de papai! Sou orgulhosa de ter um irmão assim como você! Eu amo você, e guardarei boas lembranças para sempre de tudo que vivemos juntos! Júlia! Minha mais nova e linda irmã! Como a vida nos surpreende, não é mesmo? Meu carinho por você nasceu de uma simples conversa e foi se solidificando com o tempo e tudo que compartilhávamos, ainda que por telefone. Meu carinho e amor foi aumentando a medida que sentia sua preocupação e atenção comigo. Meu coração já desconfiava de nossos laços de irmandade. Não pensava que toda nossa história se revelaria desta maneira. Você salvou minha vida e me deu alguns anos a mais para poder completar minha trajetória. Anos que foram suficientes para aceitar que poderia perdoar as pessoas que mais amei na vida, depois de minha família. Você e Guilherme entraram em meu coração e desde então me tornei uma nova Clara. Uma Clara que dividia o amor e o perdão, a vida e a morte. Sua ausência de minha vida foi muito dolorosa. Quando me pediu perdão pela primeira vez, pensei que jamais conseguiria aceitar a dor daquela traição. Mas, logo pude perceber que o essencial era muito maior do que o que aconteceu entre você e Guilherme. Descobrir que você é verdadeiramente minha irmã foi e é um presente Divino. Obrigada pelas noites ao meu lado quando estive doente, obrigada pelo amor e dedicação a mim devotada. Obrigada simplesmente por ser minha irmã! Minha grande amiga! Guilherme! Tenho certeza que Maria Victória viverá... Quanto a mim, a agonia aumenta a cada dia que se passa! O aperto em meu coração já é grande e sinto que não viverei até que nossa filha venha ao mundo! Nossa pequena menina! Guarde meu violino e dê a ela assim que ela completar quatro aninhos! Mostre a ela nossas fotos e a diga sempre que ela foi tudo que eu sempre esperei na vida! Ela é o resultado de nosso amor! Eu estarei entre vocês, no sorriso de Maria Victória, no olhar de minha menina, no som de seu violino! Lembrem-se com carinho de meus momentos felizes ao lado de cada um! Gui, jamais tive dúvida de nosso amor, minhas dúvidas sempre giraram em torno de nossos destinos! Sempre te amei, e pra sempre te amarei! É meu eterno amor! Cuide de nossa pequena! Mamãe e Fernando, sejam a família que Júlia procurou em mim! Não a deixem sozinha! Júlia, serás a madrinha de

minha pequena menina! Ela é a filha que não pôde ter! Seja uma mãe para ela! Digam a Edu que o amo como um irmão em minha vida! E que a Holanda sem ele, assim como nosso curso, nossos estágios e nossas brincadeiras, não teriam a mesma graça! Meu coração está mais leve, por um gesto de perdão ter me trazido quatro coisas: Meu grande amor, uma grande amiga que se tornou irmã, uma família unida, e meu maior sonho, minha filha Maria Victória! Fiquem com Deus, e eu estarei sempre aqui, olhando por vocês! Da filha, irmã, amiga, mãe e mulher! Clara.”

Júlia terminou de ler todas as folhas que estavam dentro do violino de Clara. Não havia mais nada além das fotos que se espalharam pelo chão. Clara era uma menina feliz. Clara era simples e natural. Clara era a prova viva do amor verdadeiro. Clara era puro coração e ele não lhe enganou nem mesmo quando sabia que aqueles seriam os últimos e mais felizes anos de sua vida.

Ainda dava pra sentir o perfume de Clara por seu apartamento. Maria não continha suas lágrimas ao saber que Clara pressentiu tudo que lhe aconteceria.

- Ela foi uma grande mulher! Minha pequena menina! – disse Maria fechando seu violino e guardando tudo que haviam retirado lá de dentro.

Quatro anos se passaram e Maria Victória já era uma linda menina. Corria pela fazenda de sua avó como Clara quando brincava com seu irmão e coleguinhas de pique - esconde. Guilherme vendeu o apartamento da Capital e foi morar na fazenda com Maria e Fernando. Dedicava-se à filha e a sua carreira. Cantava para passar a tristeza de ter perdido seu grande amor. Cantava para Clara, pensando em Clara, e revivendo tudo de mais lindo que viveu ao lado de Clara. Fernando conheceu uma garota e depois de três anos de namoro se casou. Sua esposa estava grávida do primeiro menino da família. Edu continuou tocando na Orquestra Sinfônica de São Paulo e passou a dar aulas de música na USP,

como Clara fazia. Maria dedicava seu tempo à educação da neta, e às primeiras aulas de piano para Maria Victória.

Assim que Maria Victória completou quatro aninhos, ganhou de presente o violino de sua mãe. Vivia andando pela casa tocando o violino e dizendo que seria como sua mãe quando crescesse. Júlia continuou trabalhando na capital durante dois meses e logo se mudou para a pequena cidade de Holambra. Morava perto da fazenda de sua afilhada. Visitava Maria Victória diariamente e procurava manter viva a presença de Clara. Júlia mostrava a ela as fotos de sua mãe, o sorriso de sua mãe, a alegria de viver de sua mãe. As fotos na Orquestra, na Holanda, com sua família, com Júlia e os longos anos de namoro com seu pai.

- A mamãe era linda, assim como você, madrinha! – disse Maria Victória no colo de Júlia.

- A mamãe era a pessoa mais linda que eu já conheci, minha pequena! – disse Júlia abraçando sua afilhada e lhe dando um grande beijo.

- Fica pra sempre comigo madrinha! Eu amo você! – disse a pequena menina.

- Idem! Eu também amo você! – disse Júlia, como dizia para sua irmã.

Estavam todos reunidos na sala da casa de Maria, quando Maria Victória veio correndo com seu violino em direção a Guilherme.

- Papai! Papai! Aprendi a tocar minha primeira música no violino! – disse a pequena Maria Victória.

Todos se sentaram para verem e ouvirem Maria Victória tocar a primeira música que havia aprendido em seu instrumento.

- Re, Sol, La, Si, Do, Re – tocava Maria Victória arranhando as notas que tentava pressionar. Seus dedinhos eram muito pequenos ainda, como os de John, e não tinha força suficiente para que saísse o som correto do instrumento.

- Que linda música, filha! – disse Guilherme para alegrar sua filha.

Todos bateram palma para a pequena garotinha, que sorria com o olhar, se encantando pelos primeiros sons produzidos em seu instrumento.

- Eu aprendi com a mamãe! – disse Maria Victória.

- Como? – perguntou Guilherme assustado.

Todos ficaram em silêncio, aguardando o que Maria Victória responderia.

- Mamãe me disse que era para eu aprender essa música! E por isso escolhi essa!

– disse a pequena menina.

Júlia pegou a partitura e leu: “Minueto em G de Johann Sebastian Bach”. Era a música que tocava na pequena caixinha de música que Júlia havia dado a sua irmã. Era a música que Clara havia tocado para ser admitida na Orquestra de seus sonhos. Era a música da vida de Clara.

Maria Victória novamente sorriu com o olhar e neste momento todos tiveram a certeza, Clara vivia e renascia na música de sua filha.

- Me lembrarei de você e de nosso amor, minha menina. Como lhe prometi, para toda eternidade! Para todo o sempre! – disse Guilherme em seus pensamentos.

Fim